



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

MARIANA PERES DE MORAIS

**A ESCRITA DE SI COMO RELAÇÃO SUBJETIVA E  
INSCRIÇÃO ÉTICA DO SUJEITO SURDO**

SÃO CARLOS – SP

2023

MARIANA PERES DE MORAIS

**A ESCRITA DE SI COMO RELAÇÃO SUBJETIVA E  
INSCRIÇÃO ÉTICA DO SUJEITO SURDO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos – Campus São Carlos, para obtenção do título de Doutora em Educação especial.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Vanessa Regina de Oliveira Martins.

SÃO CARLOS – SP

2023

Morais, Mariana Peres de

A escrita de si como relação subjetiva e inscrição ética do sujeito surdo / Mariana Peres de Moraes -- 2023. 153f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Vanessa Regina de Oliveira Martins

Banca Examinadora: Lara Ferreira do Santos, Janaína

Cabello, Maria Emanuela Esteves dos Santos, Marcia

Lise Lunardi Lazzarin

Bibliografia

1. Educação especial. 2. Língua brasileira de sinais. 3. Língua portuguesa. I. Moraes, Mariana Peres de. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação Especial

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Mariana Peres de Moraes, realizada em 14/03/2023.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Vanessa Regina de Oliveira Martins (UFSCar)

Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos (UFSCar)

Profa. Dra. Janaina Cabello (UFSCar)

Profa. Dra. Maria Emanuela Esteves dos Santos (UFSJ)

Profa. Dra. Marcia Lise Lunardi Lazzarin (UFSCar)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial.

*Dedico este trabalho aos meus pais, Horestes e Auxiliadora, proporcionadores da virtude familiar em minha vida. Ao meu esposo Fernando, que pacientemente me apoiou e me fortaleceu para a execução desse trabalho, aos meus irmãos pelos incentivos em seguir nessa etapa da minha vida, aos meus sogros por me auxiliarem nos desafios do cotidiano para que eu pudesse conseguir dar conta de tantas tarefas. Dedico também a duas pessoas mais que importantes pra mim: meu filho Pedrinho e minha filha Laura, que nasceu durante o percurso desse trabalho, sou grata por aceitarem algumas ausências minhas para que hoje eu pudesse vencer essa batalha.*

## AGRADECIMENTOS

*Porque realizou em mim maravilhas,  
Aquele que é poderoso e cujo nome é Santo.  
(Lucas 1, 46-56)*

É tão gratificante saber que a filha caçula da Auxiliadora e do Horestes, aquela menina tagarela e gasguita, saiu de Fortaleza e foi pra São Carlos, onde formou uma família linda e conquistou algo que antes acreditava ser um sonho tão, tão distante: ser doutora! Dez anos atrás quando fui atraída pela Língua Brasileira de Sinais, ainda na graduação, não imaginava os caminhos que iria percorrer. Caminhos percorridos com grande entusiasmo que me conduziram a contribuir com a Comunidade Surda. E agora esse momento chegou. Após muita dedicação me sinto vitoriosa por ter conseguido concluir este trabalho realizado na dinâmica de driblar o tempo de estudo com o tempo em que estive trabalhando como professora, elaborando conteúdos, vivenciando uma pandemia com isolamento social, dando aulas *online*, conciliando as tarefas profissionais com os afazeres exigidos de uma dona de casa e ainda com as demandas da maternidade, com tantas noites maldormidas, conciliando leitura com as mamadas; escrita com choro e trocas de fraldas.

Então, chegar até aqui me faz sentir imensamente grata por ter enfrentado alegrias, medos, inseguranças e até desespero. Sim, vivi grandes emoções, mas foram justamente elas que me impulsionaram a superar cada desafio. Tudo o que experienciei durante o doutorado me tornou uma mulher inteiramente transformada e realizada. Assim, encerro essa etapa acreditando que fiz o que antes não imaginava que um dia conseguiria fazer. Mas, obviamente, seria impossível conseguir concluir sozinha. Por isso, preciso agradecer, primeiramente, aquele que me inspirou, me capacitou e me conduziu até aqui: o Espírito Santo de Deus e todos os santos e anjos por quem eu clamei para que tudo desse certo. Principalmente, devo agradecer à minha mãe e rainha, a Virgem Maria Santíssima, por sua intercessão, cuidado e amor comigo e por todo esse processo de crescimento que vivenciei.

De modo especial, agradeço ao meu esposo Fernando, fonte de sabedoria, amor, parceria e compreensão; aos meus filhos, Pedro e Laura, amores da minha vida, meu lugar de encanto, minha fortaleza. É por causa deles que tem sido possível, nos últimos anos, percorrer essa jornada intensiva que é a vida acadêmica; Aos meus pais, Auxiliadora e Horestes, aos meus irmãos Raquel, Sara e Carlos César por proporcionarem o que existe demais valioso pra mim nesse mundo: a família. Agradeço por ter recebido de vocês força, positividade, fé, resiliência,

coragem, alegria e a leveza de viver a vida com seriedade, equilíbrio e humor. A vocês, minha profunda gratidão.

Aos sogros e cunhados agradeço pelo apoio, incentivo incondicional e por estarem sempre presentes em minha vida e na vida de meus filhos. Muito obrigada! Agradeço as amigas, Keliane Macário, Bianca Farias, Samia Cavalcante, Alana Guedes, Clarissa, Tici, Ari, Juh Maciel, presentes de Deus pra mim. Mesmo distante fisicamente me acompanharam nessa jornada, me mandando áudios, me dando força, compartilhando risadas, experiências e sendo divertidas companhias durante as escritas e leituras que eu fazia nas madrugadas.

Saint-Exupéry nos diz que o verdadeiro amor começa lá, em algum lugar, onde não se exige mais nada em troca. Acredito que existem diversos lugares, espaços e pessoas que em meio a um complexo de relações podem ser esse lugar. Alguém que tem representado para mim um desses lugares é a Professora Vanessa Regina de Oliveira Martins. Não apenas por ter sido minha orientadora no mestrado e agora também no doutorado, mas por ser presença formadora em minha vida e que lança-me a possibilidade de desejar outros mundos. Mundos nômades e de transformações.

Agradeço a Profa. Cristina Lacerda, primeira pessoa que me acolheu na UFSCar, com quem conversei, contei meus anseios e me apresentou as possibilidades de vivenciar a vida acadêmica: *“Vou te ensinar a fazer pesquisa, Mariana!”*. Agradeço também as professoras Lara Santos, Lilian Ribeiro e Emanuela Esteves, que também vem contribuindo e enriquecendo a minha trajetória acadêmica desde o mestrado. A professora Janaína Cabello e Márcia Lunardi, pela dedicação e recomendações para a qualificação deste trabalho.

Gratidão a todos os professores, funcionários e colegas do Programa de Pós- Graduação em Educação Especial da UFSCar pelo incentivo e pela generosa acolhida. Agradeço ao grupo de pesquisa que participo desde a sua formação: Grupo de Pesquisa em Educação de Surdos, Subjetividades e Diferenças – GPESDi. Sou muito grata por todo conhecimento que adquiri nesse lugar, pelos colegas, pelos encontros e debates que contribuíram para o meu processo formativo. Um fraterno agradecimento.

A todos que contribuíram para a materialização deste trabalho que, embora possua uma autoria pessoal, é escrita por muitas mãos. A todos, minha gratidão.

*Conseguir gaguejar em sua própria língua, é isso um estilo. É difícil, porque é preciso que haja necessidade de tal gagueira. Ser gago não em sua fala, e sim ser gago em sua própria linguagem. Ser como um estrangeiro em sua própria língua. Traçar uma linha de fuga.*

*Gilles Deleuze*



## Resumo

A educação de surdos tem sido um tema bastante relevante nas últimas décadas no nosso país, sobretudo pela discussão atual sobre as práticas inclusivas. Todavia, nota-se que os avanços conquistados acerca do ensino de pessoas surdas ainda necessitam de investimentos, recursos e políticas efetivas que garantam o acesso e permanência desse público no ambiente escolar. Dentre essas questões, a literatura acadêmica atual tem apresentado grande interesse a respeito do processo de aprendizado da língua portuguesa para o público surdo, pensando-a como registro do pensamento e espaço crítico de enunciação. Entretanto, ainda que seja um desafio para a escola, há casos de surdos que utilizam a materialidade da língua portuguesa e/ou da língua de sinais de um modo muito significativo a ponto de se expressar através de registro (escrito em português ou em vídeos em Libras) sobre suas memórias, opiniões, organização de pensamentos, posicionamentos políticos, entre outras formas de expressividades, a fim de conduzir ao que se defende por uma *escrita de si*, na concepção filosófico-foucaultiana. A investigação sobre os fatores que mobilizam os surdos a utilizarem uma *escrita de si* como ferramenta para o processo de subjetivação ainda é um campo pouco explorado. Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo dispõe em investigar as enunciações surdas produzidas por meio de uma *escrita de si* que mobilizam a construção do processo de subjetivação do sujeito surdo, a partir de uma metodologia fundamentada nos princípios da perspectiva genealógica foucaultiana aliada à cartografia. Tais caminhos serão trilhados para a busca de registros de discursos narrativos nas redes sociais e analisada a luz das filosofias das diferenças. A hipótese é a de que a rede social tem ampliado a presença surda e seus registros tanto em Libras como em Língua Portuguesa. E os sujeitos surdos bilíngues (Libras e Língua Portuguesa - LP) no ato de fazer do registro um espaço de expansão reflexiva para constituir-se, transitam entre esses registros, oscilando entre a LP e a Libras, as quais são escolhidas pelo surdo dependendo de quem ele imagina ser o seu possível leitor/interlocutor. Sendo assim, a tese é a de que esse registro ativa a *escrita de si* sendo um espaço de criação de uma estética da existência e que na contemporaneidade pode ser manifestada pelas redes sociais, as quais têm sido usadas para trocas de si com o outro e, a mudança de registro linguístico pelos surdos, se refere tanto ao suposto leitor dirigido como ao tema sobre o qual há a reflexão produzida pelo autor. Compreender os aspectos que possibilitam o fato de se fazer a partir da *escrita de si*, independente da modalidade linguística, contribui significativamente para o desenvolvimento de discussões mais extensas e produtivas que buscam entender sobre a apropriação da escrita surda, além de potencializar a reflexão sobre os elementos proporcionadores para propostas educacionais sugeridas ao ensino de surdos para que estes venham a se relacionar de maneira prazerosa com a Língua Portuguesa, assim, transformar a imagem histórica negativa que tem sido imposta pela sociedade e que muitas vezes fortalece barreiras para a comunicação entre surdos e ouvintes e impedem o direito de vida surda na diferença no entre línguas, Libras e Língua Portuguesa.

**Palavras-chave:** Educação Especial; Surdez; Libras; Escrita de si; Língua Portuguesa.

## Abstract

Deaf education has been a very relevant topic in recent decades in our country, especially due to the current discussion about inclusive practices. However, it is noted that the advances made in the teaching of deaf people still require investments, resources and effective policies that guarantee the access and permanence of this public in the school environment. Among these issues, the current academic literature has shown great interest regarding the process of learning the Portuguese language for the deaf public. However, even though it is a challenge for the school, there are cases of deaf people who use the materiality of the Portuguese language and/or sign language in a very significant way to the point of expressing themselves through registration (written in Portuguese or in videos in Libras) about their memories, organization of thoughts, among other ways in everyday life in order to lead to what is defended by a writing of the self, in the philosophical-foucauldian conception. The investigation of the factors that mobilize the deaf to use self-writing as a tool for the subjectivation process is still a little explored field. In this sense, the general objective of this study is to investigate the deaf utterances produced through a self-writing that mobilize the construction of the subjectivation process of the deaf subject, from a methodology based on the principles of Foucauldian genealogical perspective combined with cartography. Such paths will be followed to search for records of narrative discourses in social networks and analyzed in the light of the philosophies of differences. The hypothesis is that bilingual deaf subjects (Libras and Portuguese Language - LP), in the act of making the record a space of reflexive expansion to constitute themselves, transit between these records, oscillating between LP and Libras, which are chosen by the deaf depending on who he imagines to be his possible reader. Therefore, the thesis is that the writing of the self is a space for the creation of an aesthetics of existence and that in contemporary times can be manifested by social networks, which have been used for exchanges of the self with the other and, the change of linguistic register by the deaf, refers both to the supposed reader addressed and to the theme on which there is the reflection produced by the author. Trying to understand the aspects that make it possible to write from the self, regardless of the linguistic modality, can contribute to the development of more extensive and productive discussions that seek to understand about the appropriation of deaf writing, in addition to reflecting on the elements providers for educational proposals suggested for the teaching of the deaf so that they come to relate in a pleasant way with the Portuguese language and, thus, transform the negative historical image that has been imposed by society and that often strengthens barriers to communication between deaf and listeners.

Keywords: Special Education; Deafness; Libras; Self writing; Portuguese language.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Discurso sobre lugar de fala. ....	33
Figura 2 – Exposição de poesia no Museu de Arte Moderna de São Paulo .....	34
Figura 3 – Escrita sobre a pandemia de Covid-19. ....	39
Figura 4 – Escrita sobre saúde mental .....	40
Figura 5 – Mudanças.....	102
Figura 6 – Prioridades.....	102
Figura 7 – Amor de pai. ....	103
Figura 8 – Novo ciclo. ....	103
Figura 9 – Despedida. ....	103
Figura 10 – Já chega!.....	104
Figura 11 – Primaveras. ....	104
Figura 12 – Brinde à saudade .....	105
Figura 13 – Mais pai do que avô.....	105
Figura 14 – Quebra de ciclo.....	107
Figura 15 – Máscara de gesso.....	108
Figura 16 – Amizade.....	109
Figura 17 – Raiva.....	110
Figura 18 – Paciência.....	112
Figura 19 – In Memoriam. ....	112
Figura 20 – Gaiola .....	113
Figura 21 – Desabafo.....	115
Figura 22 – Eu Menor.....	117
Figura 23 – Duas faces da moeda .....	119
Figura 24 – Texto vinculado ao vídeo da figura 23 .....	120
Figura 25 – Texto vinculado comentário do vídeo da Figura 23.....	121
Figura 26 – Neutralidade, ou não.....	124
Figura 27 – Captura da imagem do vídeo da figura 26.....	126
Figura 28 – Neutralidade, ou não (3).....	127
Figura 29 – Depressão. ....	129

Figura 30 – Não vão me calar .....	130
Figura 31 – Estupro culposos. ....	132
Figura 32 – Feminismo em pauta .....	132
Figura 33 – Machismo. ....	133
Figura 34 – Comunicação violenta. ....	134
Figura 35 – <i>Éthos</i> de Relação. ....	135

## LISTA DE EXCERTOS

Excerto 1 – Amizade .....	110
Excerto 2 – Raiva.....	110
Excerto 3 – Paciência.....	111
Excerto 4 – In Memoriam.....	112
Excerto 5 – A gaiola.....	114
Excerto 6 –Desabafo.....	116
Excerto 7 – Neutralidade, ou não.....	125
Excerto 8 – Não vão me calar.....	130
Excerto 9 – Feminismo em pauta.....	132
Excerto10 – Machismo.....	133

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> – Erguendo a vela do barquinho.....	16
<b>Capítulo 1 - Contextualização do objeto de estudo da tese e o necessário investimento em concepções sobre a escrita que marcam o ethos surdo.....</b>	<b>22</b>
1.3. A escrita como modelo escolar.....	22
1.2 O espaço para a escrita ‘surda’ em LP.....	26
1.3 Marcas do ethos surdo na escrita.....	35
<b>Capítulo 2 – Noções foucaultianas de escrita de si como espaço de constituição do ethos.....</b>	<b>43</b>
2.1 A proeza do contar-se.....	43
2.2 Noções sobre a escrita de si na história.....	46
2.3 O cuidado de si na constituição do ethos .....	50
<b>Capítulo 3 – Escrita de si na atualidade pelas redes sociais: Formulações sobre a estética da existência.....</b>	<b>55</b>
3.1 Um olhar sobre a ética no mundo virtual.....	57
3.2 Ética e moral: Definições gerais dos conceitos.....	63
3.3 O sujeito que escreve, se inscreve e se (sub)escreve.....	69
3.4 Quem vê close não vê corre.....	74
<b>Capítulo 4 – dos planos, rotas e traçados de navegação.....</b>	<b>82</b>
4.1 A escolha do rumo de navegação.....	84
4.2. Da organização do trajeto percorrido.....	89
4.3 Territórios e linhas mapeáveis.....	94
4.4 Paradas Cartográficas: Mapeamento das rotas de navegação.....	96
<b>Capítulo 5 – Das publicações: Mergulho exploratório em significações .....</b>	<b>100</b>
5.1 O que dizem algumas publicações.....	101
5.2 Resistência midiática, fugas surdas e saberes para a educação.....	137
<b>Capítulo 6 – Considerações Finais: diálogos da tese para pensar uma escola em que a potência da criação e da escrita de si surda está presente.....</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>143</b>

## Sobre o Mar



Pintura em aquarela<sup>1</sup>

Créditos da Imagem: Chris Breier, 2021, Bufalo, Nova Iorque

Fonte: <https://drawandpaintforfun.com/>

---

<sup>1</sup> No início das seções aparecerão algumas ilustrações significativas para mim que ilustram e me auxiliam a pensar esse trabalho. Inicialmente, a pintura do barco sobre o mar denota a ideia do meu percurso acadêmico como uma viagem de travessia do fazer pesquisa num mar de possibilidades de onde surgiram ondas leves, ventos fortes e tempestades importantes que conduziram o meu trajeto até aqui.

## INTRODUÇÃO: Erguendo a vela do barquinho

---

Para esboçar os caminhos percorridos por essa tese utilizo algumas imagens que são significativas para mim e que servem para ilustrar o lugar de onde falo. No decorrer dessa pesquisa me senti em um marco sobre o mar. Não de um barco à deriva, tampouco de um barco ancorado. Me senti num barco em movimento e ansioso por desbravar mares de possibilidades, traçar caminhos, percorrer rotas diferentes não apenas para chegar a um destino e desembarcar, mas sim para aproveitar a viagem, o processo, o se fazer passear no ‘durante’ e ao longo da pesquisa.

Deixei minha cidade natal, litorânea, para desbravar outros mares. Assim, me vejo na vida acadêmica como alguém que viaja em águas mais profundas, observando calmamente as marés, ora se permitindo ser provocada por tempestades, ora navegando mais apressada para chegar a algum lugar para além da ‘sedimentarização’ do continente.

O meu pequeno barco zarpou com a idealização deste trabalho no mesmo período da chegada do novo coronavírus no Brasil. Antes disso, buscava realizar a pesquisa sob outras formas de condução. Porém, com o início da pandemia algumas estratégias tiveram que ser pensadas para a modalidade virtual já que estávamos em um contexto completamente novo em que tínhamos que nos ajustar a realidade para fazer a pesquisa acontecer. Então, mergulhei no desafio de fazer pesquisa numa pandemia e resolvi erguer a vela do meu barquinho de incertezas e entusiasmos.

Em meio ao isolamento social, às quarentenas domiciliares, às corridas em farmácia para comprar álcool e máscaras, num panorama onde pipocavam manifestações contra a democracia e (em resposta a elas) manifestações contra o governo Bolsonaro, estava eu a gestar este trabalho. Nesse cenário de *#fiqueemcasa*<sup>2</sup>, muitas pessoas encontraram no mundo virtual um espaço para ‘passear’ longe da contaminação do novo vírus. Em mim surgiu o interesse em saber como a comunidade surda estava se posicionando a respeito desse momento conturbado, em como estavam registrando suas escritas sobre si, sobre esse novo mundo pandêmico e de que forma traziam suas reflexões e posições no meio virtual.

Observei postagens de surdos nas redes sociais e percebi que a comunidade surda continuava efetivamente presente através de compartilhamento de mensagens, criação de

---

<sup>2</sup> Campanha popular difundida pela mídia durante o período em que o Brasil, assim como outros países viviam em quarentena no início da pandemia de Covid-19 na tentativa de conscientizar as pessoas a se manterem em suas residências a fim de estabelecer o controle da disseminação do vírus pela a população.



conteúdo, textos escritos, etc. A partir do momento que tive acesso a alguns textos de surdos na internet, pude observar escritas sobre si mesmo sendo germinadas em textos reflexivos que emergiam nos perfis das redes sociais. Havia surdos relatando os obstáculos da comunicação com os ouvintes por não visualizar os lábios das pessoas em virtude do uso de máscaras, desabafos sobre as dificuldades de ficar trancado em casa, longe do contato com outros usuários da Libras, tribulações na área financeira por conta do contexto pandêmico, impedimentos de frequentar as aulas presenciais e com isso os desafios de se adequar as aulas no formato remoto, além de textos carregados de emoção em que compartilhavam a dor e o sofrimento de perder familiares e amigos para o novo coronavírus.

Todos esses impasses registrados por meio de escritas reflexivas e rotineiras em que transmitiam acontecimentos e reativavam experiências/lembranças vividas no cotidiano, direcionavam os sujeitos surdos às práticas de experimentação de si mesmos, as quais os levam a construção de subjetividades e, pensando nessas questões, emergiram em mim as seguintes perguntas que norteiam este trabalho: De que modo a produção da escrita de si no ambiente virtual tem contribuído para a constituição do sujeito surdo? Como tem sido para o público surdo à apropriação da escrita de si como meio de organização de seu pensar e como um exercício estético? Para isso, o primeiro movimento que busquei foi o de navegar por leituras acerca dos processos de subjetivação, em que me deparei com o conceito foucaultiano de *escrita de si*<sup>3</sup>, o qual mais adiante delinearei, pois adotei-o como conceito instrumental mais importante para essa tese. Isso porque o conceito possibilita pensar as múltiplas recriações e as ativações subjetivas para a aparição do sujeito ao mundo, ao outro e para si. Uma produção ética sobre si mesmo que opera na produção de uma estética da existência e que vejo na escrita, ou melhor, no registro sígnico do sujeito, espaço para essa aparição de si.

Sabemos que escrita no contexto midiático e digital tende a emergir de um si reflexivo que escreve para si mesmo como em um diário ou para um coletivo (um outro que é fictício) como numa rede social, por exemplo. Nesses espaços, a escrita que é feita sobre si, além de falar do (para) próprio sujeito pode também ser direcionada para o outro. Tendo, assim, possibilidades de construção subjetivas no autor e também o leitor. Partindo dessa perspectiva, ressignifico a escrita como um trabalho sobre si mesmo, tal qual Foucault (1992) nos convida a olhar. Tal exercício, o de revisar-se pelo registro da linguagem, se coloca como uma

---

<sup>3</sup> Escreverei em itálico todas as vezes que me referir à escrita de si pautada na concepção foucaultiana (1988) de uma escrita posicionada numa postura reflexiva frente ao escrever ou falar sobre si mesmo em que o sujeito permite constituir-se e projetar-se através do exercício de se tornar possível dominar a arte de viver, relacionando a escrita como um modo de subjetivação, como uma ferramenta para agir consigo.

ferramenta para a organização de uma estética da existência. E é justamente por este lugar que esta pesquisa procura olhar: olhar a escrita como constituição do sujeito inseridas nas produções reflexivas cotidianas das pessoas surdas compartilhadas pelas redes sociais e materializadas (ora em Língua Portuguesa, ora em Libras, ora na mescla das duas modalidades) por meio de registros textuais midiáticos, ou seja, por textualidades diferidas<sup>4</sup> em Libras, tendo nessa transição linguística funções constitutivas de um leitor idealizado e movimentado na comunidade surda para o qual o autor referênciava seu discurso.

Nesse ponto, a pergunta problema desta pesquisa é: De que modo podemos pensar a constituição de um *ethos* surdo ético e estético que, através de dispositivos de linguagens atuais, promovem a inscrição do sujeito surdo e sua criticidade em espaços coletivos contemporâneos? Nesse sentido, pontuo o fato de que o autor surdo direciona seu discurso dependendo de quem ele imagina ser o leitor de seu texto e a força política que o uso de técnicas de linguagens ganha pelo seu enunciado. Partindo da concepção de que a escrita é um produto do sujeito, ao nos colocarmos no papel, mesmo que em um diário íntimo, idealizamos um leitor imaginário para o qual estamos direcionando nosso discurso. Sendo assim, também o autor surdo bilíngue ao se projetar em enunciação através da escrita de si compartilhada (no diário virtual) no perfil das redes sociais, provavelmente idealiza quem é o sujeito leitor/seguidor e assim, direciona as escolhas linguísticas para esse fim.

Portanto, a hipótese dessa pesquisa é a de que os sujeitos surdos, no ato de fazer do registro um espaço de expansão reflexiva para constituir-se, transitam entre as tecnologias de linguagens as quais são escolhidas dependendo de quem ele imagina ser o seu possível leitor, ou seja, com quem ele busca relacionar-se e dialogar textualmente. Sendo assim, a tese que me apropriado é a de que a *escrita de si* é um espaço de criação de uma estética da existência e que na contemporaneidade pode ser manifestada pelas redes sociais, as quais têm sido usadas para trocas de si com o outro e, a mudança de registro linguístico pelos surdos se refere tanto ao suposto leitor dirigido, como ao tema sobre o qual há a reflexão produzida pelo autor. Interessa neste estudo problematizar o uso atual do conceito de *escrita de si* por meio das novas redes de produção de discursos e de aparição de formas de vida virtuais. Portanto, refaço a proposição desta tese ser defendida na direção da afirmação da *escrita de si* para além de um conceito de

---

<sup>4</sup> Escreverei em itálico todas as vezes que me referir à escrita de si pautada na concepção foucaultiana (1988) de uma escrita posicionada numa postura reflexiva frente ao escrever ou falar sobre si mesmo em que o sujeito permite constituir-se e projetar-se através do exercício de se tornar possível dominar a arte de viver, relacionando a escrita como um modo de subjetivação, como uma ferramenta para agir consigo.

inscrição e mais para um dispositivo de produção de subjetividades por meio de registros que mobilizam o espaço do pensar.

Nessa direção, entende-se que as redes sociais tem se colocado, muitas vezes, como espaço de inscrição de si e as pessoas surdas tem marcado posições potentes neste cenário, uma vez que a tecnologia possibilita o trânsito de línguas. Assim, o objetivo geral deste estudo dispõe em investigar as enunciações surdas, sob o olhar conceitual da *escrita de si*, tomando como alvo a análise do movimento da construção do sujeito surdo e seus processos de subjetivações na contemporaneidade. A partir de uma breve inspiração genealógica da *escrita de si*, apresento nos capítulos seguintes alguns enfoques em torno da problematização desta escrita ea forma de aparição nas redes sociais. Faço esse movimento, pois entendo ser um caminho filosófico que busca levantar questões reflexivas sobre os modos de apropriação da escrita comoparte do sujeito surdo como sendo um modo de se posicionar e constituir-se por meio de uma escrita/registro outra que marca a ação do pensar-se sobre o mundo.

Os objetivos específicos desse estudo são: 1) levantar questões que buscam refletir sobre os modos de apropriação da escrita como parte de si, como um modo de se inscrever, dese posicionar e constituir-se por meio de uma escrita outra; 2) discutir representações de subjetividades surdas através da seleção de algumas produções enunciativas narradas por surdos abertas ao público nas redes sociais; 3) problematizar a *escrita de si* viabilizada pelas redes sociais como um caminho filosófico que pode ser reflexões potentes para o campo da educação, como forma de mobilização do desejo do aluno surdo em se fazer presente na escola e, mais que isso, do sujeito surdo apare‘Ser’ nas produções escolares.

A rota navegada para esta pesquisa está organizada em capítulos, no qual o primeiro trato da contextualização do objeto de estudo desta tese e sobre as concepções necessárias para o entendimento dos aspectos que marcam o *ethos* surdo. Sendo assim, apresento um panorama a respeito da escrita como modelo idealizado pela escola atual e de como tem se dado a escrita de surdos no espaço escolar.

No segundo capítulo, apresento noções sobre a escrita de si em Foucault (1988) acerca do espaço de constituição do *ethos* no sujeito surdo, para isso iniciarei abordando de maneira genealógica sobre a proeza do se fazer contar, das percepções da escrita de si na história e como essa representatividade é refletida em ações voltadas ao cuidado de si. No terceiro capítulo, aprofundo-me no retrato atual da escrita de si através das redes sociais e suas novas formulações sobre a estética da existência. Neste espaço, inicio explanando sobre a ética no contexto virtual e levando as distinções entre ética e moral. Além disso, discuto a respeito da apreciação e

disposição do sujeito que escreve, se inscreve e, portanto, se subscreve no espaço virtual, este que por vezes se mostra (ou não) através dos *closes* e “corres” da vida *online*. De antemão, é importante ressaltar que especialmente no último tópico desse capítulo escrevo de modo proposital (e na tentativa de atingir o modo poético), utilizando de termos próprios do “internetês”, ou seja, no contexto das escritas comumente encontradas pelos internautas frequentadores de redes sociais, como gírias e expressões escritas (que também se tornaram faladas) durante o período da elaboração deste trabalho. Por esse motivo, pode acontecer de alguns (ou todos) termos utilizados aqui entrem em desuso quando o leitor vier lê-los, simplesmente pelo belo fato da língua ser algo vivo, portanto, mutável.

No quarto capítulo, inicio minha caminhada metodológica tomando como partida os princípios genealógicos de Michel Foucault (2005) em arranjo com a cartografia proposta por Gilles Deleuze e Félix Guattari. A escolha pela cartografia enquanto modo de percurso para a coleta e o fazer da pesquisa se deu não somente por se relacionar com os princípios teóricos subjacentes à essa tese, mas por me posicionar diretamente sobre a matéria a ser cartografada e por este método possibilitar estudar objetos de caráter mais subjetivos, além de exigir do pesquisador a habitação de diferentes territórios, neste caso, os territórios surdos mapeados em suas escritas de si.

No quinto capítulo debruço-me em algumas seleções de discursos pessoais (questionamentos, desabafos, considerações, pensamentos, narrativas, sentimentos, posicionamentos, ações, desejos confissões e sensibilidades) de alguns surdos em suas páginas pessoais nos espaços virtuais que também podem ser espaços de experimentação – *Instagram* e *Facebook*<sup>5</sup> – que têm circulado por meio de um emaranhado de linhas costumeiras, linhas flexíveis e linhas erráticas em que manifestam transformações dos significados hegemônicos sociais que incrustam significantes acontecimentos cotidianos comuns e ganham novas formas e novos usos.

Todo percurso traçado no decorrer desta pesquisa é disparador para se compreender a relevância e a necessidade de dedicar a investigação de tais práticas expressadas de uma maneira outra de constituir a subjetividade do sujeito surdo que refletem nos modos de ser e estar em sociedade, pois os surdos já vêm utilizando o ciberespaço como um lugar livre de enunciação de si mesmo em que a escrita se faz cada vez mais presente.

---

<sup>5</sup> As imagens apresentadas neste trabalho foram coletadas através da rede social tanto do Instagram como em outras redes sociais que visam a interação virtual. No entanto, podem ser também visualizadas pela rede social *Facebook* pelo fato das duas plataformas serem vinculadas.

Porém, a escrita não no formato instrumental pedagógico imposto pelas escolas, mas a escrita como ferramenta de auto constituição e é por esse viés que esta pesquisa se debruça, propondo outra leitura sobre os espaços da escrita que estão para além da escola e que já acontecem na internet, mais expressivamente nas redes sociais.

É preciso que as instituições escolares não só percebam, mas também se apropriem desse novo saber de utilizar o espaço virtual como estratégia para explorar as produções surdas, seus textos-registros, independente da materialidade deles (se em Língua Portuguesa ou em Libras), mas como sendo efetivamente arquivo que vem funcionando como meio de interação e troca com o outro, pois (além de outros aspectos) as escritas surdas se utilizam de tecnologias linguísticas contemporâneas para serem materializadas.

É nesse sentido que este estudo possibilita olhar, vislumbrando os escritos sobre si vindos de pessoas surdas para as escritas reais que elas fazem, ampliando aquele conceito escolar mais tradicional e que, a meu ver, deve ser reconstruído, de que o surdo tem de dominar a escrita ‘padrão’, tal qual é feita por um sujeito ouvinte. Obviamente é imperativo que seja ofertado para o sujeito surdo o direito do ensino de língua(s), porém me refiro aqui a algo para além disso. A *escrita de si* está para além da escrita em Língua Portuguesa. Ela pode se dar também pelo registro em Libras porque se coloca como um espaço de enunciação por meio do uso do registro e da ‘auto-inscrição’ em uma materialidade, qual seja ela. Sendo assim, a escola precisa oportunizar também a prática do escrever-se para que o sujeito possa (se quiser) inscrever-se na escola, e/ou em outras esferas, no cotidiano, na família, no trabalho, na vida, na alma.

É justamente partindo desse novo olhar que penso que seja possível apresentar para o espaço educacional a escrita surda desse outro lugar, por meio dessa outra perspectiva. Assimilando essa ideia a escola assume a postura de que “não se trata de dar-lhes voz, porque voz já eles têm” (SKLIAR, 2019, p. 117), e sim, promover discussões a respeito das propostas educacionais sugeridas na educação de surdos, para que não se foque o olhar exclusivamente na materialidade do ensino como instrumento pedagógico de apropriação de conteúdo, mas como campo de constituição de si, como espaço de subjetivação.

## **CAPÍTULO 1 – Contextualização do objeto de estudo da tese e o necessário investimento em concepções sobre a escrita que marcam o *ethos* surdo**

*Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permita liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferente do que vimos sendo (LARROSA; KOHAN, 2015, s/p).*

Início este capítulo contextualizando as condições contextuais para a produção da escrita em Língua Portuguesa no contexto escolar. Para aproximar ao meu objeto de estudo datese, interessa olhar como os estudos sobre o ensino do português para surdos tem se dado, nas concepções e condições teórico-metodológicas. Esse movimento é necessário para compreender a escrita como espaço de constituição narrativa de si e como tecnologia que possibilita a organização do pensamento. Tal processo de estudo é fundamental para a aproximação conceitual do *ethos* surdo e sua constituição através da escrita.

### **1.1 A escrita disciplinante como modelo escolar**

Primeiramente, quando pensamos em escrita nos vem à mente apenas o registro escrito representado pela codificação de sinais gráficos por meio de símbolos usados para exprimir uma comunicação entre os seres, sempre balizadas por regras gramaticais. De fato, as primeiras técnicas de escrita remontam ao ano 4000 antes de Cristo. Com a sua evolução no tempo, a escrita desenvolveu-se de duas formas: ideográfica (quando são expressadas as ideias) e fonética (quando são representados os sons). Para a linguística, a escrita é um sistema de representação gráfica de uma língua, por meio de sinais gravados ou desenhados num suporte. Na prática, a escrita é um método de comunicação humana que se realiza através de sinais visuais que constituem um sistema em que se manifestam suas funções (executiva, funcional, instrumental e epistêmica) (NONATO, 2019).

Essa capacidade de produzir textos escritos constitui hoje uma exigência generalizada vida em sociedade e a instituição competente para este fim tem sido a escola. A escola deve tornar os alunos capazes de produzir documentos que lhes deem acesso às múltiplas funções que a escrita desempenha na nossa sociedade. Porém, no panorama histórico da Língua Portuguesa no Brasil tem-se que as metodologias para o ensino da escrita vêm sendo direcionada para uma escrita normativa em termos de forma e conteúdo (BUNZEN, 2011, MARCUSCHI, 2010, ROJO, 2008, SOARES, 2002).

A produção da escrita se constitui como disciplina no componente curricular escolar de Língua Portuguesa fundamentada no discurso fundador da linguagem: no uso das palavras, nas técnicas ou arte de falar e escrever. A forma escolar de ensinar a escrita foi concebida por inspirações na tradição retórica greco-latina e de incorporações nas formas sociais modernas a partir do século XIX (LAHIRE, 2008; MAINGUENEAU, 2009) em que o ensino da escrita era exclusivamente pensado na consideração de seguir as:

(...) as regras linguísticas presente no produção escrita são consagradas, primeiramente, pelo aprendizado de articular um texto lido para fazer composições que os imitem identificando as características do texto e seus elementos de produção, ou seja, o ensino se dá para o estudante pela imitação de um conjunto de lugares-comuns (*tópoi*), para escrever sobre os diversos temas (FIORIN, 1999, p. 154 – itálico do autor).

O necessário para a escrita estaria na habilidade de imitação de textos com o domínio de obedecer às normas gramaticais articulando-as com uma coleção volumes de assuntos para o domínio suficiente de expressões, adquiridas por meio de exercícios subsidiários à prática de produção escrita, como exercícios de vocabulário, lições de gramática e ortografia. Tentando fugir dessa conjuntura, a escola brasileira nesse período do século XIX, no que tange ao ensino da escrita seguiu em linha reta no ensino de português (na norma padrão de tradição lusitana) e começou a expandir-se para a chamada democratização do ensino. No entanto, apenas no final dos anos 1970 e o início dos anos 1980 representam um ponto de inflexão determinante no percurso de constituição do ensino de língua portuguesa, marcando o início do processo de redefinição curricular desse ensino em que a proposta curricular ancorava-se na incorporação de novos aportes teóricos dando lugar para a reconfiguração curricular embasadas pelos estudos do texto e do discurso, pelos estudos sociolinguísticos e pelos estudos em linguística aplicada, história e leitura literária, entre outros. (SOARES, 2002).

Com o passar dos anos, outras reconfigurações curriculares no que tange ao ensino da escrita foram realizadas no currículo escolar da disciplina de Língua Portuguesa no Brasil. Atualmente, tem-se o entendimento que torna-se necessário objetivar o ensino de língua portuguesa nas escolas dirigindo-se para a ampliação das atividades verbais do aluno, para as diversas situações e interação social, seja por meio do desenvolvimento de competência e/ou habilidade relacionadas ao uso de expressões orais e escritas quanto a reflexão sobre a língua, inclusive na sua dimensão estética-literária (SILVA; SOUSA, 2019).

Todavia, as tarefas de produção textual no percurso de implementação de projetos didáticos em torno das práticas de escrita que temos nos dias atuais colocou em destaque o texto

escrito argumentativo e suas diferentes nomeações: Redação escolar; Dissertação: expositiva e argumentativa; Redação para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio); Artigo de Opinião; Texto argumentativo/de opinião etc. Todas essas modalidades balizadas por seguir regras (ortográficas, não fugir ou tangenciar ao tema, apresentar medidas de intervenções, apresentar dados que comprove seus argumentos, posicionar-se sem neutralidade sobre o tema, fazer alusões a outras áreas de conhecimento, entre outras) para serem desenvolvidas, caso contrário, o aluno será penalizado em sua avaliação.

Porém, este formato de escrita disciplinar escolarizado é presente e tem relevância. Entretanto, pode apenas condicionar o aluno a seguir moldes de escritas para finalidades objetivas, direcionadas para determinadas especificidades, ou seja, uma escrita sem uma reflexão crítica do processo. A preocupação com a forma pode impactar no conteúdo reflexivo que a escrita pode proporcionar. Por vezes, o estudante pode até seguir opiniões embasadas mais no que a escola considera importante do que aquilo que de fato o toca a problematizar, aceitando “a opinião da escola - como verdade universal ou por não se sentir à vontade para dizer e defender sua real opinião; podem achar que seu ponto de vista não é válido no contexto escolar” (NONATO, 2019, p.58), isto é, o aluno tende a não se considerar sujeito nesse contexto, podendo surgir dificuldades de se pensar coletivamente fazendo com que ocorra, nesse movimento escolar de escrita didatizada, a limitação da inscrição de si na escrita. Desse modo, limita-se o espaço de posicionar-se livremente no ambiente escolar por ter que seguir com as ideias dentro das normas (gramaticais e temáticas) esperadas e impostas aos estudantes ou ainda porque determinados gêneros, como por exemplo o argumentativo ser mais recorrente que o uso da escrita como ato de revisão de e sobre si.

É importante ressaltar que não estou aqui levantando bandeira de que a escola não deve mais ensinar o conteúdo clássico próprio da língua portuguesa, que esta precisa aceitar que os alunos escrevam do jeito que quiserem, sem seguir regras linguísticas nem gramaticais. Absolutamente não. O fato é que a escola atual tem valorizado o registro sempre na língua padrão, priorizando o tipo de ensino que formata a escrita dentro de regras tradicionalistas e as impõe para todos os alunos (independentemente de suas singularidades linguísticas). A adesão dessa estrutura condiciona disciplinadamente um elo entre os corpos e os saberes dos alunos, matando o sujeito da diferença que produz em outro registro material. Quanto isso, Veiga-Neto (2003) considera que o formato de escola que temos hoje se constitui “[...] numa maquinaria capaz de moldar nossas subjetividades para algumas formas muito particulares de viver o tempo e o espaço”. O autor explica que este formato de escola que temos atualmente naturaliza os



comportamentos dos sujeitos “na medida em que a educação nos molda precoce e amplamente, passamos a ver como naturais os moldes que ela impõe a todos nós” (p.107). Isto é, a escrita atuante no contexto escolar por muitas vezes não tem sido olhada como espaço de constituição de si, ao contrário, tem se voltado para uma escrita técnica na função de ferramenta pedagógica, a qual é focada nas estratégias que o aluno precisa se apropriar, direcionando o olhar naquilo que o aluno não sabe e/ou realiza.

Essas práticas nunca foram e continuam não sendo suficientes para a vida contemporânea. Enquanto as instituições escolares, depositárias do passado e responsáveis pelo futuro dos jovens, não focarem no ensino de surdos pensando em suas singularidades linguísticas como ponto de partida a educação desse público tende a ser amarga, nostálgica e desencantada. Por isso, não basta olhar com restrição quando o assunto for a composição de currículos escolares, não basta mais a escola enfatizar os gêneros discursivos da tradição e do cânone, pois o que vem sendo vigorado nas escolas é (ainda) a centralidade da produção escrita como elemento técnico de diagnóstico, o que vai minimizando a promoção de relacionar a escrita com as multiplicidades encontradas em outros sistemas semióticos. Como pode a instituição escolar continuar a compactuar com tais direcionamentos de ensino? Pressupõe-se que muito está em jogo pra que o sistema continue a seguir por esse caminho.

Infelizmente, um dos resultados dessa lógica de funcionamento de ensino apartada da realidade se mostrou através da “crise de escrita na escola”, a qual vem percorrendo os corredores escolares há décadas aqui no Brasil e foi um assunto que motivou o estudo realizado por Corrêa (2001), quando as pesquisas que abordavam tal crise estavam sendo intensificadas no país. A autora analisou o processo de escrita de acordo com o modelo escolar vigente: enfatizado na escrita como significativo de ‘saber fazer’ redação técnica; que na escola não há interlocutor para o que se escreve; que o motivo de se escrever na escola é para ser avaliado e que escrever é uma atividade desagradável. Em contrapartida, a pesquisa apresentou que para a escrita realizada, além do modelo escolar, ou seja, sem seguir os critérios escolares, resultou em uma escrita reflexiva sobre o que é escrito; se pensava em interlocutores ao se escrever e que praticar a escrita era uma atividade prazerosa.

Certamente, há de se concordar que escrever nessas circunstâncias pode gerar um desprazer pela a escrita e minimizar o desejo por escrever tornando-o obscuro, uma vez que essa atividade passa a ser um processo mecânico, sem significado, sem motivação e sem necessidade na vida do aluno ouvinte e mais ainda no aluno surdo. Se a escrita normativa escolar

fosse realmente tão positiva, não teríamos resultados desastrosos nas provas que a exige, como no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) no ano de 2019, por exemplo, em que mais de 146 mil estudantes zeraram a prova de redação em que a escrita é realizada na mesma proficiência da língua matriz dos estudantes, a Língua Portuguesa.

## **1.2 O espaço para a escrita ‘surda’ em Língua Portuguesa**

No caso dos surdos tais tensões se agravam ainda mais porque o ensino da Língua Portuguesa escrita em escolas regulares se mantém por meio de métodos impostos pelo currículo duro e que por vezes não levam em considerações as diferenças linguísticas destes sujeitos. Apesar de estudos no campo da surdez apontar para a importância do ensino diferenciado da escrita para surdos, problemas metodológicos ainda são presentes nesta área. (FERNANDES, 2011, LODI; LACERDA, 2014, CABELLO, 2015, MARTINS; NASCIMENTO, 2017, ALMEIDA; LACERDA, 2019; SOLER, 2022). Mesmo com os avanços nas políticas educacionais e nas reconfigurações de algumas instituições educacionais alegarem que se projetam para esse público por meio de um ensino ‘inclusivo’, existem experiências bem-sucedidas, mas pontuais e que não atingem a maioria dos estudantes surdos, visto que limitações no ensino de LP para surdos ainda são evidentes no que tange ao efetivo ensino pautados nas singularidades linguísticas desse alunado.

Principalmente pelo fato de que “o discurso da inclusão veiculado no ambiente escolar oculta a questão linguística velando os princípios da equidade e da diversidade em que as práticas educacionais inclusivas se distanciam de tais propostas e princípios” (ALMEIDA, 2016, p. 227). Neste contexto, na maioria dos casos, as escolas apenas tangenciam as questões que devem ser enfrentadas no ensino de Língua Portuguesa para surdos, mascarando as propostas inclusivas, mas na realidade mantêm um currículo prioritariamente estruturado de acordo com as necessidades educacionais e comunicativas dos ouvintes. Isso significa que as “práticas e condições inadequadas em sala de aula acentuam as dificuldades de comunicação, restringindo o acesso do surdo às experiências curriculares, uma vez que sua língua de sinais, pré-requisito para seu desenvolvimento, é negligenciada no ambiente escolar” (ALMEIDA, 2016, p. 40).

Essas situações foram investigadas por Almeida (2016), em seus estudos ao analisar o processo de escrita em Língua Portuguesa como segunda língua, por sujeitos surdos, a partir de oficinas dialógicas de reescrita coletiva de uma história de aventura, refletindo sobre as

interações interdiscursivas entre língua de sinais e o português escrito. Esse seu trabalho apontou que além do processo de ensino e de aprendizagem dos surdos tenha que ser mediado pela língua de sinais, também as escolas devem ser organizadas de maneira a garantir a interação verbal, por meio da Libras, como condição de desenvolvimento da linguagem escrita.

Porém, nas escolas ainda circulam e imperam metodologias que regem o processo de ensino aprendizagem do aluno surdo a partir da mesma concepção de língua e linguagem adotada para alunos ouvintes, respaldada na concepção de língua como código, desconsiderando o desenvolvimento da linguagem como processo discursivo. (...) as questões da linguagem na construção da identidade do aluno surdo ganham grande importância no espaço escolar (quando este espaço considera as especificidades dos surdos) uma vez que este é, muitas vezes, o único lugar em que os surdos têm a chance de se relacionar com seus pares, visto que grande parte deles é filho de pais ouvintes (ALMEIDA, 2016 p.41).

Segundo o autor, a tentativa de se educar crianças surdas a partir de métodos e estratégias de ensino estruturadas para crianças ouvintes tem se mostrado, ao longo dos anos, ineficaz, fato que se verifica em qualquer lugar do mundo. Ainda mais pelo fato de que as ações pedagógicas e metodológicas não conseguem atender às características de aprendizagem e de comunicação do público surdo por ensiná-los de maneira sistematizada tradicional e padronizada na correlação imagem-palavra, ou na busca por equivalência termo a termo entre um sinal da Libras e uma palavra na língua portuguesa. Tais estratégias de ensino, por vezes se dão recorrendo a atividades de ditado, cópias, exercícios de repetição e de correção de elementos nas frases, estabelecendo a ideia de que o aluno poderia fazer o uso “esperado” da LP se se apropriasse adequadamente ao sistema de decodificação fonético, se demonstrasse domínio no código linguístico escrito. Por essa perspectiva práticas educacionais propiciaram o ensino de palavras para serem usadas pelos surdos em frases simples e, por vezes, em estruturas frasais morfossintaticamente mais complexas. No geral, o ensino da Língua Portuguesa ocorre ainda apoiado no domínio da língua portuguesa oral independente do modelo bilíngüe empreendido, o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua para surdos continua sendo um problema comum e persistente. (LODI, 2013, ALMEIDA, 2016, SOUZA; LACERDA, 2021).

Pela condição de falta de escuta oral, o sujeito surdo adquire experiências distintas com a língua portuguesa exigindo dele o esforço para o aprendizado da escrita acontecer, a qual tende a ser mais intensa por ter que aprender duas línguas/culturas que convivem no mesmo espaço/tempo. Ora, o processo de aprendizagem da escrita de uma língua oral-auditiva por surdos advém do fato de serem duas línguas complexas em que cada uma possui suas especificidades e se organizam gramaticalmente por meios de expressão diferentes. Enquanto

a Língua Portuguesa utiliza a modalidade escrita e oral-auditiva, a Libras utiliza do canal gestual-visual, isso implica a participação e desempenho em aprender a escrever, ler e produzir textos escritos em Língua Portuguesa. Tal exercício demanda habilidade e competência em ambas as línguas por conta de a especificidade da “Libras ser uma língua ágrafa e a língua portuguesa ser de materialidade oral e escrita” (LODI, et al. 2014, p.133).

O processo de aprendizagem da língua portuguesa escrita pelo surdo implica na aquisição de uma linguagem que não representa a expressão gráfica da Libras, mas se refere à apropriação da forma escrita de uma língua que para ele atuará como segunda língua e que será usada para expressar por escrito os pensamentos formulados em língua de sinais (SOUZA; LACERDA, 2021, p. 107).

Essa singularidade deve conduzir caminhos para a educação dos surdos tendo em vista que a aprendizagem da escrita é reconhecidamente um processo lento e longo, por isso “exige tempo de maturação que permita uma integração plena do conhecimento e a sua mobilização, face a exigências de gradual complexidade, nos vários anos de um ciclo de ensino e ao longo de toda a escolaridade (BARBEIRO; PEREIRA, 2007, p.9). Isso implica que o trabalho educacional a realizar para o aprendizado da escrita, deverá incidir sobre competências que são ativadas para além da produção de um material escrito dentro das dimensões gráficas, técnicas e ortográficas exigidos no ambiente escolar, além de oferecer possibilidade de letramento como prática significativa de linguagem levando em conta suas implicações sociais, cognitivas e linguísticas, ou seja, oferecer a oportunidade de aprendizagem em sua própria língua e a partir dela. (ALMEIDA, 2016).

Quanto a esses aspectos, Souza (2019) ao analisar a expressão de conteúdos subjetivos, por alunos surdos, por meio da linguagem escrita em diários escolares, constatou que além de terem utilizado a Libras como principal mediador do pensamento em diálogo com a língua portuguesa, a pesquisa mostrou que práticas pedagógicas adequadas podem levar estudantes surdos a um domínio consistente da escrita, atingindo, por meio da apropriação da escrita, níveis mais complexos de raciocínio. Nesse estudo, a autora afirma que a escrita como meio semiótico de constituição e expressão do sujeito favorece a enunciação e expressão de conteúdos emocionais constitutivos da subjetividade dos surdos, ou seja, para que o surdo se aproprie da linguagem escrita em Língua Portuguesa é necessária a garantia de uma educação que de fato coloque em ação tanto a língua de sinais quanto a linguagem escrita em circulação no ambiente escolar, favorecendo não somente o uso de ambas as línguas, como também o processo de significação, pelo surdo, por meio delas.

Nossos resultados evidenciaram indícios de elaborações psíquicas mediadas pela escrita e pela língua de sinais atuando no processo de produção de seus textos escritos. Isto resultou de uma prática educacional pautada nos princípios bilíngues que, quando assumidos de fato, criam condições para aprendizagem efetiva da língua portuguesa como segunda língua, gerando autonomia e reflexividade no sujeito. Em síntese, a análise das produções nos permitiu afirmar que os surdos, tendo se apropriado da linguagem escrita, são capazes de elaborar discursos estruturados em uma segunda língua e, por meio desta, se apropriar de significados e sentidos construídos na interlocução com o outro ou consigo mesmo na/pela escrita (SOUZA, 2019, p. 202)

Sobre considerações a respeito da aprendizagem da Língua Portuguesa na modalidade escrita para pessoas surdas, Soler (2022), em sua dissertação de mestrado, fez um levantamento de dados entre pesquisas produzidas sobre o ensino de português para surdos no período de 2010 a 2020, apontando os dilemas apresentados nas pesquisas sobre o ensino da língua portuguesa para surdos. Em suas análises observou que o grande número de pesquisas que apostam na solução dos percalços educacionais pela mudança metodológica das propostas de ensino, tendo como base a perspectiva de segunda língua. Neste estudo foram apontados dois eixos predominantes de como vem ocorrendo a metodologia para o ensino da LP para surdos e Soler (2022) aponta que: (i) O mesmo ensino que ouvintes utilizam para aprender uma língua estrangeira, fazendo uso do contraste entre Libras e Língua Portuguesa, ou seja, ensinam a Língua Portuguesa como segunda língua para os surdos desconsiderando a experiência biossocial da pessoa surda e as particularidades que isso traz em sua constituição subjetiva, ou seja, há pouco investimento na perspectiva do *éthos* surdo; (ii) O ensino em que tratam especificamente de questões mais gramaticais sobre a escrita da Língua Portuguesa e o contraste disso pela diferença estrutural da Libras. Nessa modalidade não consideram o modo de escrever da pessoa surda como uma língua de fato e sim como uma interlíngua, nem Português nem Libras, e sim um espaço de transição que se percorre até que atinja a Língua Portuguesa em sua norma culta. A afirmação conclusiva de Soler (2022) relaciona-se as inquietações trazidas nesta tese, no que tange a necessidade de trazer os movimentos das pessoas surdas, na direção e uso da escrita fora do espaço escolar, como ferramenta de reflexão crítica para o pensar.

Considerando que a maioria das pesquisas aponta sobre métodos de ensino com base em propostas de ensino de língua estrangeira (...) e a falta de relação corpórea pela escuta dessa língua de modalidade oral, certamente coloca o sujeito surdo em outro modo de relação material com essa língua. Partindo disso, pressupõe-se a carência do olhar para a LP escrita por surdos pelas concepções teórico-filosóficas com base numa perspectiva de vida, portanto, ontológica (SOLER, 2022, p. 53).

As pesquisas levantadas pela autora mostraram que tem se utilizado de formas diferenciadas para o ensino de alunos surdos aprendizes de Língua Portuguesa. No entanto, tais formas de ensino são fundamentadas nas questões gramaticais e na perspectiva de segunda língua (com base na lógica usada para o ensino de línguas orais), sem adensar as especificidades de serem os surdos grupos minorizados e, além disso, a questão biossocial e constitutiva deles, são os métodos que mais se destacaram como os que têm sido adotados atualmente pelas escolas para ensinar o aluno surdo a escrever em Língua Portuguesa.

Considerando tais aspectos, é preciso caminhar para além dessas práticas metodológicas e gramaticais que correspondem ao ensino e aprendizagem da LP escrita por surdos. Porém, de modo geral, a escola regular, quando focada no desejo de uso da escrita apenas como instrumento pedagógico para o acesso à conteúdos escolares e não como espaço de constituição de si, pouco tem feito para que seus alunos surdos se tornem proficientes no português escrito, uma vez que o histórico se repete em fracassos quando a escola insiste em obter destes sujeitos comportamento de ouvintes. Em decorrência disso, tem-se que o insucessosa aprendizagem da língua portuguesa pelos surdos está diretamente relacionado ao fato de que o ensino tem sido centrado nas mesmas bases metodológicas que se oferece para o aprendizado de uma segunda língua na modalidade oral/auditiva (ALMEIDA, 2016, SOLER, 2022).

Tal situação aponta a necessidade de reflexão em torno das ações que a escola regular vem desenvolvendo em relação ao trabalho pedagógico voltado à surdez e na urgência de se pensar nos desafios do ensinar a escrever, assim como nas existentes limitações encontradas nas escolas atuais as quais os surdos estão assujeitados, estas que “bem antes de funcionar como um aparelho de ensinar conteúdos funcionou – e continua funcionando como uma grande fábrica que fabricou – e continua fabricando novas formas de vida”(VEIGA-NETO, 2003, p.107). Além disso, tais dados apontam para a urgência de abordar às especificidades ético-estéticas das pessoas surdas frente ao modo como se narram e se expressam pela linguagem escrita. Tal proposta é o que pretendo avançar com as reflexões nesta tese.

Nesse sentido, de continuar fabricando novas formas de vida, Amaral (2013), denunciou a busca pela padronização dos sujeitos por meio de práticas escolares disciplinadoras e individualistas e, com isso, se arriscou a dizer o que a escola não é na contemporaneidade: um espaço para a manifestação do diferente. Podendo ser a diferença surda quanto a sua língua, cultura, identidade e outras manifestações. Isto é, uma década após este seu estudo, a autora nos faz perceber que ainda se continua a gritar pela existência do diferente: de pessoas, culturas, raças, crenças diferentes e, conseqüentemente, por modelos de escritas diferentes.

Sendo assim, se faz necessário pensar no ato de escrever como um lugar de interação/interlocução de produção de sentido em que a escrita, por ser um ato de registro, pode acontecer tanto materializada na modalidade escrita em Língua Portuguesa como por meio de vídeos em Libras, ou visuais (no caso de surdos) em que a organização do discurso e a enunciação é totalmente visual, no ponto de partida da fala de uma linguagem cujos significantes organizam uma materialidade visual (LODI, 2014).

Diferentemente das línguas orais que se organizam por meio de uma materialidade sonora, Peluso (2015), fundamentando-se no conceito Saussureano sobre a possibilidade de usar o significante ao invés da imagem acústica como uma das entidades do signo linguístico, argumenta ser possível considerar também nas línguas de sinais usarem os significantes (sinais visuais) como organizadores de uma materialidade visual-espacial.

Se levarmos em conta, então, que as línguas de sinais organizam uma materialidade visual-espacial no nível do significante, que por sua vez determina os modos de dizer, fica claro que seguindo essas hipóteses da relação entre pensamento e linguagem, a ideia da visualidade do surdo ganha uma clara nova dimensão. Com base nessas indicações, os surdos são visuais, não porque tenham amplificado esse sentido ou porque por não ouvirem desenvolvem uma cultura visualmente centrada, mas porque, principalmente, falam uma linguagem visual, enunciam seus textos no plano espacial e seu pensamento foi afetado por categorias de uma linguagem cujo significante organiza uma materialidade visuo-espacial. (PELUSO; LODI, 2015, p.68)

Para o sujeito surdo, a visualidade é uma maneira de estar no mundo, que está fundamentalmente determinada pela língua e pelo discurso, ou seja, os surdos organizam o mundo de modo linguístico e enunciativo no plano visual, o qual possibilita considerar, também, que a visualidade não lhes é externo, mas sim, constitutiva de sua subjetividade e da forma que organizam sua realidade, suas experiências de vida.

Quanto a isso, Nogueira e Vianna (2021) justificam a escolha dos surdos pelo uso da Libras através das tecnologias e explica que um dos motivos para o sujeito surdo buscar se enunciar por meio de vídeo-gravação em Libras se dá, entre outras razões, pela dificuldade de ter que realizar a transcrição da Libras para o português escrito. Nogueira, que é surda, afirma que pelo fato de a Libras ser visual parece transmitir mais emoção para o texto, em contrapartida quando os surdos escrevem em LP parece não ser emitido o discurso igual ao que foi falado em Libras. No texto fica registrado a fala, nas gravações fica registrado quem está falando e também aparecem as expressões que ocorreram durante o processo de fala. Por mais que seja feita a transcrição do discurso de Libras para LP e ser possível registrar as emoções através das

palavras, ainda assim algo do discurso pode vir a escapar, pelo fato de que a transcrição ocorre do sinal para palavra e “existem sinais significando as palavras e a expressão facial registra emoções, sendo um dos parâmetros da Libras, isto é, a expressão facial faz parte do sinal e isso torna a transcrição mais difícil” (NOGUEIRA; VIANNA, 2021, p. 40).

A preocupação dos autores nesse estudo era criar “fontes surdas” a fim de contribuir na criação de produções científicas pensadas no público surdo. “como fazer para o surdo também entender? Como posso contar tudo isso que estudei para os surdos? Então, fiz vídeos” (NOGUEIRA; VIANNA, 2021, p. 38). Os autores transitaram pelos modelos linguísticos da Libras e da LP: fizeram vídeos de todas as partes do estudo e como também queriam que a “voz” dos surdos fosse “ouvida” pelos ouvintes, e por exigências do programa de pós-graduação, a dissertação também foi escrita em português.

Corroborando com essa discursão, Peluso (2015), diz que a escrita representa o que foi dito (ou pensado) e o que está gravado registra a materialidade da língua, assim também a Libras gravada representa um registro de uma textualidade que se enquadra nos critérios de texto escrito como o de qualquer outra língua. Portanto, diante da importância que a visualidade tem para o surdo é preciso criar materiais escritos também no formato visual, isto é, em Língua de Sinais. Para o autor o registro em Libras é um caminho mais assertivo e necessário. Para isso, teria que criar produções em língua de sinais materializadas por meio de vídeo-gravação, os quais podem ser arquivados e possuem as mesmas características dos textos escritos. Peluso (2015) reitera ainda que os registros na língua de sinais possuem:

- A característica da permanência (imutável, assim como nos textos escritos);
- A característica de objetivação (depois de realizadas as vídeo-gravações podem ser usadas e estudadas)

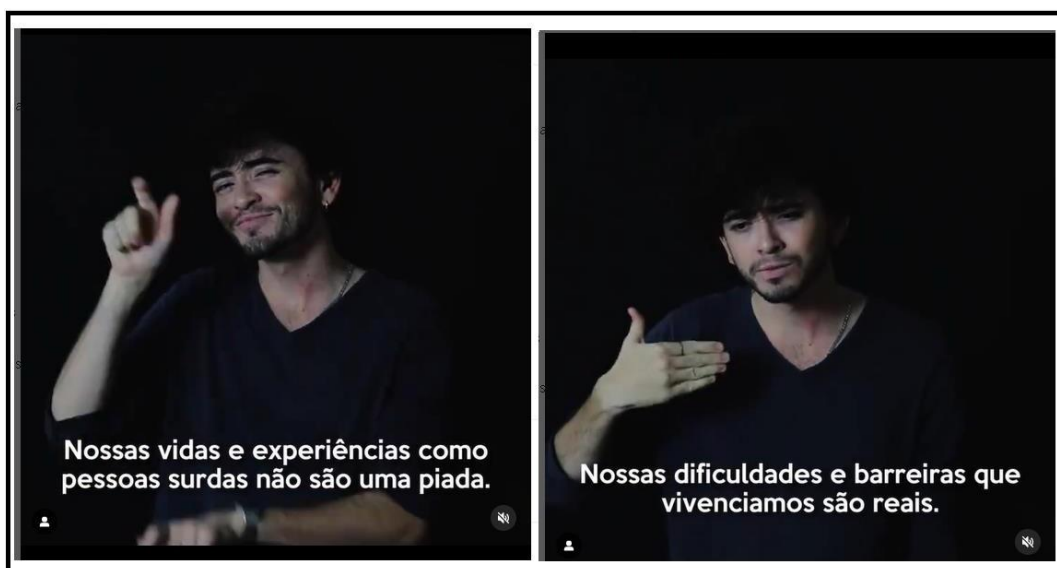
Sendo assim, os registros gravados em Língua de sinais, assim como a escrita, buscam produzir um texto linguístico que os condicionam para as possibilidades de serem arquivados, de serem permanentes e de se constituírem em objetos de estudos por se tratarem de vídeos documentos e fontes seguras para investigação. O uso do registro em vídeo é um mecanismo importante para o processo de aprendizagem, pois privilegia o uso de um instrumento constituído na e pela visualidade. Segundo a investigação de Kawase (2020) sobre as produções de registros em vídeos no período de 2005 a 2019 com conteúdo escolar para alunos surdos, essa estratégia tem contribuído tanto na interação com os pares como sobre os conteúdos estudados, ainda mais considerando que o narrar e o registro dos vídeos feitos em Libras tem possibilitado a organização do pensamento dos alunos surdos quanto a formação de conceitos



científicos. Lebedeff (2014) problematiza o que nomeia de “visualidade aplicada”, isto é, o entendimento da importância da visualidade em práticas pedagógicas, em elementos tecnológicos e nas edificações escolares que contribuem para o que ela vem nomeando de letramento visual de surdos. A autora, em seu estudo sobre a visualidade na educação, afirma que:

Há uma necessidade urgente de diminuir essa distância e de prover crianças surdas e ouvintes com novas possibilidades de construção de sentidos, de aprendizagens, a partir da imagem, da visualidade e dos textos multimodais. É possível inferir, portanto, que texto e imagem são complementares na produção de sentidos, não sendo nem concorrentes nem substituíveis, por serem de naturezas diferentes (LEBEDEFF, GRÜTZMANN, 2021, p.164).

Contudo, o uso do registro em vídeo como instrumento de produção reflexiva tem sido pouco olhado, apesar de que hoje em dia os surdos já estão constituindo uma cultura letrada por meio dessa textualidade diferida através de postagens de gravações visuais de textos reflexivos em Libras nas redes sociais. As circunstâncias de se fazerem entender pelos outros sujeitos os levaram a usar de uma forma outra de produção textual realizada a partir da tecnologia de vídeos. Validando, assim, uma estrutura e função similar à de um texto escrito em Língua Portuguesa quando se avalia a funcionalidade do uso da linguagem escrita num espaço de interação com o outro: registrar, anotar e compartilhar informações que se pretendem serem comuns endereçando à interlocutores em potencial. Alguns aparecem com legenda outros não, conforme os exemplos a seguir:



**Figura 1:** Discurso gravado em Libras por um *influencer* surdo refletindo sobre lugar de fala. Fonte: Página aberta de *influencer* surdo na plataforma *Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CHvg2gOp30T/>



**Figura 2:** Poesia materializada em Libras por um influenciador digital surdo. Esta obra foi exposta na exposição 36 Panorama da Arte Brasileira- Sertão do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CN3ZFxDpIyx/>

Por meio do entendimento pressuposto dessas imagens, percebe-se que o sujeito ouvinte como padrão normativo e alvo para as vidas surdas pode ser eliminado como o modelo único numa linguística tradicional, ou seja, aquele que sempre apresenta a escrita surda “como um espaço de transição, um hiato produzido por uma pseudo-escrita, até atingir a LP na sua variação normativa culta” (PELUSO, 2015, SOLER, 2022, p.49), pois se rompe com a dependência do sistema de escrita ser exclusivamente pautado na língua majoritária e, assim, levanta-se a existência de outro modo surdo do português se manifestar, pois nas mídias digitais à limitação para o uso da escrita em Língua Portuguesa não aparece tão punitivamente, nem para os surdos nem para os ouvintes. Nem mesmo as regras gráficas são excessivamente excludentes nesse espaço, podendo dar a sensação de liberdade para abordar qualquer assunto pelos meios ortográficos que se sentir confortável ou mesmo pelo próprio *internetês* que o sujeito poderá ser entendido.

As concepções de Peluso (2015) caminham na mesma esteira de pensamento de Marcuschi (2008), ao entender que a língua em seu cotidiano pode ser tratada nas mais diversas formas/formatos. Estão também em sintonia com Gesueli e Moura (2006), Figueiredo e Guarinello (2013), Lebedeff (2017) que apontam sobre os múltiplos gêneros discursivos já circulantes na sociedade atual. A ideia é que essas práticas não sejam somente pautadas na fala e na escrita, mas que sejam inseridas outras semioses em uma perspectiva multimodal, na tentativa de minimizar o reducionismo da linguagem fundada apenas na oralidade.

O fato é que a escrita como mecanismo do processo social, interativo, dialógico e histórico por vezes já vem acontecendo (por linhas de fugas, como escape) e se materializa em formatos diferentes do padrão tradicional. Pois, quando se muda do ambiente (vigilante/punitivo) escolar para um espaço livre de normativas (como no mundo virtual) a

escrita também muda, ou melhor, pode efetivamente acontecer. Acontecer sem a demonstração de tantas amarras às condutas gramaticais, sem titubear pelas chuvas de regras impostas pela norma culta de uma língua hegemônica.

É necessária uma nova visão sobre os aprendizes, sobre como os (seus) encontros produzem experiências surdas com a LP, de modo que seja considerada a realidade dos sujeitos e as interações no desenvolvimento de aprendizagem, concebendo o aprender na singularidade e efeito do ato de criação do sujeito em seus percursos (SOLER, 2022, p. 53).

Quando se considera o aprender pautado nos processos de criação apoiados nos acontecimentos cotidianos da realidade dos sujeitos esse desafio do aprendizado não parece ficar inalcançável ou descontextualizado do uso porque passa a ser compreendido como uma realização que pode emergir de um si reflexivo que pode escrever para si mesmo (em um diário) como também para a comunidade (como na rede social, por exemplo). Nesses espaços outros, a escrita feita sobre si mesmo além de falar de (para) si pode também ser direcionada para um coletivo, pois quando o ensino de Língua Portuguesa para o sujeito surdo é permeado por “uma escrita mais autônoma e autoral pode criar condições para tornar a escrita um meio de reflexão sobre si e sobre o outro” (SOUZA; LACERDA, 2021, p.124) tendo, assim, possibilidades de construção subjetivas no autor e também o leitor, conforme abordarei nas discussões adiante.

### 1.3 Marcas do *ethos*<sup>6</sup> surdo na escrita

Para tratar da articulação entre escrita e processos de subjetivação cabe esclarecer o que entendo sobre o *ethos* e como o vejo funcionar de modo articulado na produção da escrita da pessoa surda. Por isso, parto da noção inicial do *ethos* nascido na Grécia com Aristóteles e não o *ethos* nascido em Roma com Quintiliano e Cícero, por seguir perspectivas diferentes, tendo em vista que é o pensamento grego (e não o romano) que serve de bases para a construção teórica da noção de *ethos* nos estudos linguísticos.

O *ethos* grego era fundamentado na retórica, na produção discursiva da oralidade, como foco na persuasão e no convencimento pelo discurso, por esse motivo os oradores utilizavam

---

<sup>6</sup> Diferentes teorias estudam o conceito de *ethos* cada qual em perspectivas diversas, contudo, para este estudo interessa o caso em que as manobras de ‘apresentação de si’ estão contextualizadas à luz do pensamento sobre ética em Michel Foucault (2005) e que serão retomadas no terceiro capítulo.

características físicas (trajes, expressões, gestos, etc.) para construir uma autoimagem positiva a fim de convencer os outros. Nesse âmbito, o *ethos* significa a imagem de si que o orador cria através do seu discurso e o seu caráter real. Dessa forma, o *ethos* aristotélico está ligado a própria enunciação, e não a um saber sobre o locutor. Tal aspecto se aproxima da perspectiva da análise do discurso em que o *ethos* não se encontra no enunciado, mas sim na enunciação, ou seja, o *ethos* está na imagem do autor (não do autor real de carne e osso) construída pela tessitura do texto no discurso. Diferentemente do conceito aristotélico, Maingueneau (2008) tem a concepção discursiva do *ethos* estendida além dos enunciados orais e abrangendo também os discursos escritos, visual, ou verbo-visual, até mesmo o *ethos* representado numa pessoa ou até mesmo em instituições, nas quais a imagem de si se constrói nas instâncias enunciativas e se mostra através de discursos. Assim como ocorre na perspectiva semiótica assumida por Fiorin (2008), em que o *ethos* é assumido como uma imagem construída pelo sujeito da linguagem por meio do efeito do discurso e não como construção fora dele. (FIORINDO, 2012, GOLÇALVES, 2015).

Por outro lado, para Foucault (2005), o *ethos* presente em seus estudos sobre os modos de vida na Antiguidade diz respeito a concepção de que:

O éthos era a maneira de ser e a maneira de se conduzir. Era um modo de ser do sujeito e uma certa maneira de se apresentar aos outros. [...] Para que essa prática da liberdade tome a forma de um éthos que seja bom, belo, honrável, estimável, memorável e que possa servir de exemplo, é preciso todo um trabalho de si sobre si. (FOUCAULT, 2005, p. 69-70).

Sendo assim, compreendo que o *ethos* se constitui da relação entre a apresentação de si mesmo (efetuada pelo enunciadador em seu discurso) com a representação do seu estilo, suas crenças, seus modos de se conduzir e, por conseguinte, às suas competências linguísticas. A partir disso, entendo que para o sujeito surdo “[...] possuidor de uma língua, de uma cultura, de identidades múltiplas, um sujeito social e politicamente construído, diferente” (MORAIS; LUNARDI-LAZZARIN, 2009, p. 25), a concepção foucaultiana (2005) sobre a dimensão do *ethos*, faz relação com a prática refletida na liberdade, com as formas que o sujeito surdo tem de conduzir a vida, *ethos* que representa uma atitude que o indivíduo tem em corresponder aos acontecimentos impostos pelas situações vividas, ou seja, como uma escolha voluntária de uma maneira de pensar, de sentir e de agir. Trata-se, portanto, do *ethos* como uma marca de pertencimento de diferentes formas de vida, dentre elas, as vidas surdas as quais “contam com as instâncias que afirmam a busca do direito do indivíduo surdo ser diferente nas questões

sociais, políticas e econômicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social” (PERLIN, 1998, p. 71).

Por essa mesma esteira de pensamento, Thoma e Lopes (2013) compreendem que a experiência de si dos sujeitos surdos implica na produção de um *ethos* o qual é entendido como:

[...] aqueles que, de distintas formas e intensidades de participação na comunidade surda, se autodeclararam pertencentes a um grupo ou comunidade surda específica ou que afirmam ter uma identidade surda. Nesse sentido, queremos marcar que a diferença surda, inscrita no corpo com surdez, inscreve os sujeitos em práticas construídas coletivamente a partir de condições de vida que se impõem aos sujeitos, exigindo deles, quando próximos de seus semelhantes, a criação de formas específicas de se comunicar e de se relacionar a partir do olhar, de uma cultura visual. Portanto, queremos dizer que está na história de sobrevivência, nas experiências visuais, nas condições de criação da língua de sinais, nas práticas culturais, nas mobilizações e nas muitas maneiras de levar a vida como obra de arte sendo construída cotidianamente e nas muitas práticas que engendram, aquilo que denominamos ser um *éthos* surdo ou uma atitude moderna surda. Um *éthos* que carrega consigo os significados da modernidade e todas as suas normativas, discursos, formas de subjetivações, mas também todas as possibilidades de liberdade que permitem, entre outras experiências, a *contraconduta* (LOPES; THOMA, 2013, p. 10, marcas das autoras).

Depreende-se, então, no que diz respeito da escrita da pessoa surda, esta (além de ser carregada das marcas da sua língua matriz que resultam em formas outras de ser surdo por meio do registro linguístico) caminha por um percurso traçado pela via da *contraconduta*, ou seja, por “uma forma de ser, de viver e de se relacionar com a própria experiência de cada um” (LOPES; THOMA, 2013, p. 12). Assim, segundo as autoras, em algum momento da vida de um sujeito surdo os discursos podem subjetivá-lo de diferentes modos. Tal fenômeno pode ser denominado de *éthos* surdo, o qual pode ser encontrado nas experiências vividas por cada sujeito surdo, nas suas histórias, nos seus cotidianos, nos seus comportamentos, afetos, relacionamentos, nos seus modos de vida e, sobretudo, nos seus modos de leitura e escrita.

Se a representação da escrita surda tiver que ser constantemente apoiada nas bases (ou sob as características próprias) da escrita em Língua Portuguesa poderá, obviamente, trazer marcas de traços da surdez, simplesmente por ter sido escrita por um sujeito surdo que possivelmente tem a Libras como língua matriz. Aceitar o discurso de que o surdo, assim como um indivíduo estrangeiro aprendiz de português precisa ser ensinado a escrever em Língua Portuguesa como segunda língua (de preferência, sem apresentar os traços de sua língua matriz), é uma comparação injusta, pois a língua dos dois indivíduos não é de estirpes semelhantes, ou seja, dizer que o surdo precisa ser ensinado com a mesma metodologia que se ensina uma L2 para um estrangeiro é não se atentar para a diferença primordial entre elas: as especificidades de suas modalidades linguísticas. Ora, exclusivamente pelo fato de que essa afirmação está sendo

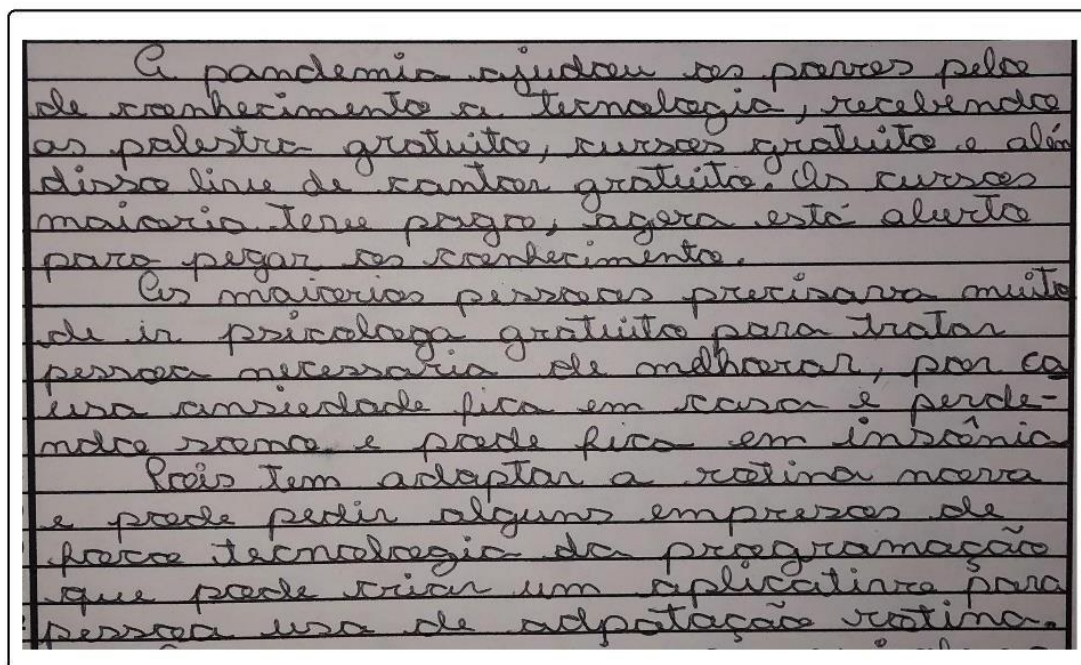
feita utilizando o exemplo de um estrangeiro que (independente da nacionalidade) é ouvinte, ou seja, a sua modalidade linguística é fundamentada na oralidade, diferentemente do sujeito surdo que (também, independente da nacionalidade) pertence a uma modalidade linguística visual-gestual. Não é justo fazer essa comparação, pois são esferas linguísticas diferentes. É inconcebível ainda existir instituições educacionais que insistam em tentar modelar a escrita surda projetando-a no alcance de uma escrita próxima a escrita da língua dominante ouvinte, sendo que as categorias linguísticas pertencentes ao surdo e ao ouvinte são distintas.

Como se pode esperar que no momento da produção escrita, em que o sujeito se projeta no papel, a escola o condicione a dissipar algo que é inerente a ele? Seria induzir a fuga de si mesmo e agir contra a liberdade do sujeito na tentativa de enquadrá-lo na “caixinha” dos alunos que seguem as normas gramaticais da língua culta. Tal circunstância me remete ao pensamento do pedagogo brasileiro, Paulo Freire (1984), quando afirma que a essência da educação deve ser entendida como prática da liberdade para que os sujeitos venham a se constituir como (co)autores da (sua) história: “A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdo [...]” (FREIRE, 1984, p. 67, aspas no original). Sendo assim, o fato de impelir ao sujeito surdo a apreensão e o tormento de manter o ‘controle’ de não deixar transparecer marcas da surdez na sua escrita seria como pedir para apagar algo que está intrincado em suas entranhas, algo que o faz ser quem é, algo que o constitui e que está intrínseco em seu ser. Isto é, apagar (esvaziar) a escrita na singularidade surda para que, retomando o pensamento de Freire, se “encha” de uma escrita formatada na língua predominante.

E se acontecesse o contrário: pedir para um indivíduo ouvinte escrever uma produção reflexiva autoral em que apagasse o fato de que consegue ouvir, a fim de que escreva com os traços de quem não ouve, mesmo sem nunca ter tido essa experiência? Seria negar a sua condição de ouvinte e, provavelmente, a produção textual nessas condições não refletiriam a sua essência, sua natureza, seu íntimo, isto é, não seria uma produção própria de si. Em relação a isso, a autora surda Kist (2020), em sua dissertação de mestrado problematiza o fato de que a pessoa surda mesmo tendo o direito de se expressar em Libras como sua língua matriz não deixa também de estar sujeita, compulsoriamente, a ter que aceitar as leituras e escritas em Língua Portuguesa impostas como norma. “Temos uma escrita surda que deve obedecer a estrutura escrita do português ouvinte, pois os leitores ouvintes não aceitam a estrutura da escrita dos surdos, porém, o contrário disso não ocorre” (KIST, 2020, p.70).

Partindo desse questionamento, a autora investigou que as implicações da escrita dentro da norma ouvinte nos espaços acadêmicos foram submetidas a um processo de criação, de invenção de uma escrita outra, nem Libras nem Português, isto é, os professores surdos no ensino superior, ao precisarem fazer uso da Língua Portuguesa, foram sujeitos a operar de outras formas linguisticamente. Esse estudo teve como um dos resultados de suas investigações a constatação de que no âmbito linguístico, a resistência surda tem emergido, porém, ainda se mantém atrelada a um estado de menoridade.

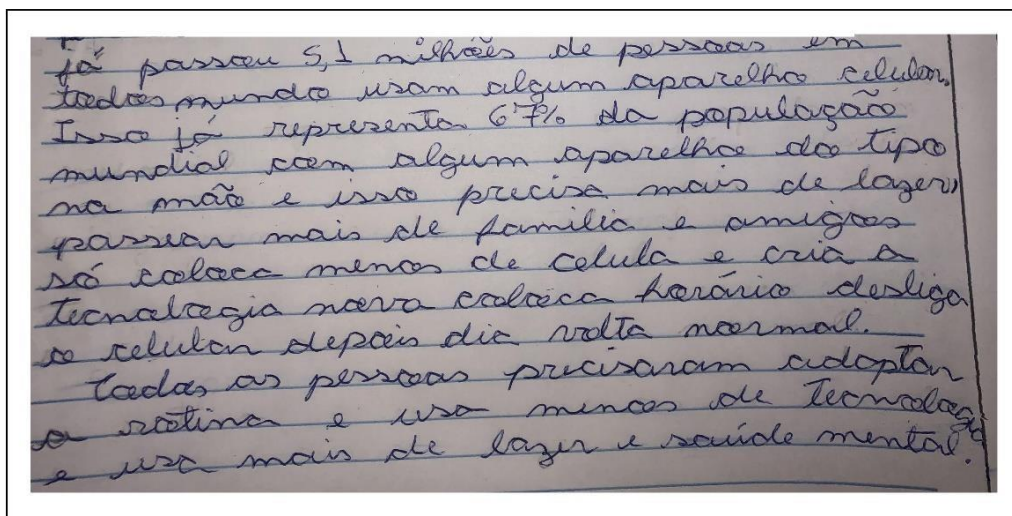
Para Kist (2020), a liberação desse estado de menoridade depende da vontade do sujeito surdo mostrar à sociedade ouvinte a sua diferença linguística e cultural através da defesa dos espaços de legitimação da escrita surda não linear. Aquela que é adotada por surdos usuários de Libras ao expressar seu pensamento na forma escrita e que, por muitas vezes, “segue uma outra ordem e ignora termos não utilizados na sua primeira língua, como por exemplo: Artigo, preposição, conjunção, conjugação de verbos, entre outras regras que não fazem parte da gramaticalidade da língua sinalizada” (KIST, 2020, p. 71). Para corroborar com essa afirmativa da autora, a seguir, trago duas imagens com trechos da escrita de um estudante surdo no último ano do ensino médio ao dissertar a respeito da pandemia do novo coronavírus em 2020:



**Figura 3:** Escrita de uma pessoa surda sobre os reflexos da pandemia de Covid-19.

Fonte: Registros coletados pela pesquisadora durante a pesquisa.





**Figura 4:** Escrita de uma pessoa surda sobre saúde mental realizada em julho de 2020.

Fonte: Registros coletados pela pesquisadora durante a pesquisa.

Ressalto que a intenção aqui não é realizar análise gramatical, tampouco estabelecer critérios de julgamentos sobre o texto exposto, no entanto através da leitura do exemplo acima, vale parar o olhar sobre ele e atentar-se para a percepção da escrita surda produzida como parte de um processo criativo, o qual tem a fusão entre o repertório linguístico já construído em Libras (sua língua matriz) com o modo surdo de aprender/escrever a Língua Portuguesa, sendo esta não na função de uma segunda língua, mas de uma língua adicional, isto é, como uma língua que não busca fabricar, criar ou fundamentar o sujeito surdo, mas que tem a tarefa de acrescentar elementos linguísticos suplementando suas habilidades de comunicação.

A Língua Portuguesa escrita por surdos considerada como uma língua adicional é singular e produz outra interatividade na escrita, partindo de uma convivência pacífica com sua língua matriz, já que língua matriz e língua adicional partem de objetivos distintos, mas coexistem, ora de maneira harmônica, ora em tensões. Isso ocorre pelo hibridismo necessário delas e das práticas de escrita que o sujeito surdo inevitavelmente é submetido. Elas se complementam e funcionam em contextos distintos de funcionamento da vida do sujeito surdo. (SOLER, 2022, p. 53).

Levando em consideração que os surdos estão alocados numa cultura minoritária e subordinada à cultura ouvinte e que “os surdos são sujeitos produtos e produtores da cultura, resultado dos jogos de representação que colocam em circulação significados que regulam práticas, influenciam condutas e possuem diferentes efeitos” (KARNOPP; POKORSKI, 2016, p. 358), tem-se, portanto, que as produções escritas tomam sentido reivindicatório, tanto no âmbito educacional quanto no âmbito social. Na escrita surda além de aparecer os rastros da



falta de audição presente nas estrelinhas dos textos, aparece também os traços das experiências de vida do sujeito, experiências no sentido Larrosiano (2002), daquelas que nos expõe e que contribuem para a composição de subjetividades. Dessa forma, ao selecionarem palavras para falarem de si, os surdos atribuem significados às suas vivências. Significa dizer que:

Atividades que implicam em considerar as palavras, criticar as palavras, eger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras, etc., não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata, é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como relacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos, ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (2002, p. 21).

Motivada pelas reflexões de Jorge Larrosa sobre o uso das palavras como forma de produzir sentidos, compreendo que as marcas do *ethos* surdo vão sendo também constituídas na escrita por meio da escolha das palavras, isto é, a partir das expressividades dos momentos experienciados pelos surdos em articulação com a sua história de vida e na relação que é estabelecida consigo mesmo e com os outros. Reconhecer a escrita de pessoas surdas na aplicabilidade da LP como uma língua adicional é considerá-la para além de seus aspectos específicos, estrutural, plural e móvel devido o *ethos* surdo marcar a escrita de maneira indissociável independentemente se as instâncias e instituições consideram ou não o modo de escrever da pessoa surda como uma língua de fato.

Para um aluno surdo, usuário de língua de sinais, o desafio de se expressar através da escrita em Língua Portuguesa como L2 pode emergir incontrolavelmente de seu texto marcas do ‘português surdo’ existindo, assim, na escrita surda um processo de resistência (mesmo que de forma não proposital) ao modelo escolar vigente pelo fato da escrita surda ser um processo de criação em que apresenta marcas do sujeito que escreve, suas condutas de afetividade, humanidade, entre outras atitudes produtoras de modos singulares de ser surdo.

Ora, se o sujeito surdo se “representa pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico” (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218), assim também será a sua representação na escrita, isto é, uma escrita com marcas de uma escrita visual. Segundo Peluso e Lodi (2015), os sujeitos surdos organizam o mundo de modo linguístico e enunciativo no plano visual, ou seja, a visualidade organiza a realidade do sujeito surdo e o constitui subjetivamente. É importante que processos educativos possibilitem aos surdos estratégias para o letramento visual. Nesse sentido, há escolas que utilizam de práticas pedagógicas visuais como metodologia de ensino

para alunos surdos. No entanto, há um certo paradoxo nesse evento, pois a escola pode até entregar o conteúdo de modo mais visual, mas quando o aluno surdo devolve sua produção mesclada (português surdo) com traços da língua visual aí a escola não aceita.

Existe uma certa distância entre o discurso (o surdo é sujeito visual) e a prática (experiência visual não é privilegiada na escola), que é observada tanto na escola para ouvintes com alunos surdos incluídos como nas próprias classes de surdos, seja com professores surdos ou ouvintes (LEBEDEFF, GRÜTZMANN, 2021, p.164).

É preciso normalizar o fato de que a escrita surda apresenta marcas da visualidade da língua de sinais, porém esta prática é mal recebida pela escola, quando essa prática valoriza uma perspectiva gramatológica da língua em abordagem mais conteudista e tradicional. Mas isso não precisa ser sempre assim ou não precisamos manter essa realidade para as práticas educativas. É possível que as instituições escolares que oferecem ambientes inclusivos e também bilíngues, efetivamente, promovam condições visuais eficientes para educação de surdos e (re)significar a educação de surdos.

Para isso, é urgente pluralizar o ensino em busca da “construção de uma escola que acolha o *ethos* surdo plural, na singularidade que este ser-surdo traz consigo” (MARTINS, 2020 p.88) e romper com o discurso canônico do ensino de surdos focado em práticas pedagógicas instrumentalizadas na assimilação de códigos, normas ortográficas e regras gramaticais, fazendo o aluno decorar algumas classes de palavras ou conjuntos de frases prontas. É imprescindível oferecer mecanismos que possibilitem ao aluno surdo o exercício da construção de uma escrita auto reflexiva, provocadora de críticas, questionamentos, que o levam a resistir a julgamentos, instituições, práticas já estabelecidas na sociedade e que olhem para si como escritores e autores em Libras e , em língua portuguesa com as suas marcas existenciais.

As instituições escolares precisam estar abertas a compreender que há marcas do *ethos* surdo na materialização de sua escrita, pois para esse sujeito a escrita se dá de modo singular, diferente do modo ouvinte e, com esse entendimento, efetivamente venham a se comprometer responsabilmente por uma educação fundamentada em experiências surdas. Não devendo se contentar em possuir suportes técnicos, recursos profissionais bilíngues (LP/Libras), presença de surdos na escola na tentativa de garantir uma ‘ilusão’ de escola acessível, bilíngue, inclusiva (ou seja, qual for o título para melhor passar sua imagem). Se ainda houver a negação de que há diferença na expressividade linguística do sujeito surdo continuará prevalecendo a ausência do reconhecimento ético em seu modo de escrever.

Reconheço que é desafiador tensionar aqui mudanças para esse cenário disciplinar. No entanto, é possível e se faz necessário que as escolas com alunos surdos percebam com sensibilidade a escrita surda como forma de registro linguístico (seja ele materializado em Libras ou em LP), como um caminho do saber democrático decorrente de uma contemporaneidade estimuladora de buscas por um ensino mais prazeroso, instigante e que conquiste o aluno para um espaço de inscrição de si mesmo, mais dentro da sua realidade de diferença ética e linguística. Esse processo de autor-escritor os surdos tem feito no espaço digital, em produções cotidianas em suas redes sociais. Essa tese tenciona o lugar da escola, ou melhor, convida a educação a olhar as belas produções de vida e *ethos* surdo nas redes sociais porque lá pensamos encontrar inscrições de vida e de resistência surda contemporânea que podem inspirar novas práticas para a escola na atualidade.

## **CAPÍTULO 2 – Escrita e cuidado de si na constituição de um *ethos* ativo e reflexivo pela leitura filosófica foucautiana**

---

*O sujeito que escreve não para de desaparecer*  
(FOUCAULT, 1992, p. 272).

Neste capítulo, apresento o estudo da escrita reflexiva como espaço constitutivo e crítico de se aventurar pela escrita manuseando-a pela condução do (si) contar; faço um passear pelas noções da escrita de si na história e, a partir daí, sigo para a visão do olhar foucaultiano a respeito do cuidado de si para a constituição do *éthos*. Por meio dessa dinâmica que envolvo o leitor na apreciação os processos de constituição de subjetividades, e os novos estilos de vida (questão da ética, mas também política e estética) que vão sendo reveladas pelas mídias digitais, lugar onde o sujeito surdo tem à disposição um leque de acontecimentos que o conduzem a inscrição ao seu *éthos*.

### **2.1 A proeza do contar-se**

Não é necessário ser um profundo estudioso de literatura para perceber a variedade de tipos de escritas que nos rodeiam. Ao lermos um texto é possível identificar, sem muito esforço, se o autor narra em primeira ou em terceira pessoa ou se acontece alternâncias entre as pessoas do discurso. No campo da literatura, quando se trata de uma escrita auto referencial, tem-se a

denominação de um tipo textual classificado por escrita de si, a qual se caracteriza pelo autor biográfico narrar em primeira pessoa situações que podem ser, ou não, ficcionais. Além disso, incorporado ao gênero confessional há diferentes abordagens teóricas que marcam a presença de eu – narrador, como: biografias, autobiografia, correspondências, diários, memórias, escrita íntima, escrita confessional, entrevistas de histórias de vida, entre outras. Todas contendo a semelhança de tratar de uma escrita marcada por um profundo intimismo “dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão, por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência” (ARFUCH, 2010, p. 15).

Entretanto, há autores que não retratam a escrita de si como um gênero ou modalidade transcendental, mas como um tipo de leitura ou entendimento que ocorre em graus variados (MORICONI, 2005, LEJEUNE, 2008, ARAUJO, 2011) considerando análises por meio de diversas perspectivas além da visão do autor e que produzem subjetivações por meio da técnica do inscrever-se na escrita.

Dessa forma, na escrita de si acontece substancialmente a interação do autor consigo mesmo e a interação do autor com o interlocutor. Um exemplo disso, é quando observamos a expressão “querido diário” em que o autor escreve sobre si, porém não apenas para si. Há um “algo a mais” ao ter a intenção de escrever sobre si mesmo. Em vista disso, desde já, deve-se ressaltar que não se trata de um gênero específico com propriedades engessadas e bem definidas, mas de “uma modalidade literária autobiográfica que se caracteriza por uma tentativa, por parte do sujeito, de objetivar o *eu* que fala.” (ARAUJO, 2011, p.12).

No Brasil, o movimento biográfico teve sua veiculação através das pesquisas na área educacional como é observado na obra *Escrita de si, escrita da história* (2004), de autoria de Ângela Gomes, a qual faz um levantamento histórico da escrita intimista na sociedade brasileira e aponta que, na década de 50, o intelectual Francisco de Assis Barbosa foi o pioneiro a utilizar tal formato em nossa literatura com a publicação da segunda edição da obra *A vida de Lima Barreto*. Posteriormente, muitos outros escritos seguiram esse estilo e não apenas no contexto literário, mas também na esfera social, artística e política, dentre as quais destacaram-se as correspondências de Luis Carlos Prestes durante o período do Estado Novo; a obra que registrou as trocas de cartas entre Mario de Andrade e Carlos Drummond; as famosas cartas românticas de Caio Fernando de Abreu na década de 90, entre outras publicações igualmente importantes. De fato, comumente, têm-se leitores e escritores interessados em conhecer o particular das pessoas. Por conseguinte, não se pode negar que nas últimas décadas, não apenas no âmbito das obras nacionais como também nas internacionais, as escritas que abarcam ao estilo

autobiográfico, correspondência e diários vem alcançando cada vez mais o público leitor. Tais modalidades de escrita transporta-me diretamente às reflexões foucaultianas embasadas em seus estudos acerca dos *hypomnematas*, isto é, um caderno de notas em que os gregos na antiguidade o tinham à mão como uma ferramenta para anotar memórias, pensamentos, lembranças, palavras vividas, ouvidas ou pensadas. Foucault mencionou os gregos fazendo-nos olhar para suas técnicas como estratégias significativas para a produção do sujeito sobre si. Menciona que essa prática se colocava aos gregos como um exercício de busca e reflexão sobre si mesmo, ativando um percurso *ético-estético* de treinamento do corpo e da mente na busca de uma *auto-condução* de si.

Não haverá que considerar esses *hypomnémata* como um simples suporte de memória, que poderia consultar a cada tanto, caso se apresentasse a ocasião. Eles estão destinados a substituir a recordação eventualmente débil. Eles constituem, antes, um material e um quadro para os exercícios a realizar frequentemente: ler, reler, meditar, conversar consigo mesmo e com os outros etc. Trata-se de constituir um *logosboéthikos*; um equipamento de discursos que servem de ajuda, suscetíveis, como diz Plutarco, de levantar eles mesmos a voz e de fazer calar as paixões, como um amo que com uma palavra aplaca o latido dos cães (FOUCAULT, 1992, p. 221).

Para o autor, os gregos relacionavam-se com os *hypomnemata* como uma prática de registro de pensamentos, positivos ou negativos, que a mente mandasse ou que escutasse, uma forma de planejamento de si numa organização subjetiva pela escrita. Ou seja, o sujeito poderia escrever nesta caderneta pessoal reflexões sobre inveja, murmuração, desgraça, luto, bajulação dentre outras formas de hábitos constantes do ser humano. O fato é que, na função desse caderno de notas, a escrita abarcava a responsabilidade de remeter ao homem grego um exercício de si pelo pensamento, entendido “como um adestramento de si por si mesmo” (FOUCAULT, 1992, p. 132), e assim também permitir a constituição de si a partir da coleta do discurso de outros. Ainda em seus estudos fundamentado na cultura greco-romana, Michel Foucault (1992), afirma que a escrita de si, seja ela direcionada para si ou para o outro, por muito tempo ocupou uma das primeiras e principais práticas ascética (*askêsis*). Para os gregos, a *askêsis* remetia-se ao exercício de si por si mesmo que fosse possível dominar a arte de viver, relacionando a escrita como um modo de subjetivação, como uma ferramenta para agir consigo. Nessas análises da escrita nos séculos I e II, assim como nas Cartas de Sêneca para Lucilius, a escrita operava no papel ethopoietico - daí o termo “escrita de si” - ou seja, a escrita era encarregada de transformar os discursos em verdades, em princípios, em valores de vida.

Com o passar dos séculos, o ato de escrever sobre si sofreu significativas alterações. Trazendo para o período presente, considerando as últimas três décadas, grandes modificações

na dinâmica da vida cotidiana foram introduzidas a partir de inovações na área da comunicação e da informática, especialmente a partir do avanço irrefreável da mídiatização e do advento da internet. A tendência do posicionamento sobre os pensamentos registrados nas redes sociais transita acima do limite da visibilidade, além disso, contribui como agenciadores para a confecção de um complexo tecido de subjetividades nesse cenário privilegiado do que é público ou privado.

O desdobramento de subjetividades, antes expressas em diversas formas literárias, na contemporaneidade não é mais ligado somente a personagens imaginários por ilustrações de obras fictícias desenhadas na fabulação de moral ou no sentido religioso como nos textos de alguns poucos anos atrás. Na atualidade, as escritas de si também são representadas por relatos no meio midiático através dos costumeiros diários *online*, desabafos pelas redes sociais, nas relações com as pessoas, com a economia, com a política, com a sexualidade, etnia, entre outros temas, revelando pensamentos particulares e até mesmo intimidades já não tão secretas e, assim, delineando autonomia de uma esfera outra do ser.

## **2.2 Noções sobre a escrita de si na história**

Existem variadas modalidades de escrita que executaram funções diversas ao longo dos séculos. Porém, retomando sobre o que estava comentando no tópico anterior em relação aos modelos de escrita sobre si na antiguidade, Foucault (1982) em *Tecnologias de Si* – primeiro seminário ministrado pelo autor na Universidade de Vermont em 1982 – se prestou a examinar o domínio das práticas de si presentes nos textos clássicos, desde os últimos séculos antes de nossa era até os primeiros seguintes. Em suas análises, a prática da escrita se comportou como uma importante tecnologia ligada ao cuidado de si mesmo em que o *si* era considerado um tema para se escrever a respeito, por exemplo como se pode observar na escrita de diários. Tal formato de escrita surgiu na era cristã e concentrou-se na noção de combate da alma não por meio da escrita das atividades diárias do sujeito, mas na dedicação de escrever para os deuses a quem foi pedido cura de algum mal. Porém, “esta não é uma característica moderna, nascida da Reforma ou do Romantismo; é uma das mais antigas tradições ocidentais” (FOUCAULT, 1982 /2011, p. 334) que pode ser comprovada desde os escritos de Santo Agostinho o qual desempenhou, no formato de texto autobiográfico, a introspecção do sujeito como um exame auto explorativo da subjetividade como um caminho para se chegar a Deus.

A investigação da própria subjetividade seria um caminho para conhecer a Verdade e para se chegar a Deus. Esse entendimento marcou profundamente a história da escrita de si, caracterizando o relato como um instrumento de auto-análise e investigação subjetiva: o interior do sujeito que olha para si mesmo se tornou um lugar de revelação (ARAUJO, 2011, p.12).

No entanto, foi no período Renascentista, que se possibilitou a valorização e o interesse consciente por uma escrita que visa a si mesmo. Com a dissolução do estilo medieval e o destroncamento da visão de Deus no centro do universo para o “penso, logo existo” de Descartes, decorreu na projeção do sujeito com entendimento racional e que assumia um papel na vida social, sendo capaz de distanciar-se, descentrar-se de seu *locus*. Poderia, então, posicionar-se por uma visão exteriorizada capaz de se observar em um espaço onde seria possível se questionar e articular juízos de valor sobre ele mesmo.

Com o passar dos anos, com as mudanças econômicas, políticas, sociais e também a respeito do entendimento do homem sobre a visão que exercia sobre si, a escrita não poderia continuar sem alterações. “A repercussão das rupturas ocorridas no período renascentista resultou na escrita de si não como uma prática natural, mas por uma construção histórica e cultural desenvolvida com o intuito da busca pela historicização da vida” (LIMA; SANTIAGO, 2010, p.23).

No entanto, nos séculos passados, a prática de discorrer sobre si e confessar sua individualidade foram perdendo a situação ritual, religiosa, exclusiva e passou a ser difundida como um exercício de amplas esferas.

A confissão passou a ser utilizada em toda uma série de relações: crianças e pais, alunos e pedagogos, doentes e psiquiatras, delinquentes e peritos. As motivações e os efeitos dela esperados se diversificaram, assim como as formas que toma: interrogatórios, consultas, narrativas autobiográficas ou cartas, que são consignados, transcritos, reunidos em fichários, publicados e comentados. Mas a confissão se abre, senão a outros domínios, pelo menos a novas maneiras de (FOUCAULT, 1988, p. 62)

Neste excerto retirado *História da Sexualidade I: A vontade de saber* (1988) Foucault destaca a prática do sujeito de contar sua história por acontecimentos na forma de confissão de pensamentos, de escuta das suas próprias confidências, devaneios e obsessões, tornando essa ação necessária em campos distintos, como tarefa infinita que busca uma verdade que produz mudanças intrínsecas em quem a pratica, como: inocentá-lo juridicamente, resgata-lo, livra-lo de suas faltas, curá-lo de alguma enfermidade, entre outras situações. Ao posicionar-se numa

postura reflexiva frente ao escrever ou falar sobre si mesmo o sujeito permite constituir-se e projetar-se.

Contudo, no século XVIII, entre 1765 e 1770, Rousseau publicou *As Confissões* diferentemente do objetivo de Santo Agostinho, o qual escrevia sobre si como forma de contrição em busca da subjetividade para que o levasse ao contato e entendimento divino, Rousseau escrevera sobre si para fixar suas experiências com o propósito de reconhecimento social, a fim de que o leitor o avaliasse quanto a sinceridade do seu relato e, com isso, possibilitar a correção da hipocrisia que imperava na sociedade. Nesse período, emergiu o entendimento de que o mundo público era (e ainda continua sendo) um palco de encenações, onde as aparências suplantavam a singularidade do indivíduo, provocou uma profusão de escritas de si. Nesse espaço, a escrita teve como objeto o si próprio, a vida do próprio sujeito narrada por ele mesmo como uma tentativa de alcançar a representatividade do seu íntimo, o que tornou possível pelo fato do século XIX ter revelado o processo de formação do desenvolvimento do individualismo exacerbado pelo Iluminismo com a ascensão da classe burguesa.

Uma transição fundamental para a escrita de si: a passagem da sinceridade para a autenticidade. (...) Com isso, a sinceridade se revela frágil, insuficiente, sem relação de monopólio sobre a verdade. E, daí, o novo objetivo do indivíduo será ser autêntico. É justamente a transição do século XVIII para o XIX que vai consolidar a escrita de si como um gênero íntimo. A concepção de liberdade vai atestar que, antes do bem comum e do interesse coletivo, o conceito reverbera na realização pessoal de cada sujeito: a singularidade individual é o que mais se valoriza. Assim é que o texto autobiográfico deixa de se constituir a partir da ideia de purificação dos pecados do “eu” decaído, ou do “eu” que insiste em dizer o que e como é para se ver reconhecido pelo outro mesmo em suas maiores fraquezas, para surgir em sua prática a ideia de um desenvolvimento: “como alguém se torna o que é” (ARAUJO, 2011, p. 19 – aspas do autor).

Pois bem, os escritos pessoais emergiram desde a antiguidade e passaram por mudanças em seu percurso histórico. O surgimento de um “eu” como validade de uma escrita biográfica remota pouco mais de dois séculos. No entanto, a necessidade de confissão e a noção de uma escrita que transparecesse intimidade favoreceram a crescente expansão da escrita de si nos séculos XIX e XX quando a sociedade se tornou mais complexa. As escritas sobre si sofreram tensões entre os questionamentos do mundo privado e da consciência moderna em um novo espaço social, ou seja, nesse período havia a necessidade de definição de conceitos de duelo como o público x privado, sentimento x razão, corpo x espírito, homem x mulher (ARFUCH, 2011). Como o passar dos anos, o Estado voltou-se às grandes massas, posicionou-se ao interesse do coletivo e, com isso, possibilitou verificar que o homem não era tão individual e racional como no pensamento cartesiano, o qual entendia a vida apenas do lado de fora do eu.



Parece não haver dúvida que, entre todas as formas que tomou este adestramento (o que comportava tinência, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita – o fato de se escrever para si e para outrem – só tardiamente tenha começado a desempenhar um papel considerável. (FOUCAULT, 1992, p.133)

A prática de escrever sobre si atingiu um delineamento típico da sociedade moderna ocidental em que o sujeito, antes considerado completo, inteiro, se observa fragmentado. Embora o texto autoreferencial não ter nascido no período modernista, foi com o advento do homem moderno que as condições de uma *narrativa sobre si*, - como forma de expressão subjetiva, de afirmação perante si próprio e perante os outros, - foram efetivadas (TEIXEIRA, 2003).

A curiosidade pelas vidas comuns desdobra-se hoje numa quantidade de variação literária e midiática que coexistem com as clássicas obras e os relatos de vidas não só na literatura, mas também nas artes plásticas, no teatro, no cinema pela busca de interesse pelo que é vivido e testemunhal.

Cada época teve tecnologias de si prevalentes, que agenciavam a produção de subjetividades, até chegarmos ao estado de coisas da contemporaneidade, na qual por intermédio das mídias sociais impera a busca pelo ver e ser visto, levando os sujeitos a viverem conectados, compartilhando num palco virtual fragmentos de sua intimidade (ASSUNÇÃO;JORGE. 2014, p.154).

Portanto, no cenário da contemporaneidade, a escrita de si está situada como o relato de uma vida contrária a própria constituição do sujeito pós-moderno – descentrado, segmentado por uma sociedade complexa – funcionando, no mínimo, como uma tentativa de dispor de modo estruturado as experiências vividas. E, nesse processo de procurar compreender o seu interior através da escrita de si ou o caminho inverso de escrever sobre si e resultar na sua constituição subjetiva, tais conjecturas articulam o sujeito para a historização da sua vida e sua ordenação por intermédio da escrita de sua própria história, como um dispositivo necessário cultural discursivo onde o sujeito que fala coincidem com o sujeito do enunciado.

No contexto dos anos atuais, enquanto usamos a linguagem oral o *eu* em sua completude, não se fixa, mas se apresenta a todo instante realizando um movimento de fuga enquanto tentamos falar de nós mesmo. Também assim acontece na escrita ou na modalidade visual-gestual, no caso da língua de sinais, por exemplo. Ou seja, no desenvolver de uma escrita de si, o *eu* que narra não é o mesmo que viveu a experiência do que foi narrado, visto que ele constroi/justifica uma subjetividade no instante em que se narra sobre si. Assim, o produto da

introspecção do autor não está no escrito, está para além desse lugar. Não obstante da modalidade, seja ela oral, escrita ou visual, o resultado da escrita de si – a organização da subjetividade – é revelado mais para o próprio autor do que para o leitor, provavelmente de maneira mais latente para o primeiro do que para o segundo.

### 2.3 O cuidado de si na constituição do *éthos*

Ao percorrer pelos pensamentos trilhados nos trabalhos tardios de Foucault, se faz necessário destacar o curso proferido em 1982, no *Collège de France*, denominado *A Hermenêutica do Sujeito*<sup>7</sup> (2004, p.84) onde o autor transita por explicações de que na Idade Moderna ocorreu um esquecimento do cuidado de si em função do conhecimento de si proveniente do pensamento de Descartes. No momento cartesiano ocorre uma cisão entre filosofia e espiritualidade que “contribuiu para ressignificar filosoficamente o *gnôthi seautôu* (conhece-te a ti mesmo) em relação ao *epiméleia heatoû* (cuidado de si)” (FOUCAULT, 2004, p. 18). O autor resgata historicamente as aparições das técnicas de si no decorrer dos tempos, desde a sua origem vinculada ao modelo platônico em que consistia princípio revelado por Sócrates do “conhece-te a ti mesmo” onde o ápice se deu no período helenístico, em que o cuidado de si focava na autonomia do indivíduo direcionada a transformação de sujeito a fim de alcançar um estilo de existência por meio de práticas de si, ou seja, como uma *askésis* “muito comuns entre estoicos e epicuristas, tais como a leitura, a escuta ativa, a escritura, a memorização de conselhos cuja função é a proposição de diferentes modos de ser e de agir (CANDIOTTO, 2006, p. 14) manifestadas como um treino, entre todas as formas tomadas por esse treino (e que comportava tinências, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita - o fato de escrever para si e para outro - tenha desempenhado um papel considerável por muito tempo (FOUCAULT, 2004, p. 146).

---

<sup>7</sup> Nesse estudo, além de outras concepções, Foucault faz um levantamento da trajetória das técnicas de si nos períodos históricos e aponta que na filosofia grega existia uma ligação indispensável entre o cuidado de si e o conhecimento de si. Já durante a pastoral cristã as técnicas que compõem o cuidado de si foram aos poucos sendo deslocadas para um cuidado pelos outros e dessa forma o governo de si acontecia através de práticas que visavam a sujeição do indivíduo a padrões de conduta que apontavam para além de si, como as técnicas de confissão, dramatização das penitências, exame da consciência e constituíram verdadeiros processos de sujeição através da renúncia de si mesmo. Já na modernidade, o governo de si se transformou em governo da vida, a biopolítica, e descreve como o pensamento político do Estado adaptou essas técnicas para controlar a vida da população, como as técnicas de polícia e de segurança, por exemplo.

Foucault (2004) apresenta nos textos de Plutarco a escrita como ação que proporcionava constituição do ser enquanto obra de arte, através da verdade vinculada na própria existência do sujeito. Essa função etopoiética da escrita seria expressa em duas formas: os *hypómnemata* e as *correspondências*, como já fora salientado anteriormente. Tais práticas ascéticas possuíam o propósito de transformar os discursos verdadeiros (*logói*) em *éthos*, como uma proteção do sujeito para defender o “eu”. Porém, somente diante ocasiões que pedem esse tipo de atitude, como por ocasião de doença, a perda de algo ou de alguém ou diante da iminência da morte. Para transformar os *logói* em *éthos*, para subjetivaras enunciações verdadeiras é preciso que o sujeito trilhe táticas para que se torne suficientemente preparado para enfrentar as peripécias que poderão afetá-lo. No processo de subjetivação da verdade a partir das práticas ascéticas há sempre a tensão ética inacabada entre o que alguém já deixou de ser e o que ele está se tornando, na verdade uma ética da inquietude irreduzível à angústia provocada pelacisão do sujeito das morais universalistas.

Considerando que Foucault (2004) compreende espiritualidade como um “conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as ascetes, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência, etc., que constituem não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade” (Foucault, 2004, p.19), ele esclarece que na modernidade há traços fragmentados entre a filosofia e a espiritualidade. Ou seja, enquanto que na antiguidade a filosofia e espiritualidade caminhavam de mãos entrelaçadas, uma vez que a prática de conhecer tinha “toda a estrutura de um ato espiritual” (p.21), operando transformações internas no indivíduo para que ele pudesse conhecer a verdade. Tal entendimento caiu por terra na modernidade, em que a prática de conhecer não implica mais questões de natureza espiritual, pois “a espiritualidade postula que o sujeito enquanto tal não tem direito, não possui capacidade de ter acesso a verdade”.

Para ilustrar essa concepção, o autor se apoia num diálogo em *Alcebiades* de Platão, em que Platão afirma que se Alcebiades quisesse cuidar e governar os outros precisaria antes cuidar de si, ocupar-se consigo mesmo através primeiramente do conhecimento de si, ou seja, é preciso conhecer este si mesmo com o qual é necessário se ocupar. Mas em que consistia esse “ocupar consigo mesmo”? O próprio Foucault responde:

(...) na expressão "ocupar-se consigo mesmo", quer designar, na realidade, não certa relação instrumental da alma com todo o resto ou com o corpo, mas, principalmente, a posição, de certo modo singular, transcendente, do sujeito em relação ao que o rodeia, aos objetos de que dispõe, como também aos outros com os quais se relaciona,

ao seu próprio corpo, enfim, a ele mesmo. Pode-se dizer que, quando Platão se serviu da noção de *khôsis* para buscar qual é o eu com que nós devemos ocupar, não foi, absolutamente, a alma-substância que ele descobriu, foi a alma-sujeito. (FOUCAULT, 2004, p.71).

Esse diálogo articula uma crítica a formação dos jovens atenienses quanto às demandas pedagógicas e o governo político dos outros. De acordo com Silvio Gallo (2006) no período socrático-platônico a predominância do princípio moral do cuidar-se era baseado na da ação política. Em outras palavras, ocorria como que uma submissão da ética à política determinando primeiramente a condução de si para resultar na condução dos outros tendo em vista a condução do espaço comum entre eles: a condução da cidade. Já no período helenístico houve um afastamento dessa perspectiva política e a questão central passa a ser: “Em que momento e em que situações é preferível que alguém se afaste da política para dedicar-se a si mesmo?” (GALLO, 2006, p. 183).

No decorrer desse discurso ético, Foucault argumenta quanto ao deslocamento da noção de cuidado de si e que se tornou praticamente uma exigência nas atitudes presentes nas escolas epicuristas, no estoicismo e no cinismo. Sobre essa ação de retomada histórica aos textos antigos, Rago (2009) interpreta que Foucault recorre aos antigos não para legitimar o presente a partir do passado, mas para interrogá-lo. Como é que nos constituímos em relação aos códigos morais vigentes, a partir de que referenciais, de que regime de verdades<sup>8</sup>, de que valores, de que crenças, de que práticas? O que entendemos por disposições éticas? (RAGO, 2009, p. 260).

A própria autora dá pistas sobre o que esperar desses questionamentos quando se remete a escrita de si como um empreendimento em que o indivíduo se retira para demandar atenção para o seu interior, para uma investigação introspectiva e solitária de si mesmo utilizando-se da escrita para buscar reencontrar-se com a “sua verdade essencial supostamente alojada no fundo da alma, na própria interioridade” (RAGO, 2013, p. 52). Infere, então, que a escrita de si é uma prática da liberdade, pois permite com que o sujeito não se atenha a uma verdade absoluta e pré-concebida sobre seu eu, pois a partir da sua escrita, cria-se uma subjetividade única e própria desse sujeito resultante de suas experiências. Esse tipo de escrita é completamente diferente das antigas escritas convencionais difundidas com as confissões, com o exame de

---

<sup>8</sup> O tema sobre verdade é complexo e demanda um estudo a parte. Porém, utilizo-me do conceito de verdade tal qual proposto por Foucault (2006) em que tem por verdades os enunciados produzidos por meio de rituais, os quais definem os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso. Candiotti (2006) aprofunda seus estudos sobre verdade em Foucault e revela que nos anos de 1970 a produção da verdade era descrita nos modos de objetivação estabelecidos no jogo de regras entre os saberes com pretensão científica. Já na década de 80, a verdade era pensada nos mecanismos do saber-poder ou ainda nas redes de obediência das tecnologias pastorais, com ênfase nas práticas ascéticas em que as verdades somente eram subjetivadas se fossem matrizes de ação e instrumentos válidos para que alguém se torne sujeito de ações, de modo que haja como convém, conforme exige a circunstância ou o ritual.

consciência e com autobiografias tradicionais que apenas correspondiam à ordem regulamentar. Temos, atualmente,

a ‘escrita de si’ é entendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, tendo em vista reconstituir uma ética do eu. Portanto, (...) a ‘escrita de si’ dos antigos opõe-se à confissão, modo discursivo-coercitivo de relação com a verdade que se difunde desde o cristianismo e que se acentua na Modernidade (RAGO, 2013, p. 50).

Este anúncio confirma o entendimento de que a *escrita de si* atua como uma técnica de subjetivação em que a produção do discurso se encontra na base da formação dos próprios sujeitos e do meio em que vivem. Em outras palavras, “como elemento de treinamento de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função etopoiética: ela é a operadora da transformação da verdade em *èthos*” (FOUCAULT, 2004, p. 147). Tal reflexão aparece imbricada com *questões espirituais* e nesse aspecto, Foucault (2004, p. 21), parece ser categórico na firmeza de declarar que “o ato de se conhecer comporta toda a estrutura de um ato espiritual”. Levando em consideração esse entendimento, Freitas (2014) diz que a ligação entre o cuidado de si e a forma de pensamento que ele estabelece como *espiritualidade*, causa um importante desconforto nos nossos atuais sistemas de pensamento que parece desestabilizar os modos pelos quais ainda pensamos os sujeitos e os seus processos de formação e, com isso, renovam as questões articuladas com a preocupação sobre a formação ética dos sujeitos.

Portanto, se a ética para os gregos incidia pela relação do cuidado e do conhecimento de si, para Foucault, - quando ele declara que se ocupar consigo mesmo significa o relacionamento do indivíduo com ele mesmo, com o que o cerca e isso não pelo intermédio danosa alma-substância e sim da alma-sujeito - tem-se que a formação de um *èthos* filosófico permitia constituir-se para além do cuidado consigo mesmo, com a nossa alma-sujeito.

O *èthos* também permite ocupar na cidade, na comunidade, ou nas relações interindividuais o lugar conveniente seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade [...] além disso, o cuidado de si implica também a relação com outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. (FOUCAULT, 2004. p. 271).

Nesse sentido, Foucault (2004) tenciona a ideia de sujeito que cuida de si mesmo para a emergência de uma crítica radical à noção de sujeito individualizado como temos agora na contemporaneidade, de sujeito assujeitado que não repensa as estartégias de condução desi. Por essa razão, a emancipação da noção do cuidado de si, na nossa sociedade, pode ser enxergado

pela visão da vida como arte de existência e muitas vezes identificado com o “processo de individualização burguesa, na mesma medida em que uma estética da existência ganha a dimensão de um cuidado individual” (GALLO, 2006, p. 372).

Esse pressuposto encaminhou Silvio Gallo a aprofundar seus estudos pelo horizonte em que relaciona a obra *O Anti-Édipo* de Gilles Deleuze e Félix Guattari e radicaliza uma conexão entre cuidado de si e vida não-facista no artigo: *Entre Édipos e O Anti-Édipo: estratégias para uma vida não-facista*. O autor evidencia potencialidades éticas e políticas oferecidas pela noção de que quando alguém cuida de si, cuida também do outro, uma vez que seu bem-estar está intimamente relacionado ao bem-estar do outro e vice-versa. Por essa argumentação, o cuidado de si é proposto por uma ética pautada pela produção de uma vida não-facista, de uma vida centrada na produção desejante de liberdade mediada por possibilidade de uma ação política outra, para além da racionalidade totalitária. (GALLO, 2015)

Nesse sentido, se construir como sujeitos conscientes dedicando atenção não apenas sobre si, mas também com o quê e quem está ao nosso redor, através de uma fuga à maneira materializada de agir para dedicar-se ao modo em que se eleva o espírito no sentido intangível, incorpóreo, conectado com o meio em que estamos, com relações entre as pessoas que nos cercam e, principalmente, por uma crítica constante sobre nós mesmo: “[...] um *éthos* filosófico seria possível caracterizar como uma crítica permanente de nosso ser histórico” (FOUCAULT, 2005, p. 345) uma atitude crítica face aos saberes do ser humano sobre si mesmo e sobre o outro.

Ora, se para Foucault (2005) a crítica sobre si é permanente, então significa que ela também é contínua. Sendo assim, continua se fazendo no presente, na atualidade, onde há redes de relacionamentos sociais, as quais estão hoje se mantendo mais frequentemente na forma virtual. No entanto, o compartilhamento do cotidiano, da rotina, incluindo as diferentes ações, pensamentos, questionamentos, sentimentos, enfim, a exibição de vidas surdas nas redes sociais reflete na inscrição de um *éthos* que se constroi a cada postagem e isso não apenas uma vez ao dia, mas por cada vez que se consome conteúdos que revelam atitudes críticas determinadas pelos modos de ser do sujeito surdo, por experiências sobre si mesmo e por aquele(s) que está(ão) sendo constituído(s) no instante em que se lê algo na rede.

O que Foucault (2005) propõe é pensar na ética como impulsionadora de processos de subjetividades, onde tem o cuidado de si como fator fundamental para a constituição de um *éthos*, de um modo de ser, como uma atitude, e porque não, como uma “[...] uma escolha voluntária que é feita por alguém; enfim, uma maneira de pensar e de sentir, uma maneira

também de agir e de se conduzir que, tudo ao mesmo tempo, marca pertinência e se apresenta como uma tarefa” (2005, p. 342) que direcionam a práticas específicas na relação consigo mesmo e com os outros no meio virtual a partir de uma ética da liberdade, que constitui sujeitos surdos livres para conduzir a si e aos outros por meio de interações nas redes sociais as quais incitam modos outros de conceber experiências formativas.

Nesse movimento, “a ênfase é dada, então, às formas das relações consigo, às técnicas pelas quais são elaborados os exercícios pelos quais o próprio sujeito se dá como objeto a conhecer, e às práticas que permitam transformar seu próprio modo de ser” (FOUCAULT, 1984, p.29), justamente por estarmos mais direcionados ao mundo dos acontecimentos cotidianos presenciais, virtuais e prosaicos, nos quais nos movemos e nos constituímos e não apenas no mundo somente das representações que tomam como premissa a ideia das essências.

Por meio dessa dinâmica que envolve: os processos de constituição de subjetividades, as formas de resistências e os novos estilos de vida (questão da ética, mas também política e estética), apostamos que na contemporaneidade as produções de si também vão sendo reveladas pelas mídias digitais, como um lugar onde o sujeito surdo tem à disposição um leque de acontecimentos que o conduzem a inscrição ao seu *éthos*. Por essa via, vai conferindo para si o conhecimento sobre si mesmo, para a partir daí, transformá-lo subjetivamente e conduzi-lo naturalmente ao cumprimento das prescrições de condutas morais - seja dentro ou fora do ciberespaço.

### **CAPÍTULO 3 – A escrita de si na atualidade pelas redes sociais: Novas formulações sobre a estética da existência**

---

*É sua própria alma que é preciso  
criar no que se escreve  
(FOUCAULT, 1992, p.152).*

Neste capítulo, movimento o estudo para a visão de perceber conteúdos éticos presentes nos escritos de sujeitos surdos nas redes sociais. Por esse motivo, início este percurso transportando o leitor, primeiramente, para a observação da ética no mundo virtual, em seguida, pela percepção da distinção entre ética e moral. Ao entrar nesse campo, preciso deixar o leitor ciente de qual ética estou trabalhando neste estudo, a saber: a ética na perspectiva foucaultiana como apresentado anteriormente na formação do conceito de *escrita de si*. Por essa via, o sujeito

tem a possibilidade de conferir para si o conhecimento sobre si mesmo, para a partir daí, transformá-lo subjetivamente e conduzi-lo ao cumprimento das prescrições de condutas morais - seja dentro ou fora do ciberespaço. Ainda neste capítulo, apresento reflexões a respeito do sujeito que escreve, se inscreve e, portanto, se subscreve no espaço virtual, este que, por vezes, se mostra (ou não) através dos “closes” e “corres” da vida *online*.



## Guerra e Paz

Candido Portinari (1903-1962).

Fonte: Acervo da Organização das Nações Unidas, Nova Iorque.

“Os painéis ‘Guerra e Paz’<sup>9</sup> representam sem dúvida o melhor trabalho que eu já fiz... Dedico-os à humanidade” (Portinari para a Agência Reuters, 1957). A frase, dita pelo artista brasileiro Candido Portinari tenta explicar a obra não apenas pela sua grandiosidade física (ao

---

<sup>9</sup> Obviamente, entendo que as imagens manifestam em cada indivíduo reações, sentimentos e análises diversas que resultam em diferentes modos de interpretação. No entanto, no decorrer da escrita deste trabalho apresentarei algumas imagens e as minhas considerações sobre elas, as quais considero de importante relação ao meu percurso de pensamento para esta tese.



invés de telas, o artista pintou em dois painéis, com 14 metros de altura por dez metros de largura e pesam mais de uma tonelada cada um), mas pela mensagem de paz dedicada ao mundo.

Durante o período de 2011 e 2014 em que a obra rodou o mundo em exposições (até que voltou à sede da Organizações das Nações Unidas, lugar em que foi presenteada para se instalar desde 1956), Candido Portinari Filho, em entrevista à Agência Brasil disse que esse trabalho apesar de ter sido finalizado em 1956, permanece atual pois transmite uma grande mensagem ética e humanista. Foi justamente por refletir a esta ideia ‘ética’, mas mais ainda pelo motivo de continuar representando a atualidade, que a trago aqui para ilustrar artisticamente o contexto digital ao qual me propus navegar: no *locus* onde a ‘realidade’ tem acontecido nas últimas décadas, o ambiente virtual. Uma terra de ninguém e ao mesmo tempo de todos? Lugar onde se impregna o potencial caótico dos sujeitos? Território de luta e guerra ou de luta pela paz?

### **3.1 Um olhar sobre a ética no mundo virtual**

Houve o tempo em que o espaço público clássico era num ambiente físico restringido à estrutura arquitetônica representada pelas repartições públicas ou por ambientes abertos, como ruas, avenidas, praças e parques. Obviamente, dessemelhante com o espaço público tradicional fundamentado na Grécia Antiga para expor e discutir ideias (representando um lugar comum destinado aos debates liberais entre os cidadãos a fim de exercer a liberdade de expressão política na época).

Operacionalizando conceitos de Deleuze e Guattari (2011a), os movimentos de desterritorialização e os processos de reterritorialização são sempre relativos, estão sempre conectados, presos uns aos outros. Com a potência da globalização possibilitou-se ações desterritorializadas, como as que se têm pelas mídias eletrônicas, as quais criam processos desterritorializantes, conduzindo os sujeitos para possibilidades de reterritorializações (característica da contemporaneidade) por multiplicação de territórios através das tecnologias da cibercultura, ou seja, deslocou-se os espaços de fala e uma nova configuração de espaço público com esfera de abrangência ampliada à seara virtual, distinta da antiga relação tradicional entre locutor e receptor de informações, como meio de promoção à participação ativa da população em geral usuária da internet.

A desterritorialização como uma potência perfeitamente positiva, que possui seus graus e seus limiares (epístratos) e que é sempre relativa, tendo um reverso, uma complementariedade na reterritorialização. Um organismo desterritorializado em relação ao exterior se reterritorializa necessariamente nos meios anteriores. Tal fragmento, supostamente de embrião, se desterritorializa mudando de limiar ou de gradiente, mas é de novo afetado no novo ambiente. As territorialidades são, pois, atravessadas, de um lado a outro, por linhas de fuga que dão prova da presença, nelas, de movimentos de desterritorialização e reterritorialização (DELEUZE e GUATTARI, 2011a.,p.71).

Sendo assim, as desterritorializações e reterritorializações são processos interligados. Nessa mesma esteira de pensamento, Lemos (2005) afirma que para uma vida em sociedade é necessário que existam “territórios”, ou seja: leis, instituições, classes, arquiteturas, etc., visto que o território é uma área de acesso controlado enquanto a desterritorialização é se movimentar nas fronteiras, projetar desvios, criar escapes, re-significar o que foi instituído. Por exemplo, a pedra reterritorializada pelo homem é uma ferramenta, já o Estado e as instituições tendem sempre a manter territórios como forma de poder e controle, pois a função do Estado é estriar o espaço, controlá-lo. O sujeito, quando desterritorializado, utiliza de meio para reterritorializar-se. Nessa dinâmica, a linguagem, a arte, a técnica, a religião, as mídias, etc. são ativadoras de processos desterritorializantes.

A internet (espaço estriado, vigiado por formas de controle de informações) atua como uma máquina de desterritorialização quanto aos fatores sociais, culturais políticos, econômicos, subjetivos, etc. favorecendo o desenhar de linhas de fuga e possibilitando reterritorializações, como por exemplo as redes sociais, que pode se manifestar como uma linha de fuga ao poder instituído, ou como uma reafirmação desse mesmo poder.

O fato é que os processos des-re-territorializantes buscam estabelecer uma sociedade fluida que se interessa mais pelo movimento nômade do que pela sedimentarização. Ou seja, os sujeitos contemporâneos, ao se deslocarem por territórios múltiplos, não necessariamente abandonam suas referências territoriais, mas ampliam-nas, passando a fazer parte de grupos sociais, frequentam mais de um território e constituem o sujeito a ser aberto ao mundo. No entanto, apesar das discussões fluírem aceleradamente em escala global com mensagens imediatas e interativas, por assumirem uma plasticidade, não são impedidas de acontecerem de maneira volátil, indigna e de produzir sedimentações

Assim, embora compreendamos a possibilidade ativa de desterritorialização, o espaço público virtual pode também gerar a falsa liberdade de empoderamento em alguns sujeitos levando-os a assumir posicionamentos inconvenientes e desumanos apoiando-se na aceitação da máxima de que a internet não é terra de ninguém, apoiados na falsa ilusão de não estar frente

a frente com as pessoas e por isso arrisca-se a expressar suas opiniões de maneira descuidada sobre qualquer assunto ou pessoa.

Haja visto o que vem acontecendo nos últimos anos com a crescente divulgação das famosas “*Fake News*”, notícias falsas veiculadas nas mídias que geram desinformações, muitas vezes por de *ciborgues* – pessoas e máquinas – contratados para controlar páginas e perfis falsos criados exclusivamente para gerar discussões para determinados temas, atacar adversários e até criar *hashtags* para disseminar e popularizar as opiniões que os interessam, relacionadas a vários seguimentos. Diríamos que tais estratégias corroboram para a produção do pensamento em massa que pouco reflete naquilo que reproduz: ou seja, o efeito ‘manada’.

Segundo Galhardi; Freire; Minayo e Fagundes (2020), as *fake news* também são identificadas nas mensagens de determinadas pessoas com poder, com o intuito de propagar conteúdo não necessariamente falso, mas com objetivo de capitalizar política e economicamente. Riemsdijk *et al.*, (2020) afirma que as intenções das “*Fake News*” são para produzidas com o intuito de parecem notícias verdadeiras e aumentar as possibilidades aceitação dessas informações falsas pela maioria das pessoas, acreditando na veracidade da notícia sem que esta seja verificada e, assim, transmitir informações enganosas para tentar fazer com a que a “*invenção*” impropriedade alcance seus interesses à custa de conflitos e prejuízos entre os acusados.

Tais indivíduos, ou grupos, encontram na internet uma aliada para atuarem como um exército virtual para criar falsos protestos, manifestações, manipular a opinião pública, inventar dados científicos e principalmente influenciar eleições políticas. Nesses casos, o ideal seria ao se deparar com essas situações que as pessoas avançassem em rotas mais críticas, deixando de lado certa ingenuidade na construção do saber e, assim, questionando a ética discursiva e a veracidade construída no espaço virtual, atingindo um plano reflexivo e argumentativo.

Nas interações mediadas pelas tecnologias digitais, os sujeitos da interação necessitam, então, problematizar, constantemente, pretensões de validade do discurso, em relação à veracidade dos argumentos (discurso teórico), à compreensão produzida por eles (discurso explicativo e à correção desses argumentos (discurso prático) postados nas redes sociais (ANACLETO, 2018, p.309).

A questão é que validando ou não a veracidade dos discursos não ameniza a composição de enunciados carregados de microfascismos imperativos e sufocantes no que se refere a diversos temas. Não é difícil deslizar a barra de rolagem de uma rede social e se deparar com narrativas incisivas, por vezes, agressivas e violentas, com a imposição compulsória de hierarquizações, interdições ao corpo, à religião, à linguagem, ao pensamento, ao ativismo, à

prática política, à subjetividade, aos modos de vida do outro. Microfascismos nossos (sim, de todos nós) de cada dia ou, como bem problematizou Michel Foucault (1993) sobre o fascismo no prefácio do livro *O Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, de Deleuze e Guatarri, não se trata apenas do fascismo histórico de Hitler e Mussolini, mas o fascismo que está em todos nós, que martela nossos espíritos, nossa conduta cotidiana e que se encontram nas relações com o outro em todos os lugares onde é possível que essas relações aconteçam: na família, escola, trabalho, na padaria, no elevador, fila do banco, posto de combustível, nos partidos políticos, na mídia, nas redes sociais, enfim, constituindo tessituras complexas que nos (de)formam no decorrer de nossas experimentações rotineiras, sendo como práticas que rompem com o respeito da liberdade com a ética além do pacto democrático do outro de existir.

Nestas relações, o que parece estar em jogo são malhas microfascistas funcionando como efeitos de verdade para produção de sujeitos a partir de discursos normativos que operam como verdade única e extingue as outras possibilidades que vão de encontro a estas. Tais práticas discursivas e seus efeitos de verdade acabam por estabelecer classificações para este ou aquele corpo, para esta ou aquela experiência ou essa e aquela subjetividade se manifeste, produzindo um regime de verdade sobre os modos de vida dos sujeitos.

Não se pode negar que as plataformas digitais oferecem um ambiente de autorrepresentação pessoal público, acessível e democrático, onde é livre a ocorrência de debates de variadas temáticas em que espera-se que o sujeito participe discursivamente enquanto mantém relações comunicativas, “devendo” apresentar argumentação que embasam justificativas para a publicação de suas opiniões sobre os assuntos a fim do entendimento mútuo. Enfim, as redes sociais são espaços comunicativos democráticos e de “livre” participação para todos.

No entanto, a vida em rede, assim como a vida fora dela, para se evitar desentendimentos e transgressões de regras fundamentadas nos direitos humanos essenciais, há a necessidade de pensar na presença de discursos que oportunizem interações respeitadas entre os usuários. No Brasil, essa prática está consolidada sob a Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011), que consiste em um direito constitucional para garantir o acesso às informações públicas. A lei prevê que todos os cidadãos possam receber informações públicas dos órgãos e entidades.

Pensando nisso, existiu no mundo virtual o estabelecimento de regras de comportamento que busca o convívio harmonioso: uma *netiqueta*, regras de boa conduta na rede, a qual surgiu na década de 70 para 80, quando os usuários ainda se comunicavam pela *Usenet* ou por correio

eletrônico e a maioria deles só acatava as regras porque não tinham o conhecimento técnico pra descumpri-las (CHRISTOFOLETTI, 2011).

Desde 1999 iniciaram no Brasil as discussões sobre a aprovação dos projetos de lei que estabeleciam os crimes por meio internet, mas somente em 2012 houve um marco por contado caso acometido pela atriz Carolina Dieckmann, a qual teve suas fotos íntimas vazadas de seu e-mail, em vista disso acelerou-se a aprovação da Lei n. 12.965/2014, que por sua vez, na definição dos direitos e deveres no uso da Internet no Brasil, garante em seu artigo 3º, incisos II e III, respectivamente, a “proteção à privacidade” e a “proteção aos dados pessoais” e “liberdade de expressão”.

A afirmação mais significativa sobre a liberdade de expressão consta na Declaração Universal dos Direitos Humanos, das Nações Unidas, no artigo XIX: “Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948, s/n).

Trazer para a problematização condutas de relacionamento nas redes é visualizar o quanto esse assunto tem ganhado destaque nas discussões sociais dos últimos anos (e mais ainda durante as chuvas de *fakes news* das eleições<sup>10</sup> presidenciais de 2022), com isso, poder compreender o posicionamento dos sujeitos surdos e ouvintes no ciberespaço. A necessidade de seguir ações condizentes com a moral se tornou quase que um imperativo nas discussões sobre as práticas de convívio social seja na esfera ambiental, humana, educacional, virtual, política, como também no âmbito financeiro, organizacional e administrativo.

Nesta linha, a ética informacional presente nas tecnologias digitais revela caracteristicamente “um valor moral que predomina nas culturas ocidentais, imbricada com os ideais democráticos que defendem os princípios de autonomia, liberdade” (FUGAZZA, SALDANHA, 2017, p.92) e cobre um campo de diversos temas que se relacionam ao tratar de transgressão às regras sociais instituídas no meio virtual. Neste contexto, os sujeitos (surdos e ouvintes) usuários das variadas aplicabilidades e plataformas oferecidas pela internet, ao se depararem com enunciados na *Web*, necessitam de

problematizar, constantemente, pretensões de validade do discurso, em relação à veracidade dos argumentos (discurso teórico), para a compreensão produzida por eles

---

<sup>10</sup> E m outubro de 2022, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), analisou *fake news* nas plataformas virtuais durante a campanha eleitoral brasileira do ano de 2022. Cerca de 12.573 casos foram suspeitos de configurar desinformação para a população. Para maiores informações sobre esse fato acessar: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2022/sistema-de-alerta-desinformacao>

(discurso explicativo) e à correção desses argumentos (discurso prático) postados nas redes sociais. A partir dessas problematizações no processo discursivo em rede, pressuposições comunicativas serão evidenciadas (ANACLETO, 2018, p.309).

Algumas pessoas não se sentem confortáveis para divulgar sua vida na rede, em contrapartida, outros grupam pensam diferente e utilizam da rede virtual e suas funções para as atividades que necessitam. No caso de escrever sobre si, expor seus pensamentos, desabafos, opiniões, propiciam nos sujeitos que irão ler os textos a decisão por escolher reagir de maneira empática com comentários compreensivos, ou não. Podem acontecer reações negativas advindas de ações “antiéticas” na *Web*. As práticas que caminham na contramão da boa conduta vêm sendo proliferado nos últimos anos devido o desenvolvimento da comunicação em rede, fato que induz algumas pessoas a buscarem pela proteção da privacidade da vida *online*.

No que diz respeito às comunidades não virtuais, para um bom convívio social, são estabelecidos princípios e valores como instrumentos orientadores para sinalizar condutas, conhecidos como código de ética. Diferentes de leis, as quais possuem regime compulsório, o código de conduta ética pode prevê penalidades no que diz respeito ao âmbito moral, ou seja, na reprovação social de quem ultrapassa o limite do que é permitido naquela comunidade. Por conseguinte, ao se tratar sobre condutas no mundo virtual, imediatamente o que vem em mente são concepções sobre os códigos de ética, regulação de comportamentos, etc.

No entanto, a existência de códigos normativos não garante que os indivíduos o sigam de forma exemplar e é justamente por essa ótica que pensa Foucault (1984), quanto à vinculação ao contexto ético ou da moralidade dos comportamentos dos sujeitos. Não que para o autor as duas temáticas - ética e moral - se diverjam, já que ambas são autônomas, porém não estão dissociadas. O fato é que discutir sobre ética e moral sob a luz foucaultiana viabilizam algumas capturas ao referenciar para uma discussão no que tange a ética de sujeitos surdos nas redes sociais. Primeiramente, pelo fato de que se, em contrapartida, a minha escolha aqui fosse discutir esse assunto pela perspectiva dos dois filósofos mais importantes que tratam sobre ética, Aristóteles e Kant, as preocupações discutidas seriam também norteadas para o que tange os comportamentos dos sujeitos, pois para Aristóteles e Kant – e isso fica claro no texto de Mendeset.al. (2015) – é que a prática ética só acontece quando o comportamento dos sujeitos segue de acordo com os pressupostos sociais.

Pensar em ética na internet, deve não se remeter exclusivamente com as estratégias de aumentar as punições sobre o que é dito e escrito, em procurar instaurar mais regras ao contexto virtual ou nos códigos morais para se ter o controle sobre os sujeitos (até porque a cada regra que surge, mais formas elaboradas de burlá-las são elaboradas), portanto, não é exatamente por

essa via que caminharei aqui e, sim, pelo direcionamento do fator principal (pelo menos deveria ser) quando se discute sobre ética: o sujeito, a incorporação de comportamentos que conduzem a formas de subjetivação, a busca da compreensão da constituição de sujeitos dentro de condutas morais (já vigente nas redes sociais), como ela são estabelecidas as relação desses sujeitos consigo mesmo e com os outros.

Ao tensionar a inscrição ética de surdos na internet pelo referencial teórico foucaultiano não haveria como não se fundamentar no sujeito como fator principal disso tudo. E não seguir pelo trajeto que debruça em regras e/ou códigos de condutas, mesmo os que já estão embutidos como consenso geral e que são exigidos quando nos posicionamos nas redes sociais, unicamente pelo fato de que a ética a qual me refiro não diz respeito aos códigos reguladores de condutas que norteiam determinadas práticas, uma vez que estes, embora importantes, situam-se no domínio dos deveres, e não necessariamente dos devires, onde as linhas de fuga se fazem potencialmente mais presentes e na direção de um si que reflete e problematização suas próprias ações.

### **3.2 Ética e moral: Distinções gerais dos conceitos**

Primeiramente, para pensar na inscrição ética do sujeito surdo nas redes sociais é relevante evocar para o fato de que na contemporaneidade a vigência da ética sofreu amplitudes que abrange o atual contexto histórico e social, visto que as relações sofreram mudanças significativas e as atitudes humanas transformaram o convívio social.

As discussões desenvolvidas por Michel Foucault sobre a ética, moral e o sujeito desde a antiguidade forneceram visibilidade ao estudo dos processos de subjetivação e a noção de cuidado de si, as quais são importantes para contrastar com as relações na sociedade moderna atual, ao levar em consideração as práticas e os modos de subjetivação que também vem acontecendo nas redes sociais, por exemplo, oportunizando direcionar o olhar para o sujeito como objeto essencial das relações e, no caso desse trabalho, para o interesse no engajamento da *ética e estética surda* nas redes sociais. Antes, para tanto, é necessário trazer à reflexão os pressupostos em torno da ética e da moral, como forma de aclarar e, principalmente, problematizar essa discussão.

A etimologia da palavra ética é proveniente do termo grego *Ethos*, que significa “modo de ser” ou “caráter” conquistado pelo homem durante sua vida. A respeito disso, Foucault (1984), reclinou seus estudos atravessando pelos percursos das modalidades históricas de formas de

subjetivação para pensar na constituição de sujeito a partir de dois movimentos: pela objetivação do sujeito por meio da normalização que colocam o tema da sexualidade em discurso, confissão, os códigos morais, o controle da natalidade, os conhecimentos científicos, médicos, administrativos e jurídicos e por meio da subjetivação do sujeito, o qual era visto como sujeito de prazer para os gregos ou como sujeito de pecado para os cristãos.

Nessa linha de pensamento, Foucault realiza seus estudos arqueogenealógicos organizando trajetoricamente marcos em que trata desde os fundamentos implantados pelo princípio da temperança, período da Grécia Clássica (século IV A.C.); no princípio do cuidado de si, nos tempos Greco-Romanos (séculos I-II D.C.), ambos em contraposição aos exercícios codificados do Cristianismo (séculos III-IV D.C.). Contudo, não tenho o interesse aqui de realizar um estudo exaustivo dos deslocamentos conceituais experienciados pelo pensamento foucaultiano. Trata-se apenas de me apoiar em seus estudos para esclarecer a partir dele alguns elementos conceituais, bem como seus desdobramentos na problematização dos processos de subjetivação a fim de extrair algumas implicações inerentes à perspectiva da inscrição ética que ajudam a pensar sobre as postagens de sujeitos surdos na internet.

Por esse caminho, os conceitos e relações entre ética e moral que foram produzidas por Michel Foucault no intervalo de tempo entre as obras *A Vontade de Saber* em 1976 e *O Uso dos Prazeres e O Cuidado de Si* em 1984, portanto, durante a *História da Sexualidade I, II e III* e nos seus últimos cursos inéditos proferidos no *Collège de France*, além das tão importantes entrevistas compiladas nos *Ditos & Escritos* em que o pensamento foucaultiano adquire uma conotação menos associada às questões relacionadas aos dispositivos disciplinares, abrindo espaço para a tematização direta dos processos de subjetivação. Antes disso, o autor posicionava seu olhar para reflexões em torno das questões da verdade, do poder e da subjetividade, igualmente consideradas complexas em suas correlações metodológicas – tendo o autor como objeto central de seus estudos ‘o sujeito’.

Freitas (2014) considera importante focar no pensamento foucaultiano tardio, isto é, nas questões desenvolvidas por Foucault nos seus últimos cursos no *Collège de France* entre 1982 a 1984, em que acabou produzindo *insights* inovadores sobre os processos de subjetivação que se relacionam estreitamente com questões éticas, políticas e pedagógicas quando retoma às temáticas polarizadas saber de espiritualidade e saber de conhecimento; conhecimentos inúteis e conhecimentos úteis; filosofia e retórica; parrherísa, pedagogia e psicagogia. O fato é que essas produções tardias de Foucault possibilitou incorporar novas ferramentas conceituais e analítica para “o desenvolvimento de pesquisas empíricas numa releitura com as quais se pode



compreender não apenas mais refinadamente, mas, sobretudo, de outras maneiras, a racionalidade implicada nas amplas, profundas e rápidas transformações sociais” (VEIGANETO, 2009, p. 14), como as que temos nas mídias e redes sociais, por exemplo.

Nesse período, Foucault (1995) desloca dos seus estudos genealógicos sobre o poder para a genealogia da ética fundamentada em que analisa, de maneira densa, as possibilidades de constituição do sujeito ocidental da Antiguidade. Tal deslocamento teórico foi justificado por ele mesmo como uma necessidade que sentiu de investigar as formas e modalidades através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito de verdade.

Eu gostaria de dizer, antes de qualquer coisa, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Meu trabalho lidou com três modos de objetivação que transformaram os seres humanos em sujeitos (FOUCAULT, 1995, p. 231).

Na compreensão de Rago (2009), o tema da subjetividade passou a ser recorrente na literatura desse início de milênio e como resultado houve uma reviravolta na recepção do pensamento de Foucault ao se colocar em evidência a temática da subjetividade considerada pelos intelectuais como uma novidade que ainda não havia sido problematizada de forma tão explícita. Antes disso, nas décadas anteriores, não existia espaço para temas que abordassem o cuidado e práticas de si, visto que os movimentos sociais lutavam fortemente para a afirmação das identidades e não por certo movimento de desconstrução e, a partir desse momento, as discussões passam a girar em torno das possibilidades derivadas da estética da existência.

É impressionante constatar como, logo após a publicação dos volumes 2 e 3 da História da Sexualidade, os críticos de Foucault passaram a discutir se estaria ocorrendo um retorno ao sujeito em seu pensamento. Páginas e páginas foram escritas, acusando ou defendendo essa tese. Ao invés da atenção as suas novas descobertas, grande parte da crítica deslocou-se para o que considerava a falha, o furo, a contradição interna ‘do seu pensamento’. E, assim, mediante a correção de falhas, reafirmava-se o mesmo. (RAGO, 2009, p. 264 – aspas simples da autora).

O delineamento desse terceiro movimento na recepção do pensamento de Foucault transpareceu para o campo da ética – vinculada às práticas de liberdade na constituição de si, estilísticas da existência, do cuidado e do governo de si – quando se assume o sujeito como um ser moral e que, no ocidente, se constitui por meio e processos de condução. Esta constituição de si como sujeito moral, salienta Prado Filho (2008), concretiza-se a partir de quatro operações combinadas:

- A determinação da substância ética, ou, a forma que o sujeito deve se construir como elemento significativo de sua condução moral;
- O modo de sujeição, ou, a maneira através da qual o indivíduo estabelece uma relação com a regra e se reconhece obrigado a colocá-la em prática;
- A forma de elaboração do trabalho ético que se opera sobre si no sentido de transformar-se a si mesmo em sujeito moral da sua própria conduta;
- A teleologia, onde cada ação particular tende à formação de uma conduta ampla que se torna o modo de ser característico do sujeito moral.

Tais operações corroboram, mais adiante, com as análises das postagens correspondente às inscrições éticas de surdos nas redes sociais. Alcancei esses indicadores durante as buscas em assimilar conceitos foucaultianos éticos e morais e ao iniciar a leitura da obra *História da Sexualidade II, o Uso dos Prazeres*, logo fui surpreendida, ainda na introdução, pela apreciação do autor exatamente ao que me interessava naquele texto. Foucault (1984) prontamente apontava para três possíveis entendimentos para a palavra moral. Primeiramente, colocada como um conjunto de valores e regras de ação proporcionados para os indivíduos e grupos por meio de aparelhos prescritivos diversos, como por exemplo, a família, as escolas, as igrejas, etc.; o comportamento concreto dos indivíduos em relação a estas regras e valores propostos; e também, a maneira como é necessário “conduzir-se”, tomando por referência os elementos do código.

Na primeira constatação para moral, o autor a apresenta como código e prescrições; na segunda constatação, opera-se no campo da moralidade dos comportamentos e na terceira constatação ele aprofunda-se no terreno das relações consigo mesmo, da elaboração da conduta, da constituição de si mesmo como sujeito moral.

Com efeito, uma coisa é uma regra de conduta; outra, a conduta que se pode medir a essa regra. Mas, outra coisa ainda é a maneira pela qual é necessário conduzir-se – isto é, a maneira pela qual se deve constituir a si mesmo como sujeito moral, agindo em referência aos elementos prescritivos que constituem o código. Dado um código de ação, e para um determinado tipo de ação (que se pode definir por seu grau de conformidade ou de divergência em relação a esse código), existem diferentes maneiras de se conduzir moralmente, diferentes maneiras, para o indivíduo que age, de operar não simplesmente como agente, mas sim como sujeito moral dessa ação. (FAUCAULT, 1984, p.27).

Para o autor, a moral seria no que tange à moralidade dos comportamentos efetivo das pessoas em relação aos códigos quando condicionados a um conjunto de normas e regras, as quais são muitas vezes transmitidas aos sujeitos de forma abrangente, e até difusa. Enquanto,

*ethos* era a maneira de ser, de fazer, de se conduzir de modo visível para as outras pessoas, refletindo não apenas os seus hábitos, que iria desde o modo do sujeito andar até a maneira de reagir aos acontecimentos da vida, ou seja, ao modo de constitui-se como um sujeito moral. Em relação tanto a ética quanto a moral são pelo autor entendidos de forma imbricada e, sinceramente, aponto que durante as minhas leituras sobre esse assunto foi desafiador conceber esse modo foucaultiano de pensar ética em moral e moral na ética. Pois bem, no trecho a seguir, Michel Foucault instiga tratar sobre tais conceitos quando atravessa o pensamento de que:

Em suma, para ser dita moral uma ação não deve se reduzir a um ato ou a uma série de atos conformes a uma regra, lei ou valor. É verdade que toda ação moral comporta uma relação ao real em que se efetua, e uma relação ao código a que se refere; mas implica também uma certa relação a si; essa relação não é simplesmente consciência de si, mas constituição de si enquanto sujeito moral, na qual o indivíduo circunscreve a parte dele mesmo que constitui o objeto dessa prática moral, define sua posição em relação ao preceito que respeita, estabelece para si um certo modo de ser que valerá como realização moral dele mesmo; e, para tal, age sobre si mesmo, procura conhecer-se, controla-se, põe-se à prova, aperfeiçoa-se, transforma-se. Não existe ação moral sem modos de subjetivação, sem uma ascética ou sem práticas de si que as apoiem. A ação moral é indissociável dessas formas de atividades sobre si, formas essas que não são menos diferentes de uma moral a outra do que os sistemas de valores, de regras, e de interdições (Foucault, 1984, p.28-29 – aspas do autor).

Tem-se, dessa forma, um movimento intrínseco que caminha em mão dupla: por um lado tem-se a moral com as regras para condutas em contrapartida, do outro lado têm-se condutas para regras. No caso da ética aparece como a maneira que devo me constituir como sujeito moral. Segundo o autor, antigamente as práticas direcionadas aos sujeitos aconteciam de maneira constantemente vigiada por ele mesmo e sobre os aspectos que conduziam suas ações. Na sociedade moderna, mudanças nesses fatores ocorreram e a problemática sobre ética e moral sofreram divergências das práticas de si dos gregos, conforme esclarece Foucault (1999, p.452), ao enfatizar que:

O pensamento moderno jamais pôde, na verdade, propor uma moral: mas a razão disso não está em ser ele pura especulação; muito ao contrário, desde o início e na sua própria espessura, ele é um certo modo de ação. Deixemos falar aqueles que incitam o pensamento a sair do seu retiro e a formular suas escolhas; deixemos agir aqueles que querem, sem qualquer promessa e na ausência de virtude, constituir uma moral. Para o pensamento moderno, não há moral possível, pois, desde o século XIX, o pensamento já saiu de si mesmo em seu ser próprio, não é mais teoria; desde que ele pensa, fere ou reconcilia, aproxima ou afasta, rompe, dissocia, ata ou reata, não pode impedir de liberar ou de submeter. Antes mesmo de prescrever, de esforçar um futuro, de dizer o que é preciso fazer, antes mesmo de exortar ou somente alertar, o pensamento, ao nível de sua existência, desde sua forma mais matinal é, em si mesmo, uma ação – um ato perigoso.

No que tange às relações no período atual, com as manifestações humanas acontecendo no decorrer do tempo, a centralidade de pensar na constituição do sujeito a partir das práticas de si, como acontecia na antiguidade, levaram a sociedade à direcionarem normas de condutas cada vez mais punitivas na intenção de controlar as atitudes transgressoras dos sujeitos, demonstrando que tais formas de reconhecer os sujeitos se tornou um ato perigoso. Da mesma forma acontece nas relações sociais (tanto na mídia como também no mundo não virtual) ao considerar efetivamente que se conhece alguém apenas por observar as condutas morais que ele segue ou não segue.

Pensar dessa maneira sinaliza a preocupação principal na direção das regras e códigos de comportamento mais do que para as formas de subjetivação. Como se os sujeitos vivessem naturalmente mantidos sob esses códigos e regras, como se não houvesse como fraudá-los ou como se eles não pudessem ser modificados com o tempo. É instável fincar-se nessa concepção, ora, “a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está em vias de, agora, desaparecer — já desapareceu” (FOUCAULT, 1994, p. 732).

Por essa esteira de pensamento, Foucault (1994) nos convida a pensar que em cada momento histórico o indivíduo encontra-se governado e sujeito por modelos desejáveis ditados pela época em que se vive. Hoje, a volatilidade de dispor a moral do sujeito rendida ao cumprimento de regras, não subsiste em relação à rapidez das postagens. O aceleração que o mundo virtual condiciona os usuários se contrapõe, numa distância como de um abismo gigantesco, se for emparelhada ao padrão que havia na antiguidade greco-romana onde o aspecto mais importante do que as regras de conduta eram as maneiras de se constituir sujeito moral.

Obviamente, não estou aqui desmerecendo o surgimento das leis que regem os indivíduos, mas hoje em dia parece que temos tanto no mundo virtual como fora dele a tendência ilusória de pensar que um sujeito é quem parece ser por seguir as regras as quais se decide obedecer. Como se as normas de conduta delimitassem o trajeto da formação para ser quem se acredita que é, assim, fundamentando-se nas regras para qual se submete e, por meio do desempenho delas, moldassem o sujeito. Essa atenção tem sido mais frequente do que a preocupação de se aprofundar nas práticas subjetivas, que, com efeito, operam na constituição de si mesmo. Foucault (2006, p. 214) retoma essa discussão de que antes acontecia o contrário do que vem acontecendo na atualidade quanto a constituição do sujeito moral e salienta que:

Não há ação moral particular que não se refira à unidade de uma conduta moral; não há conduta moral que não exija a constituição de si mesmo como sujeito moral; não há constituição do sujeito moral sem modos de subjetivação e sem uma ascética ou prática de si que os fundamentem. A ação moral é indissociável dessas formas de atividade sobre si, que não são menos diferentes de uma moral para outra do que o sistema de valores, de regras e de proibições.

Nessa passagem, o autor deixa claro que apesar da ética e da moral serem instâncias indissociáveis e autônomas, a moral, com sua esfera abrangente, remete sim às condutas de regras de comportamento, mas também pode incluir as formas de subjetivação em seu contexto e não somente observar a subjetivação do sujeito através do cumprimento ou não dos códigos morais. Atua como convicções que caminham lado a lado, ora, se o sujeito pratica ações conforme a lei, está agindo dentro da moral, se pratica ações morais consigo mesmo como constituição própria, esse sujeito está agindo eticamente. Significa dizer que há nas atitudes moralistas componentes ligados à prática ética, ou ao contrário, há uma nuance ética, vinda dos desdobramentos do próprio sujeito que se faz presente na moral. Então, que não prevaleça uma sobre a outra: não enaltecer uma moral ligada exclusivamente às normas, assim como também não enaltecer uma moral exclusiva a moral dos comportamentos, mas, sim, privilegiar a moral do fazer-se contínuo em acontecimentos e da constante necessidade de refação de si na prática refletida sobre as formas e saberes que nos faz ser o que e como somos.

### 3.3 O sujeito que escreve, se inscreve e se (sub)escreve

Primeiramente, preciso ressaltar que a perspectiva que interessa a este trabalho não está focada na interpretação da relação autor-leitor e sim na relação do *eu*-autor consigo mesmo, o qual se revela como um ser singular num espaço (redes sociais) que o mantém constantemente diligenciando, tensionando o seu *eu* (subjetividade) que fala e, assim, forja-o inscrevendo-se em seu texto<sup>11</sup>.

Partindo do entendimento desse processo, apreende-se que o narrador de si, ao olhar para suas experiências ou pensamentos narrados, busca pelo menos dar significado às suas experiências vividas já que é no durante, no momento do escrever sobre si mesmo que o autor vai construindo a sua noção de indivíduo. Seja no transcurso de colocar no papel, ou em seu

---

<sup>11</sup> Refiro-me aqui a noção de texto em seu sentido mais amplo de significado, ou seja, texto como um ato comunicativo, verbal ou não-verbal, que ganha sentido no momento da interação em que é transmitida uma mensagem do autor para o leitor, isto é, através de criação do autor e da interpretação do leitor.

perfil online, o “sobre si” que acontece no autor uma tentativa de organizar a sua subjetividade. Por isso, é impossível a separação entre a vida e obra de um autor, da mesma forma que não é aceitável uma visão que tenta explicar a obra através da biografia de seu autor, conforme bem expressou Derrida.

Interessante notar que sobre isso faz muito sentido o pensamento foucaultiano (1992) em que as categorias de sujeito, de autor, de indivíduo, são afinitárias que ao narrar sobre si o autor escolhe adotar apenas uma dessas categorias. Pode-se considerar, então, que a escrituralização de si é um procedimento absolutamente decisivo na vida de quem escreve. Assim como uma conduta exercida na ordem dos movimentos interiores da alma de um sujeito conduzindo-o a construção de categorias subjetivas. Por esse enfoque, é possível “relacionar a escrita à meditação, ao exercício a respeito dos pensamentos sobre si mesmo e assimila-os como forma de preparo para encarar o real” (FOUCAULT, 1992).

Partindo dessa conjectura, Foucault ratifica as ponderações do filósofo grego, Epicteto, que respalda a ideia de que a escrita está vinculada ao exercício de pensamento em duas diferentes formas: uma linear e outra circular. A forma linear seria iniciar partir da meditação para a escrita, isto é, manifestar o pensamento para depois escrever; já a forma circular seria projetada pelo amadurecimento da escrita permitindo um entendimento outro daquilo que vai ser contado. Esse mecanismo de utilizar a escrita como meio de encontrar a alma (no sentido das práticas subjetivas e não na visão religiosa do termo) para ser trazido para a realidade, ou seja, para a vida, é um movimento que favorece a constituição de uma experiência capaz de revelar pensamentos, manuseá-lo e ativá-lo. Para além da ativação de pensamentos através da meditação, a condução do sujeito que o direciona a uma escrita de si pode também acontecer pelo caminho inverso: escrever sobre si para direcionar-se a meditação.

Portanto, o ato de contar sobre si – independente da língua escolhida ou da materialidade da produção textual – como sendo um exercício pessoal “não se trata de manifestação ou da exaltação do gesto de escrever; não se trata da amarração<sup>12</sup> de um sujeito em uma linguagem; trata-se da abertura de um espaço onde o sujeito que escreve não para de desaparecer” (FOUCAULT, 1992, p. 133) e se refazer. Desaparece-se para si para vir a aparecer de um outro modo, para novas inscrições em si mesmo.

---

<sup>12</sup> Aproveito para enfatizar que quando Foucault afirma que a narração sobre si não se trata da amarração de um sujeito a umalinguagem, entende-se, portanto, que o autor não está vinculando a narração manifestada apenas na modalidade escrita. Podendo ser expressa também por meio de um texto visual, ou seja, vídeo em língua de sinais.

Se no decurso da escrita de si é também um lugar onde confeccionamos a nossa subjetividade, então as experiências narradas pelo sujeito que – surdo ou ouvinte – compõem a sua vida, o inscrevem como indivíduo. Sendo assim, iniciamos o que seria a experiência como campo de formação do sujeito para então, avançarmos em quem é o *si* que na internet escreve e se inscreve e se faz por meio dessa tecnologia moderna? Seria um sujeito que se constrói no ínterim da escrita configurando-se em um *eu* que se narra e que, por meio da narrativa em primeira pessoa do singular, configura a sua identidade que não é única e, sim como múltiplas formas, diríamos que são várias as pluralidades identitárias, a depender do momento e da função coletiva exercida, pois quando a pessoa decide escrever nas redes sociais sobre suas reflexões comporta-se como se de fato, existissem vários autores contidos no papel virtual, reconhecidos socialmente, pela figura do autor.

A recapitulação do passado e as reminiscências levam ao entendimento de uma cisão, uma ruptura na ideia de unicidade do eu, já que o eu reevocado diverge do eu atual, sendo que, por isso, esse percurso pode ser narrado, ou melhor, reconstituído. As identidades, do eu do passado e do eu atual, constituem objeto de reflexão. (TEIXEIRA, 2003, p.48)

Em outras palavras, o ser que escreve, no decorrer do movimento da escrita vai se tornando um *eu* que também é outro, ou seja, se inscreve, se (des)pertence ao que era antes para se afiliar ao seu outro que está sendo construído. É outro porque enquanto se relata sobre o *si* se desenha um sujeito outro diferente daquele que escreve (eu-autor) e do *eu* que será lido. Tece-se um *eu* que se constitui durante o processo, na instância do relatar-se, como uma brecha que salta do acontecimento, da ação de escrever sobre si conduzindo a subscrição a admitir-se com uma configuração outra de sua subjetividade, muitas vezes, não como resultado do trabalho autobiográfico, mas sim sua “causa”.

Seguindo por essa mesma esteira de pensamento, Pokorski (2020), investigou as narrativas de si em escritas acadêmicas de surdos. Em sua pesquisa a autora percebeu que em certa medida é possível afirmar que toda escrita possui traços autobiográficos, pois

o eu-autor paira e se inscreve o tempo todo no texto, até mesmo em um gênero acadêmico como as teses e dissertações. É essa presença autobiográfica que confere à pesquisa um caráter de autenticidade, de singularidade; é pela presença do “eu” que irrompe no texto, que se torna possível enxergar a experiência que modifica, que marca os modos de caminhar pela pesquisa e de produzir, a partir dela, saberes. (POKORSKI, 2020 p. 57)

Assim como acontece com o sujeito ouvinte, “por meio do uso da linguagem do narrador si mesmo, se constroem também as identidades surdas” (Pokorski, 2020 p. 35). A partir da linguagem, escrita ou sinalizada, o sujeito se inscreve em uma cultura e numa experiência que, certamente não é única entre todos os surdos, mas que potencialmente o difere auxiliando-o na construção de sua subjetividade. Entendo todo esse contexto como uma “tecnologia que produz alterações nas condutas e no modo de ser e operar dos sujeitos” (FOUCAULT, 1996, p.147), mas não que o processo de construção da subjetividade seja limitado apenas ao fato de escrever sobre si mesmo, visto que trata-se de uma instância mais ampla e que pode ser influenciada por uma diversidade de outras interações experienciadas pelo sujeito. No entanto, acredito que vai muito além do binarismo de ser ouvinte ou ser surdo, pois a prática de narrar a si busca, fundamentalmente, organizar os momentos fugazes da existência do ser, dar sentido a eles, registrar vivências para além de fixar as tantas identidades fragmentadas do sujeito que mudam dependendo das situações, e garantir significado à sua presença no mundo.

E é justamente pelo fato do sujeito moderno ser fragmentado que é possível adotar uma visão crítica da sua realidade, das suas relações com o meio e com as instituições sociais. Sua identidade é construída por ele mesmo, já que, estando descentralizado consegue avaliar tanto a si quanto aos espaços que frequenta sem ser determinados por eles. Portanto, por esse modo, o sujeito se individualiza no social, mas carrega a marca de ser constituído no que lhe é interior.

As possibilidades de diálogo com o próprio eu abrem espaços de experiência social e privada. Os pensamentos, os devaneios, as fantasias e as ações são, agora, problematizados, tendo como referência um "mergulho" em si mesmo. O espaço do subjetivo abarca o homem moderno, invade-o, não podendo dele escapar. É esse espaço que o marca como singular, que o constitui, apesar de semelhante, como radicalmente diverso dos demais. (TEIXEIRA, 2003, p. 42 – aspas do autor).

É sobre essa *experiência de si* como diferença e através da genealogia de um espaço particular que o sujeito se constitui indivíduo confidencializado pela vivência da sua interioridade. Nesse sentido, o indivíduo também se constitui subjetivamente a partir de uma diferença com o meio real fundamentado em si próprio. No que diz respeito à realidade, trago aqui no sentido de que Carvalho (2007) apensou: tratando daquilo que é real na ordem da fratura e na ordem da experiência. Ou seja, uma realidade apresentada através de recursos midiáticos dependentes dos modos pelos quais movem a realidade e conseguem estabelecer formas e efeitos durante determinados momentos para, num outro momento, fazer surgir o que se singularizará, para novamente ser resignada e assim sucessivamente.



Retomando ao pensamento de entender a escrita de si no contexto das redes sociais como uma tecnologia que produz alterações no modo de ser e operar dos sujeitos, disponho a refletir que as tecnologias se mantiveram presentes na nossa cultura ocidental urbanizada e tem influenciado nos comportamentos, na forma de pensar e perceber a realidade:

Como contexto, devemos entender que há quatro grupos principais de “tecnologias”, cada um deles uma matriz de razão prática: (1) tecnologias de produção, que permitem produzir, transformar ou manipular as coisas; (2) tecnologias dos sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação; (3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito; (4) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade (FOUCAULT, 1982/2011, p. 323-324).

O autor pontua que as tecnologias de produção e dos sistemas de signos predominam sobre a ciência e a linguística enquanto que as tecnologias de poder delineiam o ser e, as tecnologias de si, o levam a conquistar a satisfação. Pelo olhar do autor, cada tecnologia inscreve-se na tensão entre saberes, relações de poder e modos de subjetivação – próprios a cada cultura e a cada período histórico – e, assim, “produzem efeitos, formas de simbolizar, controlam preferências e, em última instância, influenciam as formas de constituir a si mesmo” (ASSUNÇÃO; JORGE, 2014, p.153).

A cada período da nossa história as tecnologias participam agenciando a produção de subjetividades. No entanto, na contemporaneidade e por intermédio da internet, as tecnologias de si participam no empenho de projetar um sujeito para ver e ser visto. A figura do sujeito moderno parece estar engodado numa rede de valores abastecido por *softwares* sociais que para se alcançar um estado de felicidade, compartilham cada vez mais informações sobre si e também sobre outros sustentando um sistema de produção material e subjetivo no qual possui-se “liberdade” para expressar os modos de pensar sobre determinado assunto em um espaço virtual, como se

[...] para ‘ser humano’ no século XXI, para grande parte da população urbana, aparentemente, é preciso estar *online*, ocupando diferentes espaços simultaneamente, sendo que essas possibilidades abertas pela “virtualidade” permitem novas experiências subjetivas [...] dispensando a organicidade do corpo, a materialidade do espaço e a linearidade do tempo (CABELLO, 2015, p. 129). Aspas da autora.

Nesse sentido, estar conectado à rede dispõe as pessoas a estarem abertas para produzir e consumir conteúdo a qualquer hora e de qualquer lugar, mas também estão propensas a se colocarem em situações de exposição ou vulnerabilidade extremas e a de agir por meio de contra-condutas ao comum, apontando direções para práticas de resistência na refacção de si mesmo.

Eis aqui o que, conforme o título desse tópico, identifico como o sujeito que (sub)escreve. Trago o significado desse termo para além do sentido definido pelo dicionário<sup>13</sup> contemporâneo, ou seja, não apenas no aspecto de aceitar e admitir algo, justamente por esse motivo que enfatizo este termo realçando o “(sub)”escrção a fim de destacar que o sujeito ao utilizar a escrita de si para se manifestar através das mídias sociais não está só se pronunciando sobre algo, mas também se tornando responsável pelo seu posicionamento. Retomarei esse assunto mais adiante.

### 3.4 Quem vê *close* não vê corre<sup>14</sup>

Até poucos anos atrás, receber correspondências de amigos e familiares fazia parte do cotidiano das pessoas. No caso das pessoas surdas usuárias da língua de sinais, para se ter notícias dos amigos, conversar sobre seus pensamentos, angústias, alegrias, receber informações, entre outros assuntos com outros surdos e sobre o mundo em geral, era necessário frequentar as Associações de Surdos da sua região. Não havia jornal televisivo com intérprete de Libras, não havia aparelho celular, muito menos a facilidade de gravar um vídeo conversando e enviar para o amigo, tampouco aplicativos de tradução para Libras, muito menos o acesso usual da internet como temos atualmente no nosso dia-a-dia. Os surdos, que tiveram acesso à educação escolar, utilizavam mais a escrita de maneira guiada pelas atividades escolares, visto

---

<sup>13</sup> O dicionário *on line* Priberam da Língua Portuguesa (DPLP) me auxilia a pensar no sentido adaptado que desejo conferir ao “subscrever”. Significado original retirado em 20 de novembro de 2021, disponível em: <https://dicionario.priberam.org/>

<sup>14</sup> Conforme explicado anteriormente, neste tópico (de modo proposital e justamente pelo fato deste estudo ser datado) decidi transportar o leitor para o período em que este trabalho foi escrito. Sendo assim, escolhi por registrar a minha escrita utilizando algumas palavras próprias do “internetês”, ou seja, gírias, termos e/ou expressões escritas (que também se tornaram faladas e comumente encontradas pelos internautas frequentadores de redes sociais) durante o período da elaboração deste trabalho (2019 à 2023). Por esse motivo, pode acontecer de alguns (ou todos) destes termos utilizados entrem em desuso quando o leitor vier lê-los, simplesmente pelo belo fato da língua ser viva, portanto, mutável. Nesse caso, a expressão “quem vê *close* não vê corre” denota ao sentido de que por trás de uma situação (*close*) houve complicações (*corre*), ou seja, muito do que é mostrado na internet não revela a realidade do processo de produção.

que a maioria dos surdos no Brasil advém de famílias ouvintes que não usam a Libras no cotidiano.

Nas últimas três décadas os mecanismo de trocas de mensagens em tempo real foi sendo inovado com o advento da internet, a qual tem sido, além de outras incontáveis(des)vantagens, a ferramenta facilitadora na troca de mensagens entre os indivíduos, não sendo mais necessário esperar por vários dias pela chegada de uma carta para saber notícias sobre um parente ou ter conhecimento das novidades de alguém que está geograficamente distante. Em vista disso, vivenciamos um momento em que a escrita tem ganhado cada dia mais espaço nas plataformas de relacionamento que facilitam e aceleram a conexão entre as pessoas, grupos, tribos ou comunidades usuárias da internet a fim de gerar informações e/ou criar interações.

A primeira rede social surgiu no ano de 1995, o *ClassMates*, a qual tinha como foco reaproximar colegas de escola que estudaram juntos em anos anteriores que de imediato foi uma proposta muito aceita pelo público interessado. Mas a rede social no formato em que conhecemos hoje foi criada em 1997, chamada de *SixDegrees*, que se manteve ativa até o ano de 2001. Nessa mesma década de 2000 foi o período que proporcionou maior surgimento das plataformas interativas digitais, como o *Friendster* em 2002; o *MySpace* e o *Linkedin* em 2003; o *Orkut* e *Facebook* em 2004; o *YouTube* em 2005, o qual também tem a função de entretenimento, busca de serviços e informações em todos os setores e segmentos; depois surgiu o *Twitter* em 2006 e logo em seguida foram sendo criadas outras redes sociais que continuam crescendo, como o *Tumblr*, *Blogger*, *Flickr*, *Instagram*, *Pinterest* e *Google+*, *SnapChat*, *TikTok*.

As redes sociais mais utilizadas no Brasil são as plataformas de interação como *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, *Twitter*, *TikTok*, *WhatsApp*, *Kwai* e *Linkedin*. Atualmente, 3,2 bilhões de pessoas usam ao menos uma rede social, isto é, 42% da população mundial são usuários ativos que mantém a utilização média de 2 horas diárias visitando conteúdos de redes sociais e, em 80% desse tempo gasto nas redes é acessado via dispositivos móveis como celulares, *smartphones*, *tablets*. Significa que é extremamente acelerada a velocidade que os conteúdos chegam até nós e ao alcance de um simples movimento manual. (EMARSYS, 2019). As plataformas de interação social foram e continuam sendo muito bem aderidas.

Imagino que o principal motivo pelo qual as pessoas ingressam numa rede social não é apenas a necessidade de ter acesso à vida dos outros, mas principalmente de se sentir incluído, de fazer parte de algo, de um sistema que pode compartilhar seus interesses comuns e que se diferem das mídias tradicionais, uma vez que depende da interação entre seus usuários, construindo uma verdadeira rede com conteúdo diverso.

Por conseguinte, o exercício de escrever sobre si em dispositivos midiáticos como as redes sociais revela a tentativa de mostrar o eu ao outro, ou seja, a exposição subjetiva para além de mim. Já não carece mais de “espiar pelo buraco da fechadura”, pois é rápido, simples e corriqueiro acessar a vida particular das pessoas. Os segredos antes revelados por escritas em combinação de letras e códigos em diários, atualmente, são revelados em aparelhos que cabem em apenas uma mão e com o deslizar dos dedos podemos ver os *stories* de qualquer pessoa seja ela famosas ou não, com textos imagéticos que articulam a linguagem verbal e a não verbal. A moderna versão dos *hypomnematas* da última geração contendo os pensamentos, desabafos e segredos pertencentes a qualquer usuário na *web* pode ser visitado com ou sem *likes*, pois a vida alheia é transmitida até mesmo em formato “ao vivo”.

Em função da facilidade de visualizar o dia-a-dia das pessoas, dos seus pensamentos, desabafos e opiniões ao ponto de ser corriqueiro compartilhar imagens, textos e vídeos, que as pessoas seguem utilizando a liberdade oferecida pela internet para mostrar o que “quiser” de si e dos outros, porém seguindo a máxima “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (FOUCAULT, 1996, p. 147).

A exposição midiática da prática da utilização da tecnologia do *viver conectado* (BARBOSA, 2013), de apresentar a vida seja por meio de *trand*, *filter* ou por *stories*, nos impele a aceitar, praticamente de forma consensual, a *hashtag* #quemvêclosenãovêcorre, isto é, o que é mostrado pode não refletir situações legítimas, ou seja, no mundo virtual escrever um texto ou mostrar uma imagem não necessariamente pode ser considerado algo real. Entendendo que a realidade é algo transitório e está imersa em um jogo de relações de forças, o sujeito é apresentado como “resultado incompleto, constituindo-se, alojado entre relações de força e história, codificando e codificado em certos campos de situações estratégicas, cujas deflagrações fazem-no subsistir, ruir-se, transformar-se, para novamente subsistir” (CARVALHO, 2007, p.150).

A constante vigilância proveniente dos usuários para com as redes sociais apesar de possibilitar a liberdade de acesso às informações entre os internautas assume uma aproximação com o instrumento Panóptico de “Vigiar e punir” (2013) ao relacioná-lo com o poder de vigilância na vida dos cidadãos. O internauta assume a função do “olho que tudo vê” do Panóptico, porém vendo apenas o que é levado a ver, vendo aquilo que é direcionado a olhar. Decorrendo, assim, a existência de uma gestão que instaura no sujeito um desejo de ver as coisas provenientes de uma biopolítica construída e ativada pelas redes sociais pelo alinhamento da rede social atuando como uma tecnologia gestada na governamentalidade.

Dessa forma o sujeito segue possuindo livremente acesso as informações *online*, sendo avisado (por notificações diretamente para suas mãos através do aparelho celular) sobre as ações dos outros, muitas vezes até de ações cotidianas como, por exemplo, o que um seguidor postou, compartilhou, curtiu, que lugar visitou, onde fez uma refeição, a imagem do prato do dia, da roupa que vestiu, da dancinha que realizou, se o treino do dia “tá pago” ou não, entre outras atividades. Tais funções das redes sociais injetam técnicas nos sujeitos condicionando a práticas disciplinares de vigilância na rede, emergindo a percepção de estar fazendo parte de algo comum a todos, além de se visualizar enquadrado no perfil moderno de sociedade. Com isso, o próprio sujeito se cobra para olhar cada vez mais conteúdos, ele mesmo faz a sua vigília podendo até fazer a sua própria punição para produzir (ou não) no espaço virtual.

De maneira alguma estou condenando as redes sociais ao relacioná-la com a prisão da obra *Vigiar e Punir*, porém não posso deixar de observar uma semelhança do Panóptico e na relação de vigilância dos sujeitos para com os outros (e para si mesmo) no espaço virtual. Mesmo tendo em mente que se é observado, no instante em que se navega na rede cada sujeito também se coloca na categoria de vigia para com os outros.

E para se exercer, esse poder deve adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível [...]milhares de olhos postados em toda parte, atenções móveis e sempre alerta, uma longa rede hierarquizada[...]. E essa incessante observação se deve acumular numa série de relatórios e de registros [...] uma tomada de contas permanente do comportamento dos indivíduos (FOUCAULT, 2013, p. 202).

Por essa perspectiva, a “realidade” apresentada pela internet mesmo antes da pandemia de Covid-19 iniciada no ano de 2020, têm alcançado um exercício de poder na produção de subjetividades que não podemos desconsiderar. Para exemplificar, basta citarmos, por exemplo, o crescimento de novos perfis nas principais redes sociais, o aumento da quantidade de *lives* não só entre artistas, mas entre qualquer usuário, assim como o elevado número de novos *youtubers* e digital *influencers* na rede.

Compreendo com Foucault (1992, p. 236) sobre a subjetividade ser “a maneira como o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade no qual ele se relaciona consigo mesmo” e, por esta reflexão, percebo que os artefatos advindos das redes sociais circulam de modo produtivos na sociedade e incitam em experimentações no corpo, no autocuidado, nas formas das pessoas se relacionarem – consigo, com os outros e com o mundo – como também na forma de se apresentam nas redes sociais há a perspectiva de transparecer seus pensamentos.

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica, portanto uma “introspecção”. Não resta a menor dúvida de que estamos diante de um fenômeno que pode parecer pouco surpreendente, mas que é carregado de sentido para aquele que quisesse escrever a história da cultura de si: os primeiros desenvolvimentos históricos do relato de si não devem ser buscados do lado das “cadernetas pessoais”, dos *hypomnematas*, cujo papel é o de permitir a constituição de si a partir da coleta do discurso de outros; podem-se em contrapartida encontrá-los do lado da correspondência com outrem e da troca da assistência espiritual (FOUCAULT, 2004, P.157 – itálico do autor. ).

Para o autor a relação entre quem escreve e quem lê não deve ser entendida através de uma “introspecção”, pois não se trata de um deciframento de si, mas de uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo. Portanto, interessa aqui tomar a escrita não como fechamento, mas como abertura. O fato de fazer uma postagem nas redes sociais utilizando a escrita de si reflete em movimentos constituidores do ser tanto para quem escreve como para quem lê a postagem. Como diz Foucault, “a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, age sobre aquele que a recebe (FOUCAULT, 1992, p. 153). Obviamente, neste trecho o autor está remetendo-se a carta como modelo de correspondência entre os sujeitos, aqui trago-a na visão de *post* feito em rede social, em que o destinatário não é apenas um e sim todos os seus seguidores, ou seja, ao escrever na rede social, o usuário está relacionando-se com todos aqueles que tem acesso ao seu *perfil*, isto é, o eu virtual ao escrever sobre si influencia tanto na constituição de sua subjetividade (virtual e real) como na de seus seguidores que as recebem.

E nesse jogo, “a escrita que ajuda o destinatário, arma aquele que escreve e eventualmente terceiros que a leiam” (FOUCAULT, 1992, p. 155). O que postamos nas mídias sociais nos mostra, nos forma e nos constitui. Cabe aqui um breve retorno ao Sêneca nas epístolas a Lucilius, o qual suscitou uma máxima ainda presente em nossa atualidade: “devemos pautar nossa vida como se todo mundo a olhasse”. Sendo assim, quando uma pessoa escreve algo em sua rede social, imediatamente ela está sujeita a uma relação em via de mão dupla. Se a pessoa escreve pensamentos, grosserias, palavras de zelo, ou incentivo ao cuidado de si, estas vão para os destinatários, porém não vão sem antes voltar-se para o remetente, fazendo-o, na produção da escrita, escutar-se a si mesmo, perceber-se a si mesmo, constituir-se a si mesmo. O gesto de escrever sobre si para os outros,

(...) constitui também uma certa maneira de se manifestar para si mesmo e para os outros. A carta torna o escritor “presente” para aquele a quem a envia. E presente não simplesmente pelas informações que ele lhe dá sobre sua vida, suas atividades, seus

sucessos e fracassos, suas venturas e desventuras; presente com uma espécie de presença imediata e quase física (FOUCAULT, 1992, p. 155 – aspas do autor).

As mensagens assumidas pelo estilo de desabafos presentes nas redes sociais de alguns surdos, o qual foram objetos de estudo para esta pesquisa, reflete-me a um prefácio escrito por Deleuze em “Psicanálise e Transversalidade”, obra que reúne textos de seu amigo Félix Guattari, em que prega que “há sempre um coletivo mesmo se se está sozinho” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 13) – e acrescento que mesmo ao estarmos aparentemente sozinhos na internet há um coletivo que nos assiste e manifesta visões e atitudes, muitas vezes, influenciados pelo que postamos nas páginas da *web*. Quero dizer que direta ou indiretamente, “a escrita transforma a coisa vista ou ouvida” ‘em forças de sangue’” (*in vires, in sanguinem*) (FOUCAULT, 1992, p.143) e, dessa forma, o ato da escrita de si, seja materializado no texto escrito em português ou por vídeo em língua de sinais, desempenha uma transformação determinante às práticas do cuidado de si (que discutiremos de forma mais pormenorizada a seguir) e do outro na elaboração de um coletivo.

Retomemos aquilo que ficamos de novamente evocar a respeito dessa força que impele o sujeito a escrever, independente do instrumento ou veículo material da escrita ser no papel ou nas páginas *online*, para expressar acerca de manifestações do ler e escrever com forças de sangue, transcrevo um trecho do discurso de Zaratustra:

De tudo o que se escreve, aprecio somente o que alguém escreve com seu próprio sangue. Escreve com sangue; e aprenderás que o sangue é espírito. Não é fácil compreender o sangue alheio; odeio todos os que lêem por desfastio. [...] Aquele que escreve em sangue e máximas não quer ser lido, mas aprendido de cor (NIETZSCHE, 2000, p. 66-67).

Trazendo para o cenário das postagens produzidas por alguns sujeitos surdos e selecionadas para a presente pesquisa, tais manifestações por serem colocadas nos perfis públicos tornam-se retratadas no plano do interminável. Isso se for comparado a uma escrita documental, por exemplo, a qual está pautada no plano espacial e temporalmente finito. As postagens, os temas que perfilam nas páginas digitais são resultados de encontros de forças e resultado de vozes sociais que marcam lutas de uma temporalidade.

Se vivemos em um mundo letrado e se o registro é um lugar de constituição do pensamento individual e coletivo, esta prática deve se dar também entre as comunidades surdas e foi algo que me inquietou a investigar por meio desta pesquisa. Pensar dessa forma seria mitigar os espaços para as implicações de diferenças, formação de sujeitos, bem como para as

tentativas de se defrontar com singularidades e fragilidades, pois há sempre algo que escapa de uma compreensão absoluta.

Mesmo que nas mensagens postadas reflitam marcas intra e intersubjetivas, existem chances de não transparecerem exatamente ao real sentimento do sujeito sobre determinado assunto. Pois, como mencionado anteriormente, quem vê *close* não vê *corre*, muitas vezes quem vê o produto não vê o transcurso, quem lê o que foi escrito não, necessariamente, experienciou o processo de produção da escrita, ou seja, poderá haver “uma distância fundamental e originária entre o sujeito e seu escrito” (TEIXEIRA, 2003, p.53), ou entre o sujeito real e o sujeito virtual, porém há nelas um quociente que resiste a algo onde os pensamentos que não revelados no mundo real, afloram no mundo virtual.

Toda ação no ciberespaço é melhorada quando comparada com as ações no mundo físico. (...) a liberdade do indivíduo pressupõe que o mesmo possua oportunidades de escolher como, quando e onde deseja revelar a sua identidade em um mundo compartilhado. Esta liberdade abrange também o poder de escolha acerca de como o indivíduo deseja interagir com outros. (FUGAZZA, SALDANHA, 2017, p.98)

Respalhando essa concepção, Capurro (2016) afirma que “ser-no-mundo” está se igualando a ideia de “ser-no-mundo-compartilhado”. Parece que alguns sujeitos bebem uma dose de elixir de coragem para falar francamente se tornando parresiastas<sup>15</sup> quanto a posicionar-se diante alguns assuntos, pelo fato da escrita (de si) nas redes sociais proporcionar despreendimento e autonomia para quem escreve.

Esse formato de escrita que serviu como título para esta pesquisa: Escrita de si como relação subjetiva e inscrição ética do sujeito surdo, tem ganhado força como um novo formato de escrita autônoma que utiliza de tecnologias sociais, históricas, interativas, dialógicas que se materializa por linhas de fugas virtuais e que pode se dar também pela escrita materializada em Libras, por esta se colocar como uma modalidade de enunciação através do registro como parte de si, como um modo de se inscrever, de se posicionar e constituir-se por meio de um lugar outro problematiza a *escrita de si* viabilizada pelas redes sociais como um caminho filosófico que pode se tornar reflexões potentes para a área da educacional, como forma de mobilização

---

<sup>15</sup> Em Foucault (2004), o conceito de parrhesía se apresenta no âmago da cultura do cuidado de si e consiste no franco-falar: um falar livremente, tudo dizer. É com a figura do parresiasta, personagem situada na Antiguidade, que Foucault encontra uma forma de elaborar a constituição do sujeito livre através das práticas de si. A postura do parresiasta remete àquele que diz a verdade sem dissimulação, fala o que pensa sem reserva ou efeito retórico e se arrisca e expõe pela sua verdade.

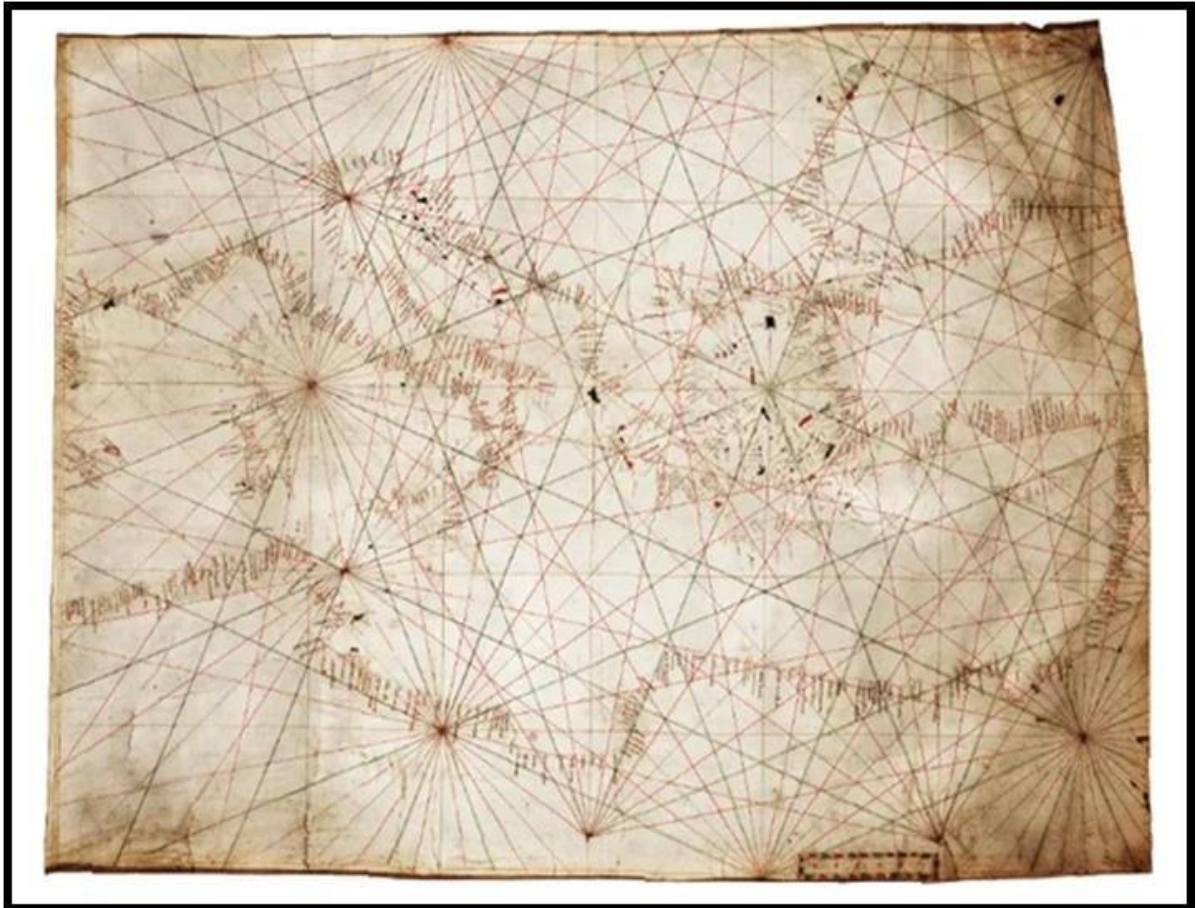


do desejo do aluno surdo em se fazer presente na escola e, mais que isso, do sujeito surdo apare‘Ser’ nas produções escolares, produzindo rupturas por utilizardas redes como um espaço de fuga de inscrição ética em que se revelam ideias que muitas vezes o sujeito não tem voz – nem espaço – para declarar.

Desse modo, finalizo esta seção ressaltando que para chegar até aqui foi importante, primeiramente, contextualizar as concepções sobre a escrita como sendo um modelo escolar, relacionar as problemáticas a cerca da educação de surdos quanto a escrita em Língua Portuguesa, para depois percorrer questões relacionadas às marcas do *ethos* na escrita surda e, a partir daí, adentrar em conceitos como ética, moral, escrita de si e cuidado de si na constituição do *ethos*. No capítulo seguinte tratarei mais precisamente em apresentar a escolha do meu percurso cartográfico pelo mar de publicações cibernéticas de surdos, os quais tem se apropriado dos espaços tecnológicos em que a comunicação possui alcance ilimitado, principalmente, por ser um lugar descomprometido com as fortes amarras de regras normativas gramaticais e, com isso, vão mostrando suas capacidades para uma escrita-criação subjetiva face às regras de verdades sujeitantes a partir dos regimes escolares.

## CAPÍTULO 4 – Dos planos, rotas e traçados de navegação

---



### **Mapa Portulano do século XII**

Créditos: Library of Congress Geography and Map Division.

Fonte: Jornal Observador, Lisboa.

**A cartografia tal como nós a vemos**  
(Poema<sup>16</sup> Coletivo)

Mapa dos afetos, fluxos, caminhos,  
percursos que nos fazem trilhar e ocupar diferentes territórios  
Cartografia é um grande quebra-cabeças  
onde não sabemos a imagem que pode vir a ser.  
Terra e corpo Afeto,  
escrita e loucura, composições.  
Encontros, a cartografia como um meio de criar territórios  
Enxergar esses territórios Mapas, desejos, forças, potências,  
movimentos que agenciam os processos de vida...  
Narrativa. Fluidez. Andanças.  
Liberdade de pesquisa e escrita!

---

<sup>16</sup> Trecho de um poema significativo pra mim por me fazer pensar a cartografia como prática do caminhar, navegar e se colocar em deriva, como uma (an)dança. O poema foi escrito coletivamente por alunos durante uma aula remota, a qual participei no curso Deleuze: Modos de Usar, realizado em (26/08/2020) e promovido pelo Laboratório de Arte e Psicologia Social - LAPSO, vinculado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Esta aula, intitulada Deleuze e a Cartografia, está disponível no YouTube: <<https://www.facebook.com/Deleuze-Modosde-Usar101019808325084/videos/deleuze-ea-cartografia-profdr-luciano-bedin/1213882688967107/>>

## 4.1 A escolha do rumo de navegação

*Meus territórios estão fora de alcance, e não porque sejam imaginários; ao contrário, porque eu os estou traçando” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 72).*

Por onde deveria começar? Irei fazer ciência através de quê? Por qual caminho chegarei naquilo que me movi a investigar? A imagem da página anterior é do mapa portulano mais antigo na Biblioteca do Congresso nos Estados Unidos. Foi desenhado no século XIII, mostra o mar Mediterrâneo, a zona ocidental do Mar Negro e foi a imagem que veio à minha mente quando me deparei com a palavra cartografia para me apoiar na busca investigativa que este estudo me propôs. Imediatamente, me veio a memória um relato (que tive acesso cinco anos atrás) de um lepidopterologista chamado John Kessler. Mas o que há em comum entre o estudo de borboletas com a cartografia? É que quando ele começou a trabalhar como especialista em cartografia moderna na instituição cultural mais antiga dos Estados Unidos, Kessler deparou-se com um mapa do ano de 1559 em que havia os traços representando o mar Mediterrâneo de forma muito semelhante aos mapas atuais que ainda seria possível navegar. Por esse mapa, ou seja, é possível navegar a partir dele nos dias de hoje, assim como a região representada pela Itália também continuava fiel à realidade, parecia até ter sido feitos por um drone.

Mas como foram desenhados estes mapas numa altura em que a tecnologia não permitia ter perfeita noção das dimensões e das fronteiras dos continentes? Foi com esta pergunta em mente que Kessler decidiu comparar os mapas antigos com os modernos através de um método parecido ao que usava quando estudava borboletas: por meio da observação, dos traçados, das linhas desenhadas nas asas das borboletas para, assim, tentar encontrar relações entre as várias espécies delas que voavam nos alpes. O especialista olhava para as asas do inseto e tentava encontrar diferenças e semelhanças: quanto mais parecidas em formato, maior seria a proximidade da espécie.

Por meio dessa estratégia, Kessler, em sua investigação, descobriu que os cartógrafos de mapas portulanos utilizavam um sistema de 16 direções (norte, sul, este, oeste, noroeste, sudeste, etc.) com a aplicabilidade parecida com a escala que vemos nos mapas modernos: tinham a função de referenciar do tecido onde era desenhado, o mapa para projeção da realidade, ampliando o conhecimento representativo que tinham da Terra. Apeguei-me a esta ideia que me levou a pensar, fundamentada no sentido adotado por Deleuze e Guattari (2004), a enxergar a realidade por dispositivos diferentes dos que são apresentados comumente pelos discursos

científicos, valorizando os formatos das asas, descobrindo as semelhanças e diferenças no voar das borboletas, naquilo que se passa entre os traços mapeados pelos sujeitos surdos, nas [entre]linhas desenhadas por subjetividades, nos intervalos das coisas ditas/escritas e entendendo tais coisas geradas nos interstícios dos acontecimentos como um potencial criador de realidade.

Seguindo por esse itinerário, ao me deparar com a escrita dos surdos no meio virtual, que as apresento como ‘*Escrita de si*’, não pude pairar o olhar apenas no que está dito ou na moralidade dos comportamentos, ou simplesmente na ação que é desenvolvida em relação aos códigos morais que regem as redes sociais, uma vez que o mais interessante dessa dinâmica foi perceber os elementos que emergem nas entrelinhas do texto, no “entre” uma palavra e outra, ali naquele pequeno espaço em que se toma folego para descer o olhar para ler a linha seguinte, como as evidências éticas das ações dos sujeitos se mostraram imbricadas no movimento de escrever sobre o que se acredita sobre si (que resulta na constituição de um novo eu) e que, de “tabela”, serve para fazer refletir as experiências vividas de um outro (ou de um todo).

Partindo da perspectiva de investigar algo inerente aos sujeitos, então precisaria ser norteada por mapas subjetivos, por esse motivo fui levada à cartografia como metodologia por proporcionar-me o contato direto com a matéria a ser cartografada.

Enquanto método de pesquisa, a cartografia é uma das possibilidades de se estudar objetos de caráter mais subjetivos e que exigem do pesquisador a habitação de diferentes territórios, na perspectiva de transformar para conhecer, como na produção de conhecimento por meio de pesquisas participativas do tipo pesquisa-intervenção (CINTRA et al, 2017, p. 46).

O conceito de cartografia foi inicialmente retirado da geografia e depois transposto para os campos da filosofia, política e subjetividade ao ser formulada por dois filósofos franceses que alcançam um espaço singular do conhecimento filosófico tradicional por afirmarem a diferença ao invés de negá-la: Gilles Deleuze e Félix Guattari nas obras *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (2011a) e *Diálogos* (1998) em que mostra a cartografia mais como uma ética e uma política do que uma metodologia de pesquisa propriamente dita, pois em nenhum momento de suas obras eles tenham se referido à cartografia enquanto metodologia de pesquisa, ainda que alguns pesquisadores (GUATARRI, ROLNIK, 1986; FONSECA; KIRST, 2003, PASSOS; BARROS, 2009, PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2014) tenham se dedicado a este tema há mais de trinta anos.

Nesse sentido, Costa (2020) realiza um levantamento do início da cartografia utilizada por brasileiros em trabalhos científicos, os quais a utilizam por ser compatível e compor técnicas, estratégias e dispositivos de pesquisas existentes. O autor constata que em 2009, com a publicação de *Pistas do Método da Cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade* de Passos, Kastrup e Escóssia, a cartografia efetivamente ocupa um lugar no escopo das metodologias ligadas às ciências humanas e da saúde. Nesse sentido, por meio da pesquisa cartográfica, ao invés de me perguntar pela essência das coisas precisei me perguntar pelo encontro com as coisas durante a minha pesquisa, visto que

o cartógrafo pergunta pelo seu encontro com as coisas durante sua pesquisa. No lugar de o que é isto que vejo? (pergunta que remete ao mundo das essências), um como eu estou compondo com isto que vejo? Este segundo tipo de pergunta nos direciona ao processo, entendendo o cartógrafo enquanto criador de realidade, um compositor, aquele que com/põe na medida em que cartografa. (COSTA, 2014, p. 68)

Ter me decidido pelo método cartográfico não significa que desde o primeiro instante dominei de antemão os efeitos e itinerários a serem percorridos, ao contrário apesar de me debruçar nas materialidades compartilhadas como postagens, não me apoio na cartografia como ferramenta para ler um texto parado, uma coisa que já está pronta de antemão, pronta para ser mapeada ou que posa para ser fotografada, por ter em vista que cartografia se ocupa em “acompanhar um processo, e não representar um objeto. Em linhas gerais, este método trata-se sempre de investigar um processo de produção” (Kastrup, 2009, p. 32), que remete a ação, atividade, fluxo, e pra isso “é preciso que o próprio cartógrafo esteja em movimento, afetando e sendo afetado por aquilo que cartografa” (COSTA, 2014, p.69), então, estou no caminho certo! Ora, o que tem de mais dinâmico do que a internet? Atualmente, onde tem mais movimento do que as redes sociais? Aliás, eu também sou frequentadora desse espaço e consumidora dos conteúdos digitais, ou seja, sou afetada por aquilo que cartografo e, assim sendo, teria que fugir dos pensamentos prontos congelados para buscar a revelação de encontros entre a escrita de si e o sujeito em construção, visto que

cartografar remonta a uma tempestade... Tempestade de escolher rotas a serem criadas, constituir uma geografia de endereços, de registros de navegação, buscar passagens... Dentro do oceano da produção de conhecimento, cartografar é desenhar, tramar movimentações em acoplamentos entre mar e navegador, compondo multiplicidades e diferenciações (KIRST, GIACOMEL, RIBEIRO, COSTA, & ANDREOLI, 2003, p. 91).

Desse modo, para que eu conseguisse seguir por esse caminho escavatório, por vezes tempestuoso, de lidar com processos (e não necessariamente com resultados), decidi articular a cartografia aliada às inspirações principiadas pela prática genealógica de Foucault (2012), a qual “consiste em um instrumental de investigação voltado à compreensão da emergência de configurações singulares de sujeitos, objetos e significações nas relações de poder, associando o exame de práticas discursivas e não-discursivas” (MORAES, 2018, p.1).

Foucault se valeu da perspectiva genealógica Nietzscheana – a qual concebe três elementos: *Ursprung* (origem), da *Herkunft* (proveniência) e *Entstehung* (emergência) – como instrumento para atualizar, ao seu modo, a sua prática genealógica em que expõe os contrastes entre os três elementos e aponta que “termos como *Entstehung* ou *Herkunft* marcam melhor do que *Ursprung* o objeto próprio da genealogia” (FOUCAULT, 2012, p. 61).

Segundo Ribeiro (2018), a genealogia foucaultiana poderia ser sintetizada dessa forma:

I.O genealogista faz nascer um começo suspendendo toda “origem”, opondo-se estrategicamente “à pesquisa da origem”. A genealogia é, portanto, a escolha estratégica por um começo a ser a ele negado a origem, onde se abre a possibilidade de fazer um trabalho de procedência e emergência;

II.O corpo é uma marca ou o estigma dos acontecimentos; o corpo é interstício, espaço que emerge aquilo *pelo que* se luta, isto é, lugar vazio que dará chance a Foucault de fazer sua genealogia da subjetividade;

III.O campo de forças é um espaço de confronto efetivado por um teatro de procedimentos, de empoderamento de regras. A genealogia é a descrição minuciosa dos discursos que forjaram tais regras e tais empoderamentos de regras. (RIBEIRO, 2018, p147 – aspas do autor).

Sendo assim, escolhi navegar pelo caminho de inspirações genealógicas foucaultiana, na medida em que trago relações de forças acerca da escrita surda e sua aparição nos meios digitais de modo a marcar a inscrição surda em práticas de escrita em Língua Portuguesa e em registros de gravação em Libras. A inspiração genealógica é usada aqui como movimento para pensar os encantos que traduzem as evidências de palavras e ideias de pessoas surdas como um conjunto microfísico de saberes afirmados em relações de forças, as quais dissipam dos poderes da malha histórica e materializam práticas sociais, vindo a produzir sujeitos que se posicionam através de determinados enunciados, seja materializando-os em Libras, em Língua Portuguesa ou em ambos.

Além dessa conjuntura, me detive também a percorrer esta investigação associando os princípios genealógicos ao processo cartográfico por saber que seria necessário demorar-me

sobre os elementos investigados a fim de “marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreita-los lá onde menos os esperava e naquilo que é tido como não possuindo a história (...) para encontrar as diferentes cenas onde eles desempenharam papéis distintos” (FOUCAULT, 2012, p.55).

No entanto, retomo que Para Foucault a genealogia não se faz na busca das origens dos fatos, ao contrário, a genealogia se mostra na construção social e inventiva de peça por peça do discurso. Dessa forma, me apoiarei na própria explicação do autor de que:

O trabalho do genealogista é demorar-se sobre os documentos que narram o cotidiano e os detalhes considerados banais, que pareciam não ter história (...) problematizando as relações de saber-poder que produziram realidades e tratar esse saber histórico nas lutas e nas táticas atuais (FOUCAULT, 2012, p.171).

Nunca pensei que percorrer por um trajeto inspirado pela genealogia aliado à cartografia seria um caminho fácil, ainda mais “quando a imagem dogmática do pesquisador ainda está bastante colonizada por um fazer-pensar uma ‘ciência maior’ (DUARTE; TASCETTO, 2013 – destaques dos autores), utilizando métodos não empíricos, como se o fato de pensar em fazer ciência não pudesse ser realizada por práticas menores e nômades. No entanto, foi a partir dessa experiência que fui navegando pelas ondas da internet ao encontro de subjetividades surdas reveladas num bater de asas de borboleta. Reafirmo que, embora a pesquisa seja levada por meio de princípios que forçam-nos a olhar as emergências das relações de poder acerca da produção e inscrição surda em registros escritos e gravados, dada a historicidade em que se provêm tal emergência, a maior fonte de caminho e trilhas metodológicas usada nesta pesquisa é a perspectiva cartográfica: ou seja, busca-se a cartografia da inscrição de subjetividades surdas na relação com a tecnologia do registro pela técnica da *Escrita de si*.

Portanto, conduzi meu barquinho pelas marés das “coisas que acontecem” e que vão emergindo nas entrevistas das *Escritas de si* que reivindicam, se posicionam, protestam - ou apenas se narram - e modulam inúmeros processos de modos de existir.



## 4.2 Do trajeto percorrido

Durante o período pandêmico em 2020, pelo fato da maioria da população brasileira precisar ficar em casa para minimizar a ploriferação do novo Coronavírus, o palco da vida em sociedade foi direcionado para práticas de convivência no formato virtual. Nessas circunstâncias, a internet foi uma ferramenta fundamental para amenizar o sofrimento causado pelo distanciamento.

A maioria das pessoas se comunicava mais precisamente por ligações *online*, ou seja, através do mecanismo de chamadas de vídeo foi possível driblar a saudade de amigos e parentes. As salas de aulas, eventos científicos, congressos, trabalhos, estudos, reuniões, apresentações artísticas, musicais entre outras manifestações foram modificadas para o formato remoto. Significa dizer que a grande parte da convivência entre os sujeitos estava acontecendo através do ciberespaço, assim também os passeios voltados para socialização entre os sujeitos, que ocorriam presencialmente em shoppings, áreas de lazer, etc. foram transferidos para as plataformas virtuais criadas (entre outras funções) pensando nessa finalidade. Por esse motivo, me direcionei a investigar as enunciações surdas justamente nesse espaço de rede social, onde os discursos estavam ‘pipocando’ mais intensamente naquele momento.

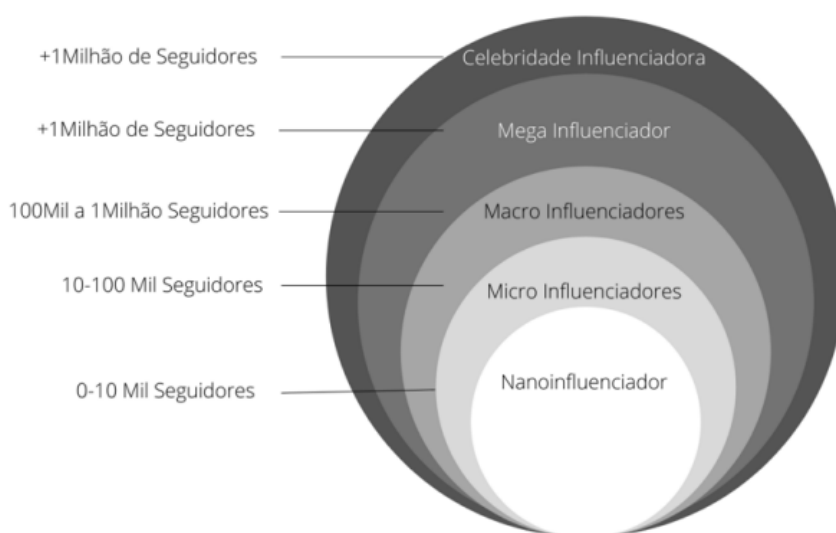
Nesse cenário, iniciei o percurso metodológico tomando como partida a compreensão de investigar as enunciações mobilizadoras da construção de processos de subjetivação produzidas por sujeitos surdos através de uma *Escrita de si*. Para tanto, precisaria buscar por um conjunto de discursividades advindas de surdos e o fiz em perfis abertos da plataforma *Instagram*, a qual há numerosos perfis dedicados a diversos assuntos nas redes sociais.

Esses perfis de influenciadores digitais são considerados como aqueles que têm algum modo, por meio de suas postagens, promover agrupamentos de sujeitos interessados naquilo que é compartilhado e muitos passam a agir a partir da ‘influência’ dos enunciados compartilhados; sujeitos que em seus discursos qualificam e direcionam a conduta de outros, pelo poder de colocar discussões em circulação; poder de influenciar em decisões em relação ao estilo de vida, reflexões motivacionais, gostos, finanças, moda, alimentação, saúde, vida fitness, educação, sexualidades e bens culturais daqueles que estão em sua rede. Significa que influenciador digital são sujeitos líderes de opinião que exercem impactos acima da média num segmento capaz formar um público que segue e confiam em seus conselhos, dicas e opiniões para tomarem as suas decisões. Ou seja, são pessoas que se destacam nas redes e que possuem

a capacidade de mobilizar um grande número de seguidores, pautando opiniões e comportamentos (CASALÓ et al., 2018).

Silva (2022), fez um estudo aprofundado acerca do impacto dos antecedentes e consequentes na liderança de opinião, considerando os tipos de influenciadores (nano, micro, macro e mega influenciador) como variável moderadora, no *Instagram*. Segundo a autora, A principal diferença que categoriza os influenciadores digitais são o número de seguidores que possuem nas redes sociais. Normalmente, possuem um elevado número de seguidores dentro de nichos de conhecimento enquadrados em níveis específicos que os caracterizam: perfil de zero até dez mil seguidores é considerado nanoinfluenciador; perfil de dez mil à cem mil seguidores é enquadrado como microinfluenciador; perfil de cem mil à um milhão de seguidores é macroinfluenciador e perfil com mais de um milhão é considerado megainfluenciador. Além disso, os número de curtidas, compartilhamentos e comentários em perfis também ditam a dimensão do influenciador em nano, micro, macro e mega (CAMPBELL, FARRELL, 2020; KIM, KIM, 2021; SILVA, 2022).

Ilustração da classificação de influenciadores de redes sociais pelo número de seguidores.



Fonte: Silva, 2022.

A ação de influenciar outros sujeitos faz parte de uma evolução das plataformas sociais e também da visão de “valor” que esses sujeitos foram assimilando até serem comumente chamados de influenciadores digitais. De acordo com Karhawi (2017), até o ano de 2014, blogueiras de moda eram conhecidas apenas como blogueiras de moda ou *bloggers*. O mesmo

para blogueiros de outras áreas como de games até a blogueiros de conteúdo relativo a decoração. Aqueles que trabalhavam com produção de conteúdo em outras plataformas, como o *YouTube*, por exemplo, eram conhecidos como *vloggers*. A partir do ano de 2015, iniciou-se um movimento de redefinição de nomenclaturas desses profissionais para hoje serem conhecidos como *influencers*. Alinhamos esses estudos a partir da perspectiva de poder de Michel Foucault, autor fonte de nosso estudo. Para Foucault (1996), não é possível dizer qualquer coisa em qualquer tempo. Ou seja, os discursos circulantes de uma época definem aquilo que é ou não passível de enunciação. Portanto, não é possível falar de influenciadores digitais, nos moldes que vemos hoje, em nenhum outro tempo que não o nosso porque tais práticas se relacionam a essa temporalidade.

No que tange aos perfis escolhidos para a pesquisa, vale ressaltar que me atentei aos perfis de micro e nanoinfluenciadores que abordavam predominantemente três determinados temas em seus perfis, os quais agrupei em três eixos e denominei-os de paradas cartográficas. Sobre isso, entrarei em detalhes mais adiante. No entanto, destaco que não foquei minha busca por discursos surdos vindos de influenciadores digitais de “carreira profissional”, os quais reformulam as estratégias de marketing digital e passam a ser protagonistas de marcas, criando uma lógica contemporânea de vender a própria imagem. Não, definitivamente, não fui por esse caminho.

Alicei minha busca pelas enunciações vindas de sujeitos surdos com formação profissional de áreas diversas, mas que produzem enunciados reflexivos em seus perfis porque me interessava ver a densidade reflexiva dos enunciados, bem como quais as línguas seriam por eles usadas e, se isso teria a ver com o público a quem a mensagem se destinava. Como a Libras tem ganhado notoriedade social, muitos surdos tem se tornaram influenciadores digitais ou tem sido reconhecido como público que potencialmente pode influenciar outras pessoas pela quantidade significativa de seguidores que possuem e que é monitorado/controlado pelo *Instagram* e por marcas que buscam divulgar seus produtos. Desta forma, muitos surdos começaram a se preocupar cada vez mais com a profissionalização de suas atividades virtuais.

Quadro 1 – Detalhamento sobre os perfis selecionados para a busca de enunciações surdas.

Nome Real/Fictício	Gênero	Faixa etária	Usuário de Libras	Área de formação	Nicho	Categoria
Michele M.	Fem.	25-30 anos	Sim	Professora	Família Cotidiano	Micro
Rodrigo C.	Masc.	30 anos	Sim	Professor	Cotidiano Libras	Micro
Nathalia M.	LGBT+	30 anos	Sim	Fotógrafa	Reflexões Cotidiano	Micro
Andreia O.	LGBT+	25 anos	Sim	Professora	Entretenimento	Micro
Nayara R.	Fem.	25-30 anos	Sim	Poeta	Poesia Maternidade	Micro
Leo Viturinno	LGBT+	25 anos	Sim	Professor	Libras Cotidiano	Micro
Renata Freitas	Fem.	25 anos	Sim	Poeta Professora	Poesia	Micro
Fábio de Sá	Masc.	25 anos	Sim	Artista Professor	Poesia Atualidades	Micro
Gabriel Isaac	LGBT+	20-25 anos	Sim	Artista Empresário	Universo Surdo	Micro
Leo Castilho	LGBT+	25 anos	Sim	Artista	Entretenimento	Micro
Edinho Santos	Masc.	25-30 anos	Sim	Poeta	Poesia	Micro
Flaviane R.	LGBT+	30 anos	Sim	Professora	Militância Surda	Nano
Patrícia R.	Fem.	50 anos	Sim	Professora	Ativista Surda	Nano
Rimar S.	Masc.	40 anos	Sim	Artista Professor	Reflexões Cotidiano	Micro
Guilherme F.	Masc.	25 anos	Não	Vlogger	Cotidiano Surdo	Nano
Vanessa V.	Fem.	35 anos	Sim	Modelo Professora	Libras Cotidiano	Micro
Elizama	Fem.	20 anos	Sim	Em formação	Libras Atualidades	Nano

Fonte: Elaboração própria.

A partir da escolha dos perfis estabeleci critérios para as enunciações compartilhadas na rede por esses sujeitos, as quais foram selecionadas publicações ‘gatilho’, ou seja, aquelas com enunciados capazes de serem disparadores de reflexão, sobretudo as postagens carregadas de comentários e participações de seguidores (surdos/ouvintes) que interagiam argumentando, considerando expor observações de seus pensamentos, análises e meditações a partir daquelas enunciações. Tais publicações traziam nas escritas a formulação de pensamentos autorais sobre

assuntos do cotidiano pertencentes ao âmbito reflexivo, em que a maioria deles seguia o formato de desabaços, poemas, agradecimentos, questionamentos, considerações, narrativas, sentimentos, ações, desejos, confissões, sensibilidades, posicionamentos de ideias e opiniões que antes da pandemia ocorriam mais por meio de encontros informais, presenciais e descontraídos.

Na leitura dos *feeds* há incontáveis chances de acontecer reflexões sobre experiências vividas e compartilhadas que acrescentam ingredientes significativos para compor subjetividades. Foi um desafio ter que selecioná-las, pois durante o período pandêmico, infelizmente, não teve como fugir das muitas escritas carregadas de saudades, de bons momentos vividos, além das letras de músicas sobre despedidas, poemas embebidos de adeus, fotografias de amigos e parentes que se foram pelo coronavírus pipocaram nos perfis de surdos ouvintes. Assim, busquei me deter não apenas nesse tipo de publicações, mas também naquelas que compartilhavam experiências, acontecimentos, como também a atualidades em geral que conduzem posicionamentos e opiniões acerca de assuntos polemizados.

Portanto, esta pesquisa apresenta assuntos pessoais de dezenove sujeitos surdos produtores discursos, saberes e conteúdos, os quais são conhecidos para além da Comunidade Surda por possuírem grande quantidade de seguidores com os quais compartilham particularidades subjetivas, muitas vezes de foro íntimo. Porém, não são informações<sup>17</sup> sigilosas pelo fato de estarem no meio midiático de modo aberto ao público pelo próprio sujeito autor. Devido a isso, selecionei postagens em ambientes virtuais que o responsável não gera trava de entrada a possíveis seguidores, ou seja, mantém sua rede aberta para todos os interessados em ter acesso às suas publicações. Isso resguarda à pesquisadora, já que não são publicados dados de redes sociais ‘fechadas’, com conteúdo compartilhados apenas aos amigos autorizados pelo responsável e as identidades foram preservadas.

Pelo fato do *lócus* desta investigação ser concebido na plataforma de relacionamento *Instagram* (consequentemente, o *Facebook*) a inscrição ética dos sujeitos surdos se depreende por meio das postagens (escritas em língua portuguesa ou videogravadas em Libras) publicadas

---

<sup>17</sup> Não foi necessária autorização do conteúdo por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No entanto, é uma pesquisa que segue de acordo com os princípios do Conselho Nacional de Saúde em relação às Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução CNS 510/16), a qual foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (processo: 29347020.3.0000.5504). Foram usadas apenas imagens/registros de mídias sociais públicas e ainda assim não foram compartilhadas as identificações pessoais, mesmo assim, decidi por borrar a imagem de rostos de alguns perfis por não ser necessário focar maior atenção nos sujeitos e sim nos discursos apresentados.

nos ambientes virtuais de experimentação social. Neste espaço, pude observar o quanto se incrustam significantes acontecimentos cotidianos comuns que ganham novas formas e novos usos ao serem veiculadas pelas redes sociais, corroborando para o que eu vinha percebendo no que tange ao fato da plataforma digital durante a pandemia ter se fortalecido ainda mais como um espaço para onde os acontecimentos foram deslocados, passando a influenciar formas de produção de vidas, de territórios, de pensamentos e ações, servindo como cenário para fala de minorias e manifestações de resistências micropolíticas atuantes no fluxo de acontecimentos, publicações geradoras de escapes, que rompem com limites, causam mudanças bruscas a partir da conexão com os acontecimentos e, com isso, possibilitam outros modos de vida.

### **4.3 Territórios e linhas mapeáveis**

Ao relacionar esta pesquisa aos mapas, precisei inclinar o olhar para o que realmente predominam neles: os traçados, ou seja, as linhas que compõem os mapas dos territórios (territórios afetivos, territórios estéticos, territórios políticos, territórios existenciais, territórios desejanter, territórios morais, territórios sociais, territórios históricos, territórios éticos e assim por diante) e agir nas dobras produzidas pelos encontros gerados ao percorrer esses espaços subjetivos.

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323).

Além de percorrer por esses lugares, a pesquisa foi ganhando corpo ao me aventurar a passear pela teoria das linhas propostas por Deleuze e Guattari (1996) — duras, flexíveis e de fuga, as quais me apoiiei para mapear os enunciados surdos selecionados aqui — cada uma das linhas com sua funcionalidade e seus riscos operando em coexistência tanto no território a ser cartografado como também no meu próprio território de pesquisadora que precisei também mapear. Assim, fui me conduzindo a navegar pelos mapas de territórios surdos em que saltam linhas direcionais. Linhas estas que, segundo Deleuze (2004), estabelecem a formação dos acontecimentos e coisas que nos atravessam, em que cada coisa é formada por sua geografia, seu diagrama, sua cartografia. No que tange a leitura filosófica, a cartografia confere-se aqui como movimento descritivo formado por “indivíduos ou grupos” por relações de forças que

impelem saberes e se alinham por meio de “conexões por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem”. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 76).

Através das linhas são configurados os limites, distâncias, alturas, cruzamentos, onde estou nesse momento e desempenham uma parte importante na sua produção arquitetônica dos espaços. De fato, em todas as direções e em todos os lados somos cortados por linhas, “elas estão presentes em tudo o que habitamos, nas cidades, nas ruas, nas nossas casas são divididas por linhas conforme a apresentação dos cômodos, onde circulamos, onde trabalhamos, brincamos, amamos e experimentamos afetos e assim por diante” (COSTA, 2019, p.71). No entanto, o que há de interessante em algo ou alguém a ser cartografado são exatamente as linhas que compõem as subjetividades.

[...] diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeito, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... se estiver presente. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 76)

Concordando com esta afirmativa, Costa e Amorim (2019), dizem que não há cartografia – existencial, estética, educacional, desejante, política, afetiva – que não trabalhe com os três tipos de linhas que a cada momento formam e desformam territórios, visto que não existe território algum que seja inteiramente estável pelo fato de que não há somente linhas duras, estas sempre carregam fissuras e fugas, mesmo que as entendam como inimigas ou que não consigam percebê-las. O que parece estar em jogo em uma cartografia é o trabalho entre (e com) as linhas:

(...) Em uma cartografia, o que está posto em cena é, sobretudo, posições de disputa entre as linhas, seus pactos simbólicos (de unificação) e também diabólicos (de disjunção), suas zonas criativas de convergência, como também seus riscos, suas interrupções, seus fechamentos (COSTA; AMORIM, 2019 p. 929).

Portanto, traçar subjetividades por intermédio de linhas constituídas por surdos imprime um modo muito significativo de expressividade por meio do registro sobre suas memórias, opiniões, posicionamentos políticos, organização de pensamentos, entre outras formas de expressividade que conduzem ao que se defende por uma *Escrita de si*, na concepção filosófico-foucaultiana, isto é, são fontes oportunizadoras para compreensão de conexões potentes possibilitadas a partir de trajetos delineados e, por vezes dispersos, mas que servem para identificar onde pode haver algemas e trabalhar a favor da liberação de sentidos.

Portanto, não apresento aqui ‘dados’ para serem codificados (como é visto em processos lineares de interpretação teoria-prática). Aproprio-me da cartografia como uma viagem por um mar conceitual de fluxos a-significantes que foi me conduzindo no mapear das enunciações surdas, que emergiam atravessadas na realidade das redes sociais enquanto produções de forças. Forças que caminham por fluxos molares<sup>18</sup> e moleculares, em que cada um desses fluxos segue seu modo de funcionamento próprio, mas se entrelaçam. “Não existe molaridade sem molecularidade e vice-versa” (MARTINS, 2020, p.71). São conceitos antagônicos, porém indissociáveis que permitem aos sujeitos recortarem os acontecimentos cotidianos por meio desses planos.

As afecções territoriais molar e molecular “trata-se, sobretudo, da diferença entre dois tipos de coleções ou de populações: os grandes conjuntos e as micromultiplicidades” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 370). Para os dois autores, tanto o processo molecular pode se iniciar no macro, como o molar pode se instaurar no micro, isto é, não há contradição entre os níveis molar-molecular e macro-micro, “pois esses mesmos tipos de componentes estão em jogo num determinado espaço social e podem funcionar em nível molar, de modo emancipador e, em nível molecular, reacionários ou microfascistas” (CARVALHO,2019, p.48).

#### **4.4 Paradas Cartográficas: Mapeamento das rotas de navegação**

Conduzida pelas rotas de navegação do meu pensar, dessa vez não apenas o meu barquinho foi direcionado, mas eu mesma desci e mergulhei pelas linhas cartografadas, adentrando por um mar de teias de significações desenhadas como peças de (des)encaixe. Segui na direção que me levou nesse momento a pensar que há *Escritas surdas de si* e, pelo fato das aparições e dos registros delas. Aponto esta discussão neste trabalho. Tais registros aqui apresentados, em minha concepção, são produções em que o sujeito se inscreve no e com o texto. Conforme já venho esclarecendo: minhas reflexões se dão para além das exigências de

---

<sup>18</sup> Quanto ao conceito de molar e molecular, Deleuze e Guattari (2011) utilizam da ideia do ‘mol’ da química como um movimento de desterritorialização/reterritorialização. Isto é: desterritorializam o mol da química para reterritorializá-lo na filosofia. Enquanto o conceito de molar na química trata de quantificar a partir de uma unidade a multiplicidade que seriam os átomos e as moléculas. Na filosofia, o molar seria a forma de unificar/molarizar o que é múltiplo. Para os dois autores, o molecular é compreendido como o fugidio, liso, que afirma a multiplicidade, a diferença; e qualquer forma que busca a unidade e o enquadramento é uma forma molar, que pode ser percebida em diversas áreas de conhecimento, como na filosofia desde os seguidores de Platão na busca pela ideia do Uno, seja na busca pela fórmula que venha a explicar como se deu a criação do universo que as ciências naturais pejam; seja nas manifestações artísticas, literárias, musicais, quando artistas são categorizados em caixinhas (MARTINS,2020).



marcas gramaticais da Língua Portuguesa. Essa forma de olhar as produções tem me feito sentir as pautas da vida cotidiana, estando ‘frente a frente’ com esses sujeitos e possibilitou me aproximar dos temas de vida comuns que vem sendo publicados em suas páginas nas redes sociais.

Muitos temas emergiram dos principais perfis de criadores de produções enunciativas surdas durante o período desta pesquisa. No entanto, conforme já comentei no tópico 4.2, apurei algumas dessas publicações mais ‘movimentadas’ em que parei e ancorei o meu barquinho durante alguns duradouros momentos para me dedicar às reflexões vindas das entrelinhas dos comentários (por vezes ensurdecidos) que me possibilitou traçar algumas linhas embasadas em temas especificamente relevantes, os quais tratavam de: Recordações íntimas e reflexões de e sobre si; Perspectivas político-filosóficas sobre língua e surdez e temas da atualidade – cotidiano em pauta com assuntos polêmicos gerais.

**Parada cartográfica 1: Recordações íntimas e reflexões de e sobre si:** Postagens que abordaram com maior ênfase conteúdos sobre valores humanos, autoestima, autoajuda, sexualidade, compartilhamento da rotina, sentimentos, afetos, desejos, etc. Nessa parada cartográfica, o ‘centro’ das produções de si envolviam tanto forças molares quanto moleculares no que tange as problematizações sobre o que as práticas de governo (macro) produziram no campo individual (micro), na constituição subjetiva destes surdos que ousam publicamente falar de seus processos íntimos formativos apoiados em memórias, numa ação em que escrever é inscrever-se.

**Parada Cartográfica 2: Perspectivas político-filosóficas sobre língua e surdez:** Questões clínicas da surdez, posicionamentos a respeito da Libras e suas implicações na vida do sujeito surdo, produções de defesa do ‘comum’ para ‘os surdos’, política linguística. Nestas produções, a necessidade ainda presente da afirmação da vida surda pela defesa da língua de sinais saltou de forma predominante contra os discursos de âmbito molar. Apresento narrativas de si moleculares de afirmação da diferença como pauta linguístico-cultural.

**Parada Cartográfica 3: Temas da atualidade – cotidiano em pauta:** Debates de temas molares polêmicos de repercussão midiática, atualidades, esclarecimentos sobre posicionamentos políticos, pautas econômicas do país, partilhas e defesas abrangentes às pessoas surdas e ouvintes. Nessa parada, destacou-se que embora ainda se faça presente a defesa linguística pela Libras, ela vem sendo usada socialmente no ambiente virtual e já se coloca como dispositivo de captura da norma de condução vigente, ou seja, linguagem de produção da governamentalidade, uma vez que a comunidade surda tem acesso aos conteúdos e temas gerais

da vida cotidiana. Isto é, se os surdos narram sobre contraposições políticas e eventos comuns da vida na atualidade, é porque a Libras já está incluída como língua que veicula normas, saberes sociais e produz formas de vida a partir das verdades que circulam nos variados espaços coletivos. Sendo, então, efeito da racionalidade inclusiva atual.

Quanto as publicações gerais nas redes sociais de *influencers* surdos, até meados do quarto mês do ano de 2022, mesmo se tratando de um ano com acontecimentos intensos (como eleições <sup>19</sup>no nosso país e guerra entre a Ucrânia e a Rússia) consegui acessar pouquíssimas postagens que abordassem desses dois temas. No entanto, foi possível ver que há uma expansão de informações na Libras e que tais temas têm chegado às pessoas surdas por meio midiático. As postagens que mais prevaleceram entre os enunciados surdos no período dessa pesquisa foram as postagens das paradas cartográficas 1 e 3. A relevância de temas enquadrados na parada cartográfica 1 se deve, certamente, pelo fato de que o período pandêmico impulsionou lembranças de entes queridos afetados pela covid-19; já a intensidade de postagens indicadas para a parada cartográfica 3 saltaram mais intensamente a partir do mês outubro de 2022 por conta do início das campanhas eleitorais no Brasil dedicadas para a escolha do novo presidente do país, o qual afetou fortemente a população devido ao levante de opiniões polarizadas e carregadas de extremismos que incentivaram algumas frentes surdas a se posicionarem e também a esclarecerem para seus seguidores alguns fatos políticos que surgiam nesse período de tensão. Isso mostra um deslocamento discursivo da comunidade surda que por anos ancorava suas forças em discursos de defesa da língua de sinais, fincados na militância. Com aumento da legislação que assegura a Libras e a ampliação e circulação dela em espaços sociais variados, outras pautas passam a ganhar visibilidade na comunidade.

No que tange ao público-alvo das postagens serem direcionadas para os pares surdos ou para o público ouvinte, a maioria das publicações compartilhadas tem sido focadas em ambas as categorias pelo fato de serem publicações de vídeos em Libras com legenda e/ou áudio, sendo assim, contempla tanto os ouvintes como aos surdos usuários de Libras e também aos surdos que leem em LP.

Contudo, desde o início das paradas cartográficas que fiz, pude perceber fortemente que a capacidade para a produção escrita surda implicava uma atitude reflexiva do autor e essa

---

<sup>19</sup> As publicações em perfis de *influencers* surdos nas redes sociais ganharam mais força no final de 2022 com o início da campanha eleitoral para presidente do Brasil. Com o segundo turno e a polarização da população quanto aos candidatos, às postagens sobre o tema emergiram nas redes de mais intensificada, porém, não necessariamente através da escrita e, sim em grande parte através do formato de imagens como charges e memes.

capacidade reflexiva demanda que seja um processo aprendido gradativamente, uma vez que “o sujeito, quanto mais se relaciona com o texto, considerando o seu caráter dialógico, mais desenvolve as capacidades de planejar, escrever, analisar e reescrever segmentos do texto.” (D’ELIA, 2007, p. 30).

Se no texto a reescritura pode se constituir como ferramenta de construção de conhecimentos atuando como uma estratégia de reelaboração textual, - em que há a oportunidade de o redator explicitar seus conhecimentos e dúvidas, procurar soluções, raciocinar sobre o que escreveu - assim também na *escrita surda de si*, pode ser manifestada a ‘refacção do eu’ sobre o sujeito que escreve. Como cheguei nessa constatação? As publicações selecionadas que foram compartilhadas nas redes sociais pelo público surdo revelaram que quando se trata da produção do escrito sobre si mesmo o sujeito surdo tem se relacionado consigo, com suas experiências e interioridades, se projetando no texto e, assim, a *escrita surda de si* tem emergido como uma ‘refacção do eu’, como veremos no tópico adiante. Entretanto, aproveito para acrescentar que especialmente esse fator poderia ser mais bem aproveitado pelas instituições escolares no intuito de promover um ensino de LP para surdos de modo atualizado, alinhando-se à dinâmica contemporânea das redes num espaço virtual em que o aluno já é usuário. Promovendo uma prática que efetivamente envolva o aluno surdo através do universo digital que ele já domina e se sente confortável para manifestar sua escrita.

## Capítulo 5 – Das publicações: Mergulho exploratório em significações

---

*A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo.*  
(GUATARRI, 1992, p.33).



### Untitled

Créditos da imagem: Felix Gonzalez Torres, 1991.  
Fonte: MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova Iorque)  
Disponível em: <moma.org>

## 5.1 O que dizem algumas publicações: paradas cartográficas e conexões de fluxos

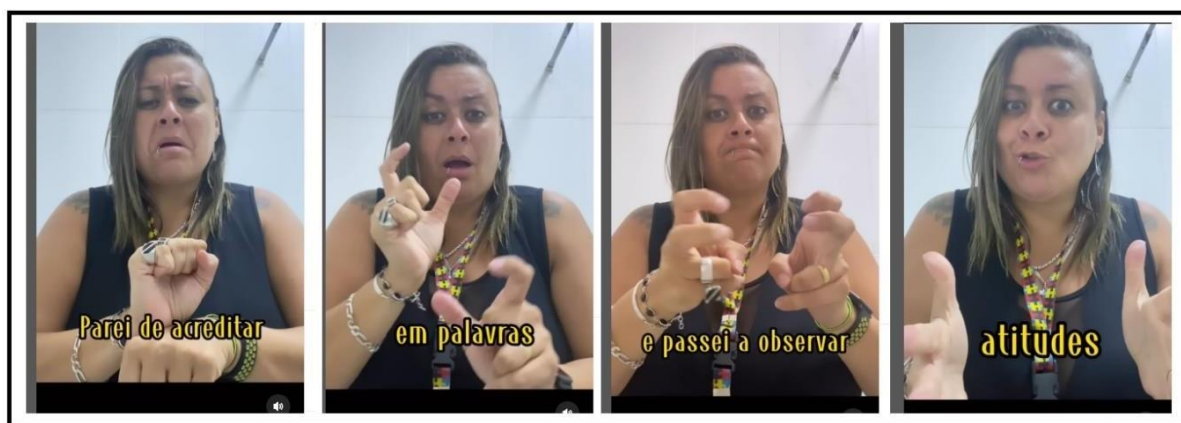
Poucos anos atrás, apenas o profissional de comunicação possuía a exclusividade de transmitir conteúdo informativo na mídia, hoje em dia qualquer indivíduo com acesso à internet tem este potencial tanto de emitir como de receptor conteúdo de maneira altamente autônoma, assim sendo, independente do perfil, seja de pessoas famosas ou anônimas, surdas ou ouvintes, é indispensável considerar as inúmeras informações imediatistas surgindo no *feed*. Parece que não é dedicado tempo para as pessoas verificarem a veracidade dos conteúdos, tampouco de pensar profundamente e comentar com palavras de empatia no texto de desabafo que o seu seguidor postou. A rapidez até para expressar sentimento é tanta que comentários produzidos com palavras estão ficando raros, tendo em vista que para isso inventaram os *emojis*, seguindo em direção ao caminho onde o supérfluo ganha lugar ao profundo e a necessidade de receber conteúdo dos outros, age em favor do consumo e não de meditações éticas sobre os sujeitos. No entanto, concomitante a esse processo, os surdos tem se inscrito eticamente através de textos reflexivos sobre si e sobre o outro nas redes sociais.

### **Parada cartográfica 1: Recordações íntimas e reflexões de e sobre si**

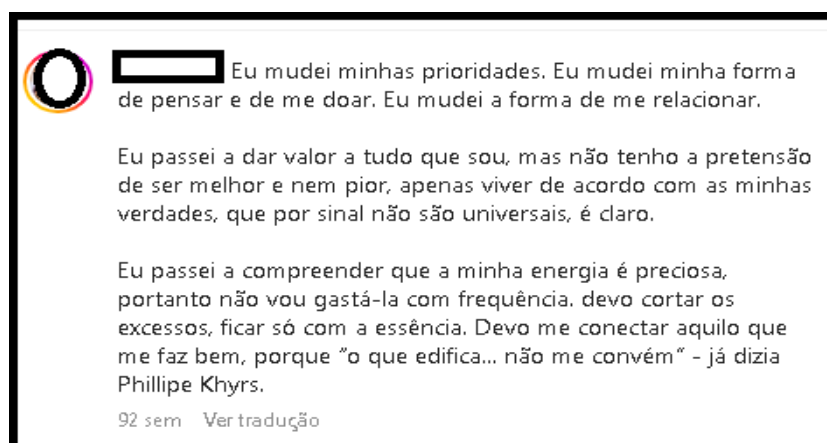
Ao cartografar perspectivas ampliadas de enunciados que exploram a investigação manifestada na interação comunicativa natural dos sujeitos surdos (através da escrita de si em um ambiente normalmente isento daquela normatividade linguística promovida pelas escolas), tais enunciados têm demonstrado serem impregnados de significados culturais que denunciam sentimentos, conflitos, entre outras questões sociais. O que se escrevia no diário pessoal ou numa agenda era algo que ficava reservado para o seu acesso. No processo de meditação a tradução dos sentimentos de ideias ou opiniões acontece em cada sujeito e cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, “uma certa cartografia feita de demarcações cognitivas, mas também místicas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ela se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões” (GUATTARI, 1992, p.21). No entanto, só é afetado por essa subjetivação quem escreve ou quem tiver acesso à leitura do material que foi escrito.

Desse modo, as redes digitais ampliam a possibilidade da ação da biopolítica e do controle individual e grupal, por ser um ambiente com o acesso menos restrito à intimidade das pessoas, logo, outros sujeitos são afetados por esse convite à “constituição subjetiva de si e assim, outros modos de subjetivação são construídos a partir de outras relações de si para

consigo e para com o outro, capazes de escapar às tecnologias do dispositivo biopolítico de controle individual e coletivo” (RAGO, 2013, p. 43). Significa que por meio das tecnologias há a ampliação das formas do biopoder, mas partilhando da mesma força, se ampliam as linhas de fuga. Assim, ainda que o consumo digital preze e incentive conteúdos rápidos, alguns sujeitos surdos tem resistido a isso fazendo das redes sociais espaço de aparição de um si reflexivo, como é possível verificar nos escritos a seguir e classificados na parada cartográfica 1:



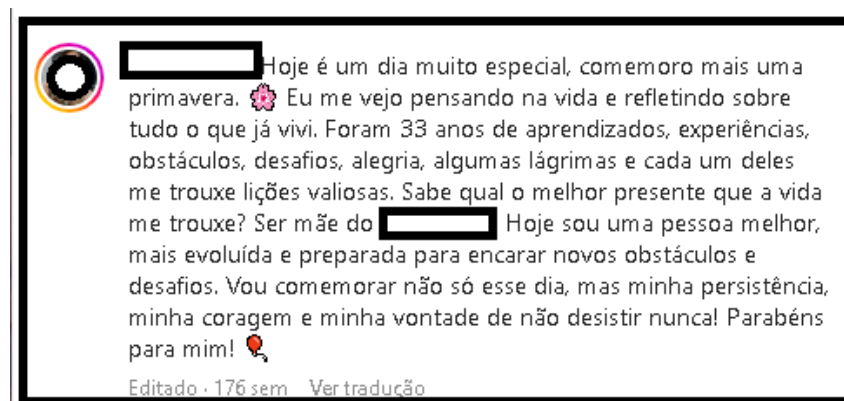
**Figura 5:** Título – Mudanças. Recorte de vídeo gravado por influenciadora digital surda. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C1eZBMYJN5Q/> durante a coleta da pesquisa em 2021/2022.



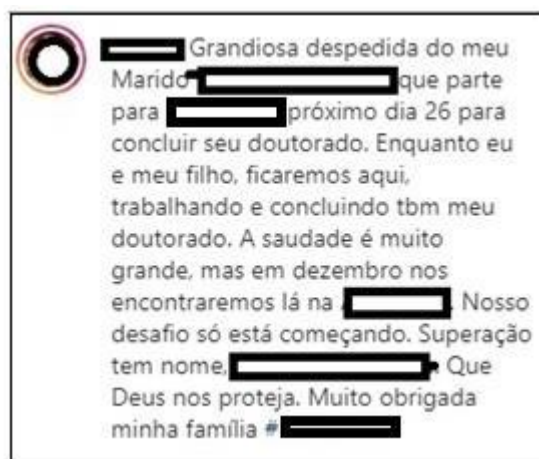
**Figura 6:** Título – Prioridades. Fonte: Recorte de publicação retirada de página aberta na plataforma Instagram durante a coleta da pesquisa em 2021/2022.



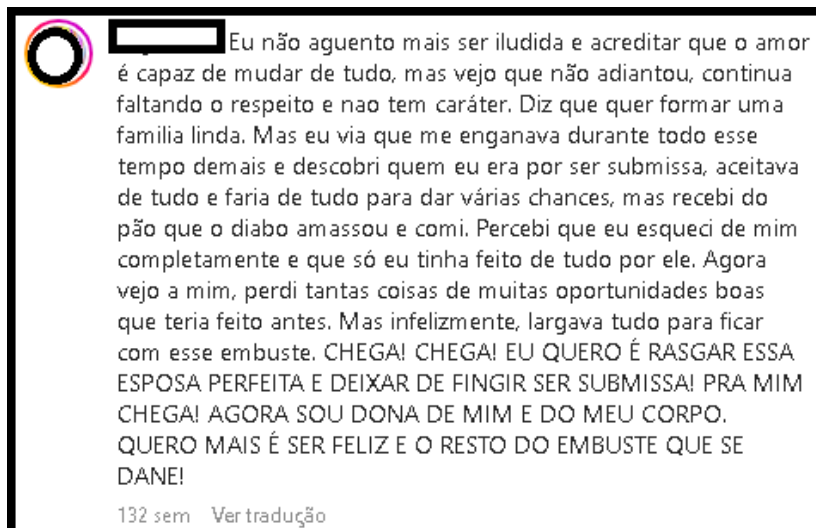
**Figura 7:** Título – Amor de Pai. Publicação de um surdo (faixa etária de 25 anos. Fonte: Recorte retirado de página pessoal aberta na plataforma *Instagram*. Acesso em agosto de 2021.



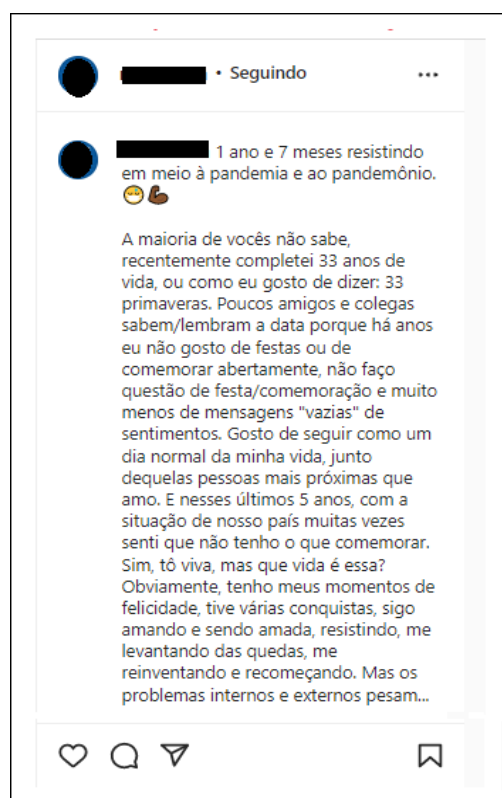
**Figura 8:** Título – Novo Ciclo. Fonte: Recorte de página da *influencer* surda na plataforma *Instagram*. Acesso: janeiro de 2021.



**Figura 9:** Título – Despedida. Publicação de uma surda (faixa etária de 35 anos). Fonte: recorte retirado da página pública na plataforma *Instagram*. Acesso: janeiro/2021.



**Figura 10:** Título- Já chega! Publicação de *influencer* surda (faixa etária de 35 anos) Fonte: recorteretirado da página pessoal aberta na plataforma *Instagram*. Julho/2021.

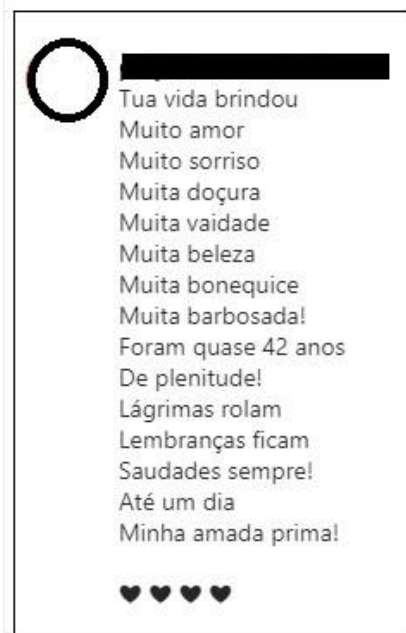


**Figura 11:** Título – Primaveras. Publicação de uma surda (33 anos). Fonte: Página do *Instagram*. Acesso: outubro de 2021.

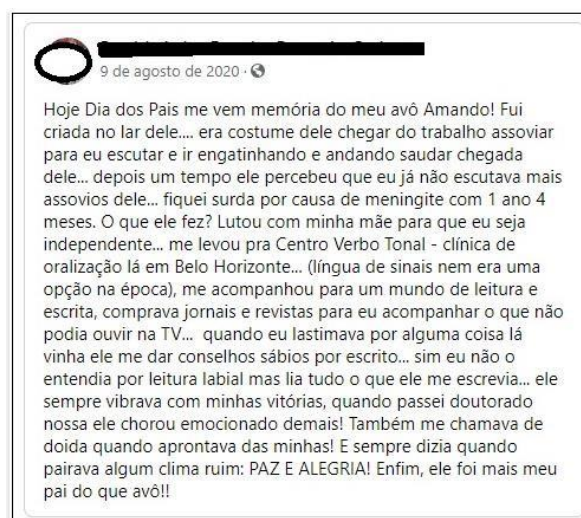
No caso destas duas postagens abaixo, ainda na parada cartográfica 1, é possível verificar a *Escrita surda de si* de sujeitos que registram a força de sentimentos de agradecimento por meio da lembrança de momentos experienciados. Ferrara (2019) diz que a memória é um elemento imprescindível para a construção da subjetividade humana e as relações pessoais. De



fato, o movimento de acesso à própria memória é um elemento imprescindível para a revelação, para o descobrimento e cuidado de si, visto que “rememorar é organizar o empírico e dar-lhe o sentido e a coerência que não possuía, respondendo às necessidades do presente e do futuro, transformando o informe da vivência em experiência” (NORONHA, 2017, p. 63). Tais assertivas dos autores são bem ilustradas pelas publicações abaixo:

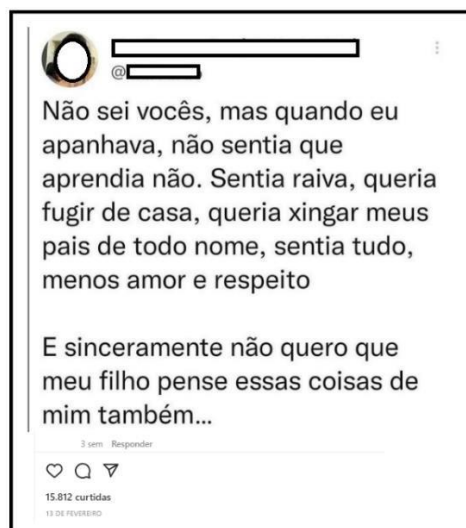


**Figura 12:** Título – Brinde à saudade. Publicação de uma surda (faixa etária de 40 anos) sobre a saudade de sua prima que faleceu. Fonte: Recorte pela plataforma *Instagram*. Acesso em novembro de 2021.



**Figura 13:** Título – Mais Pai do que Avô. Publicação de uma surda (faixa etária de 40 anos) Fonte: Recorte pela plataforma *Instagram*. Acesso em novembro de 2021.

Para se ter acesso a memória é importante o trabalho de introspecção e auto-organização, facilitado pela construção do discurso – assim como Foucault já previra em sua análise dos princípios de cuidados de si empreendidos pelos antigos gregos e romanos (FOUCAULT, 2004, p. 146). A memória autobiográfica é, portanto, de longo prazo, mostrando-se como o alicerce de uma estruturação da subjetividade, além de servir como base para as interações sociais e familiares. Acessar a memória (passado) autobiográfica funcional pode auxiliar na coesão e coerência à identidade pessoal (atual). A exemplo disso tem-se abaixo a escrita de um surdo que foi repostada por diversos outros perfis, dentre eles páginas com milhões de seguidores. Visitei uma dessas páginas e verifiquei que este desabafo/memória foi compartilhado em uma grande página de uma influenciadora de conteúdos com quase 8 milhões de seguidores e recebeu curtidas<sup>20</sup> de 449.342 sujeitos (até o dia 08 de março de 2022, data em que visualizei pela última vez), ou seja, a escrita de si de um sujeito surdo impactou outros 449.342 mil sujeitos que se identificaram com o que foi escrito:



**Figura 14:** Título – Quebra de ciclo. Publicação do *influencer* surdo (faixa etária de 20 anos).  
Fonte: Plataforma *Instagram*. Acesso em março de 2022.

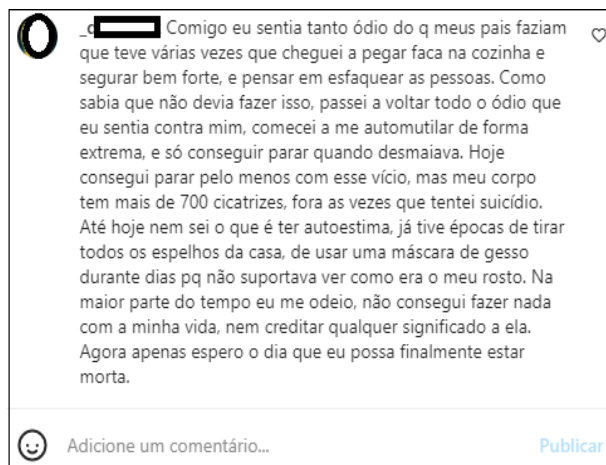
É corriqueiro remeter ao passado ou lembrar de situações que vivenciamos, mas manifestar a sua verdade e expor sua opinião num espaço público necessita de umas doses de coragem, pois os comentários poderão surgir. Quanto a isso, recorro ao pensamento de Foucault (2004) ao tratar da parresia, não somente pelo fato do falar francamente para outro(os), mas por

<sup>20</sup> Na rede social *instagram*, quando um usuário da rede clica no ícone do coração (localizado abaixo de uma imagem postada) demonstra que ele curte, apoia ou se identifica com aquilo que foi postado. O número de curtidas em uma postagem reflete a quantidade de aceitação daquele conteúdo pelo público seguidor da página.

Foucault citar as duas condições suplementares ao dizer franco da verdade: o sujeito, ao dizer o que pensa, corre o risco de irritar o outro, arrisca-se à violência, fazendo com que a parresia demande certa forma de coragem; paralelamente, aquele a quem é dirigida a parresia precisa aceitar o jogo, escutar aquele que se arrisca a dizer-lhe a verdade. Como evidencia neste trecho: “a parresia é então [...] a coragem da verdade daquele que fala e corre o risco de dizer, a despeito de tudo, toda a verdade que ele pensa, mas é também a coragem do interlocutor que aceita receber como verdadeira a verdade ofensiva que ele escuta (FOUCAULT, 2011, p. 14)” e emparelha três categorias de parresiastas:

O parresiasta não é o profeta, que diz a verdade desvelando, em nome de um outro e enigmáticamente, o destino. Tampouco é o sábio que, em nome da sabedoria, diz, quando quer e sobre o fundo de seu próprio silêncio, a Verdade do ser e da natureza (physis). O parresiasta não é o professor, o instrutor, o homem do know-how que diz, em nome de uma tradição, a tékhne. Ele não diz portanto nem o destino nem o ser nem a tékhne. Ao contrário, na medida em que ele assume o risco da guerra contra os outros, em lugar de solidificar, como o professor, o laço tradicional falando em seu próprio nome e com toda clareza, contrariamente ao profeta que fala em nome de outro, na medida enfim em que ele diz a verdade do que é, embora não como mundo ou Ser, mas na forma singular dos indivíduos e das situações, pois bem, o parresiasta põe em marcha o discurso verdadeiro disso que os gregos denominavam o êthos (2011, p. 24-25).

É por essa direção que as mais variadas formas dos sujeitos (surdos/ouvintes) se relacionam na internet. A manifestação de posicionamentos, mediados pela *escrita de si*, alicerçam materiais subjetivos morais que agrupam modos de sujeição, isto é, constituem subjetividades individuais além de impulsionar a emergência de indivíduos que se identificam com o que foi escrito (como se ativassem gatilhos) para igualmente refletirem sobre suas experiências/memórias (negativas ou positivas) e, com isso, se motivam a também produzir uma escrita de e sobre si mesmo. A memória partilhada em escrita se coloca como uma atividade ascética sobre si. E acabam ‘pegando carona’ nesse processo de subjetivação do outro para também construir sua subjetividade, como aconteceu em diversos comentários sobre a postagem retratada na imagem anterior (figura 14). Trouxe aqui um dos comentários que me chamou atenção:



**Figura 15:** Título – Máscara de Gesso. Fonte: Recorte de comentário do *post* na plataforma Instagram. Acesso em março de 2022.

Esse comentário carrega um forte relato experienciado por esse sujeito surdo, o qual sentiu a necessidade de compartilhar na rede, talvez como um movimento de colocar para fora sua angústia. De ampliar suas pautas subjetivas e, de certo modo, seu sofrimento. Para quem o lê e reflete sobre o escrito não parece conduzir à construção de um sujeito-autor, porém, quando o autor desse comentário (contido na figura 15) se apropriou do discurso alheio, se transportou às suas lembranças de momentos vividos semelhantes e, assim, o transformou em palavras suas dotadas de uma expressividade própria, conduzindo na edificação de sua subjetividade a partir do seu próprio relato. Se a subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação, os processos de subjetivação, ou seja, “toda a produção de sentido, de eficiência semiótica - não são centrados em agentes individuais, nem em agentes grupais. Esses processos são duplamente descentrados” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p.31), e implicam em um funcionamento complexo de desejos, agenciando indivíduos, materiais, instrumentos, regras e convenções que, em conjunto, constituem essa máquina humana.

Sendo assim, se um sujeito compartilha a escrita de um acontecimento (lembrança, experiência, etc.) negativo sobre si, desencadeia subjetivações não apenas nele que escreve, mas também do coletivo que tem acesso ao material postado. A escrita de si de um sujeito respinga no outro que lhe move a também meditar sobre suas experiências que, nesse caso foram igualmente negativas e, lembrado tais situações vividas pratica também a escrita sobre si habilitando a constituir-se. Ou seja, o processo da constituição de subjetividade se torna abrangente, multiplicado, coletivo, pois conforme comentei anteriormente, “há sempre um coletivo mesmo se se está sozinho” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 13).

Retomando sobre as postagens observadas nesta parada cartográfica um fator importante foi ter percebido que as expressividades surdas carregadas de relatos íntimos, sentimentos profundos como de perdas, saudades, memórias, entre outras sensações interiorizadas, além de serem registradas em libras foram também registradas dentro de uma organização gramatical enquadrada na língua portuguesa padrão. Também ocorreu que na maioria desses escritos não apresentavam fortes marcas da libras nos textos. Dentre os surdos sinalizadores, os quais registraram suas colocações através de vídeos em libras, pude verificar duas categorias: a) os que produziram registros em Libras com o apoio da legenda e b) os que produziram registros também em Libras, mas sem legenda nenhuma. Utilizando somente a língua de sinais para se expressarem.

No entanto, a maioria dos registros, gravados em Libras acompanhados de legendas, foram encontrados em perfis de microinfluenciadores surdos, os quais tem mais de 10 mil e que tratam de temas do cotidiano e entretenimento como moda, alimentação, atividades físicas, finanças, política, cultura, sexualidades, entre outros temas, possivelmente na intenção de atender também o público ouvinte. Já os registros produzidos através de videograções em Libras, mas sem a aparição de legenda para a LP, apareceram utilizadas mais frequentemente por surdos criadores de textos reflexivos com viés mais poético na área da arte e educação como professores, artistas e perfis que abordam sobre pensamentos relacionados a sentimentos, comportamentos, relacionamentos e motivações pessoais. Pude perceber que esses sujeitos possivelmente registravam seus escritos em Libras não só por ser a língua de conforto, mas propositalmente, para dar visibilidade a língua de sinais, para validar suas emoções expressando-se também poeticamente.

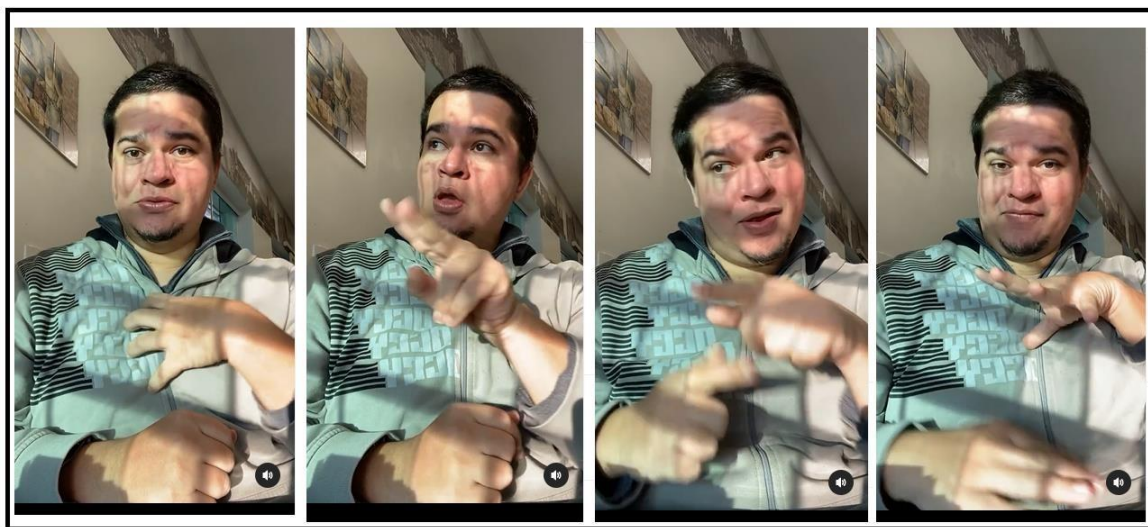
Dentre esses registros em Libras - essa textualidade da memória e do lugar da produção subjetiva - fiz uma reflexão analítica e selecionei alguns recortes de produções com conteúdos reflexivos em que se têm nos vídeos, registros materializados em Libras (sem legendas para a LP) em que os autores relatam suas experiências vividas abordando temas como verdades e mentiras, raiva, gratidão, saudade, angústia:



**Figura 16:** Título – Amizade. Vídeo gravado em Libras pela influenciadora digital surda durante a coleta da pesquisa em Agosto de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CR2D92vp5d9/>

Amizade verdadeira existe ou não? É preciso refletir sobre isso. Amizade de verdade não tem a ver com o tempo de amizade ou com a quantidade de encontros, não, não tem a ver com isso. Amizade de verdade é quando se percebe a atitude. Atitude de falar com sinceridade, de respeito, empatia, envolvimento, é sobre isso. Então, se uma pessoa qualquer ou faz alguma ‘merda’, alguma besteira, apronta ou se mete em encrenca daquelas em que se desespera pensando em como consertar o erro, daí tem amigos que percebe o desespero do outro e deixa passar, continua a amizade, até concorda com o ocorrido como se apoiasse, mas por trás fala mal e faz fofoca. Amigo de verdade não é assim, não age covardia, não tem duas caras. Amizade verdadeira é aquela que fala as coisas na cara e diretamente. Independente se o outro tiver certo ou errado, apenas fala com sinceridade sempre. Não faz fofoca falando pelas costas.

**Excerto 1:** Amizade. Transcrição de um trecho da reflexão gravada em Libras referente a figura 16. Tradução minha.



**Figura 17:** Título – Raiva. Fonte: Recorte de vídeo gravado em Libras na plataforma Instagram durante a coleta da pesquisa em Junho de 2022. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/CQf\\_2oDJ2bX/](https://www.instagram.com/reel/CQf_2oDJ2bX/)

Ao observar uma pessoa com algum problema e, com isso ocasionar, o sentimento de raiva. É preciso entender que essa situação não é minha e sim do outro. Não posso adquirir esse sentimento pra minha vida. É importante se distanciar disso, pois a raiva não é um sentimento bom.

**Excerto 2:** Raiva. Trecho de posicionamento sobre o tema raiva apresentado na figura 17. Tradução minha.





**Figura 18:** Título - Paciência. Recorte de vídeo em Libras durante a coleta da pesquisa em dezembro de 2022. Fonte disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CZXmZ3wIRDR/>.

É preciso refletir sobre a paciência. Se uma pessoa é impaciente, explosiva, perde a paciência fácil, o que vai acontecer com ela? É preciso refletir: O que vou conseguir com sendo assim? É preciso esperar o momento certo pra cada coisa. Observando agora a natureza, por acaso quando se planta uma árvore ela cresce instantaneamente? Ou um bebê já nasce sabendo andar? Não. Isso acontece aos poucos, de acordo com o desenvolvimento e com o passar do tempo. Começamos a pensar que se desejo sucesso, autoconhecimento, crescimento pessoal, preciso também ter paciência para seguir os caminhos de cada etapa da vida.

**Excerto 3:** Paciência. Trecho de discurso da figura 16 gravado em Libras. Tradução minha.



**Figura 19:** Título – In Memoriam. Recorte de vídeo em Libras durante a coleta da pesquisa em abril de 2021. Fonte: <https://www.instagram.com/reel/CChAX2Fpb0d/>

A câmera registra  
 É aniversário do vovô  
 A família reunida, o presente entrega com todo o amor  
 Ah, era só memória do vô. Ele se foi  
 Um casal apaixonado, balança seu filho amado  
 Ah, era só memória do seu amor. Ele se foi  
 Amigos no bar alegres a brindar.  
 Ah, era só memória do seu 'brô'.Ele se foi  
 Mãe e filha a se abraçar  
 Já tá difícil de falar, mas ela se foi  
 Quando paro para pensar...  
 E os momentos parecem que se vão, se vão, se vão...

**Excerto 4:** In *Memorian*. Transcrição do poema representado da figura 17 gravado em Libras com áudio em LP.

Primeiramente, é importante esclarecer que nem toda escrita é considerada, nesta tese, como uma escrita de si. Conforme já apresentei nos capítulos anteriores, para Foucault (1992), a *escrita de si* foi uma das principais práticas ascética na antiguidade e está vinculada ao exercício dos pensamentos sobre si mesmo relacionado à meditação, como forma assimilá-los no preparo para encarar o real. Por mais que as publicações apontem para uma escrita de caráter pessoal, elas devem ser entendidas mais como uma prática reflexiva de e sobre si mesmo advinda de uma técnica que:

(...) trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, não de dizer o não-dito, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si.” (FOUCAULT, 1992, p. 145).

Além disso, é necessário compreender a *escrita de si* no contexto das redes sociais como uma tecnologia de si, a qual permite aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios (oucom a ajuda de outros) modos de sentir, ser e viver a fim de transformá-los. Ou seja, a *escrita de si* foucaultiana advém de reflexões emergidas nas narrativas consigo mesmo e que produzem modificações no modo operar dos sujeitos.



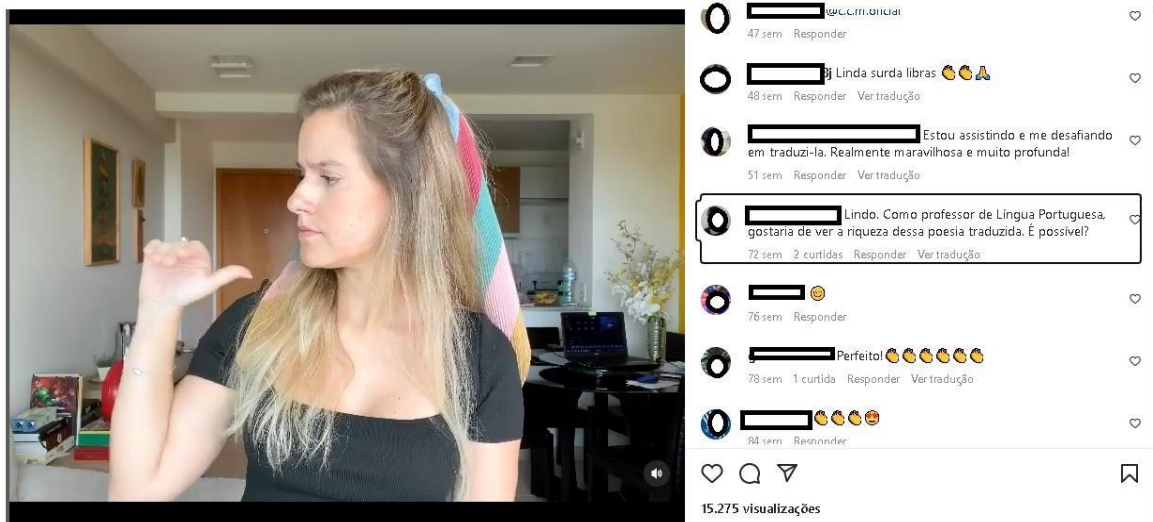
A narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo: as interferências da alma e do corpo (as impressões mais do que as ações) e as atividades do lazer (mais do que os acontecimentos exteriores); o corpo e os dias. (FOUCAULT, 1992, p.145).

Pensando por esse mecanismo, as publicações aqui selecionadas apresentam-se num espaço singular (rede social) em que os surdos produtores de textos, de saberes apreendidos em sua existência, narram de e sobre si. Durante os seus processos de *escritas surdas de si* tece-se um sujeito outro, isto é, enquanto se relata sobre o si se desenha um sujeito outro diferente daquele que está narrando naquele momento que busca dar significado às experiências vividas inscritas em seu texto e, por esse caminho vai confeccionando a sua noção de indivíduo, tensionando, e forjando suas subjetividades.

Ainda seguindo nesse sentido de constituição de sujeitos, pude perceber neste presente estudo que a Libras está sendo utilizada ativamente nas redes sociais não apenas de modo instrumentalizado, como apoio didático para a produção de formas de vidas que interessam às instituições. Significa dizer que a língua brasileira de sinais tem se colocado nesse cenário midiático majoritariamente ouvinte não apenas como possibilidade, mas sim como meio de enunciação de conteúdos e saberes. Ainda de modo tênue, mas sim há produções reflexivas elaborada em Libras por influenciadores digitais surdos nos dispositivos virtuais, gerando *likes*, sendo um meio de transmitir conteúdo, influenciar vidas surdas, vidas ouvintes. Como neste vídeo materializado totalmente em Libras:



**Figura 20:** Título – A Gaiola. Fonte: Recorte de vídeo pela plataforma Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/B-QBa6YJ8C-/>. Acesso em: março de 2020.



**Figura 20 (continuação):** Título – A Gaiola. Fonte: Recorte de vídeo pela plataforma Instagram. Acesso em: março de 2020. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/B-QBa6YJ8C-/>.

Grades ao meu lado, grades à minha frente, grades me cercam  
 Fui capturada. Que desespero aqui dentro!  
 Olho para os lados e não vejo saída  
 Prisão. Temor. Inquietação  
 A angústia é guardiã do meu fôlego  
 De repente, voando suave e lentamente, pássaros pousaram no meu  
 cativeiro Puxam. Puxam. Puxam... observo-os. A minha esperança voltará?  
 Num instante a minha gaiola do medo é arrancada  
 Soltura. Ruptura. Alívio?  
 A minha alma reencontra a força da liberdade!  
 Alforria. Respiro. Autonomia. Poder.

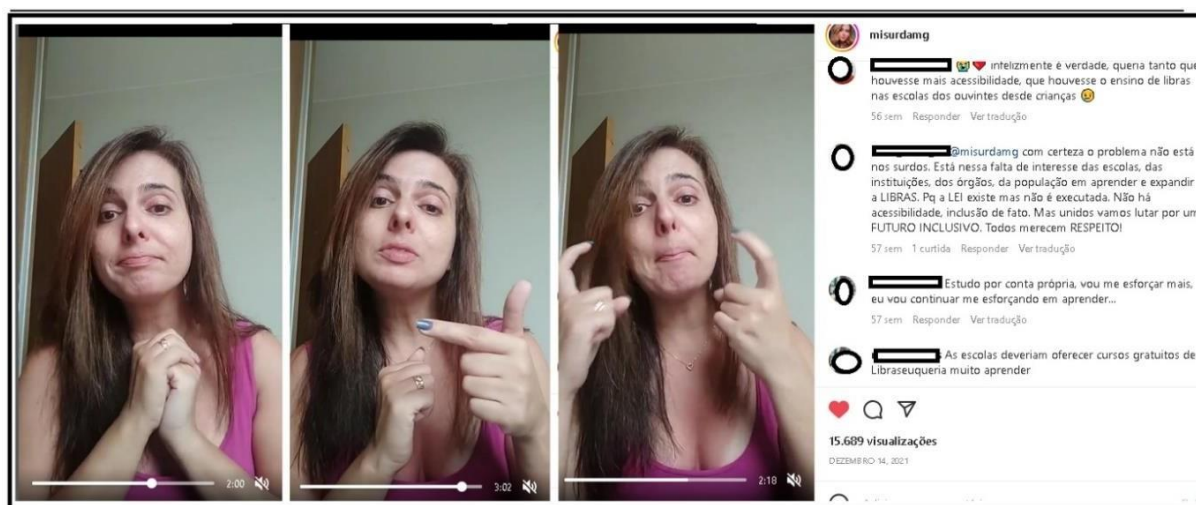
**Excerto 5:** A Gaiola. Transcrição do poema gravado em Libras pela autora. Tradução minha.

No vídeo relacionado à imagem 12, a *influencer* surda estava utilizando somente a Libras, sua língua de conforto para expor seus pensamentos através de uma enunciação poética reflexiva, intimista, carregada de emoções. Gravada durante o período em que o país pedia pra que todos ficassem em casa em isolamento social. A autora expressa naquela escrita a sensação de angústia, possivelmente por estar vivenciando a falta de contatos com os familiares, experienciando o distanciamento físico dos amigos numa sociedade temerosa a um vírus novo que não se sabia quase nada sobre ele. No entanto, a liberdade lhe é devolvida pela força da representada no voo de pássaros que a arranca do enclausuramento. Claramente, a sua

publicação não tinha como foco a questão linguística, ainda assim essa temática emergiu pelos seus seguidores. Em meio aos comentários havia um pedido para a tradução em LP. Obviamente, nesse caso, o ouvinte estava ocupando uma posição não majoritária dessa vez.

De modo geral, observa-se a presença da Libras na rede social com funções de dizer de si, embora, nota-se um uso maior da língua portuguesa nestes espaços de enunciação mais subjetivos. Questiona-se se isso reflete o lugar da língua de sinais na vida surda, na constituição escolar, como língua meio para ‘a língua portuguesa’, como língua de suporte para acesso ao conteúdo escolar. Será que a escola ocupa função nessa instrumentalização da Libras? Ao mesmo tempo, vemos pequenos espaços de rupturas de sujeitos surdos que fazem uso da escrita (em Libras ou em Língua Portuguesa) como espaço de inscrição de si, de reflexão de si e potência de singularização. Esse uso do registro é demasiadamente interessante e deve ser explorado pela escola. Seguindo pelo trajeto das postagens que envolvem aspectos sobre língua e surdez tratarei no tópico adiante.

### Parada Cartográfica 2: Perspectivas político-filosóficas sobre língua e surdez

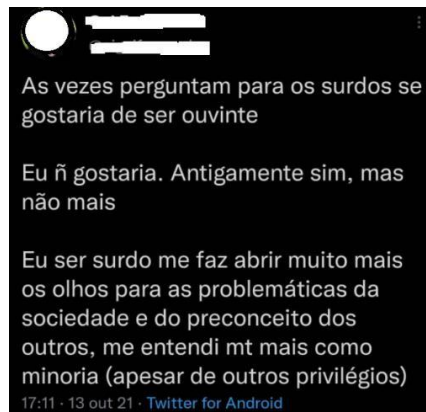


**Figura 21:** Título – Desabafo. Recorte de vídeo gravado em Libras por *influencer* surda. Acesso em fevereiro de 2022. Fonte: [https://www.instagram.com/reel/CXdxjvil-4\\_/](https://www.instagram.com/reel/CXdxjvil-4_/).

Oi, vamos refletir. Quando a Gabriela torceu o pé e estava no hospital. Estava só eu e ela, nós duas juntas. E ela estava observando o lugar e me perguntou: Todos são ouvintes? Falei que sim. E ela disse: Como vou fazer quando eu crescer pra ir sozinha se eles não sabem Libras? Como irão se comunicar comigo? Eu olhei pra ela com o meu coração apertado...me deu vontade de chorar. Porque ela sabe, ela percebe as coisas. Ela sabe que eu a incentivo a crescer e ser independente para sozinha viver a vida que ela quiser. Então, o surdo se esforça pra falar. E vocês? Não se esforçam pra se comunicar com o surdo? Não tem paciência de explicar só porque não entende a língua. Sabe por que o surdo fica dependente dos outros? O problema são vocês que não sabem se comunicar com eles. O surdo quer viver sozinho, quer frequentar os lugares sozinho. Mas, sempre depende de outras pessoas porque vocês não sabem se comunicar, daí ficam com medo. A Gabriele só tem seis anos! Só tem seis anos e já percebe que não há acessibilidade. Ela já tá preocupada com o futuro dela! E ela sabe que ela não vai depender de mim. O surdo se esforça pra falar por causa de vocês. O surdo quer viver livre, fazer o que quiser, mas falta acessibilidade na comunicação. Eu me esforço pra falar, mas vocês não têm paciência. Não tem comunicação pra me entender. Por que eu tenho que me esforçar? É isso.

**Excerto 6:** Desabafo. Transcrição da gravação representada pela figura 21. Tradução minha.

Posicionar-se, seja com pensamentos, argumentos, indagações sobre algum assunto por meio das redes sociais, é estar na condição de pertencimento a um espaço que contribui para várias outras manifestações subjetivas, é também situar-se em um *locus* de construção de subjetividades e, por isso, eventualmente, recebe de outros seguidores qualificações por ser um sujeito que está tendo que “se reinventar constantemente para se manter representante das identidades coletivas que se afirmam como modelos para as identidades particulares” (TEIXEIRA, 2003, p.51). O recorte acima, assim como os outros recortes que apresentarei a seguir, estão enquadradas na parada cartográfica 2 e constam como exemplos da asserção em que é operado a aparição de um si individual, mas também coletivo no que tange à questão da língua de sinais e surdez:



**Figura 22:** Título – Eu Menor. Publicação de um surdo (faixa etária de 20 anos)

Fonte: Recorte da página pessoal do participante na plataforma Instagram. Acesso em fevereiro de 2022.

O ser surdo (individual) pode se entender como uma molécula na sociedade, porém com a potência de contagiar o coletivo. A ordem contrária também acontece: do coletivo influenciar um individual. Ora, se “todo pensamento já é uma tribo” (DELEUZE; GUATTARRI, 2011b, p.47.), então a ideia consensual de que no coletivo as singularidades são diluídas se torna uma ideia equivocada. Para Tadeu, Corazza e Zordan (2004), pela percepção da ética o coletivo não prejudica o singular, visto que a instância do coletivo também é uma instância de individualização. Por essa perspectiva, as dimensões moleculares agrupam elementos que podem tanto divergir como também convergir, ou seja, as partículas permutam e podem contagiar moléculas vizinhas.

Sendo assim, na enunciação acima (figura 22), tem-se inicialmente um movimento de fluxo molecular individual, do próprio o sujeito que o movimenta para a percepção das problemáticas coletivas macro-molares e, com isso, o movimenta-o novamente a se entender mais ainda como pertencente a uma minoria. Semelhante ao conceito químico, não é possível haver “corte ou de adição de algo no fluxo molecular sem que ocorra uma mudança em sua própria natureza (...) O molecular na filosofia deleuzo-guattariana aparece no sentido de mostrar a multiplicidade que vai de encontro à molaridade” (MARTINS, 2020, p.72).

No entanto, é preciso não fazer confusão de pensar que o fluxo molar sempre será relacionado ao coletivo e o molecular ao individual, pois para Deleuze e Guattari existem também fluxos coletivos que são moleculares (manifestações, revoluções, movimentos sociais) como também há fluxos individuais que são molares como a busca da unidade, desejo pelo uno, fascismo individual, conforme afirmaram na obra *Anti-Édipo*:

Dir-se-ia que, das duas direções da física, a direção molar que se volta para os grandes números e para os fenômenos de multidão, e a direção molecular, que ao contrário, embrenha-se nas singularidades, nas suas interações e nas suas ligações à distância ou de ordens diferentes, o paranoico escolheu a primeira: ele faz macrofísica. Dir-se-ia que o esquizo, ao contrário, vai na outra orientação, a da microfísica, a das moléculas que já não obedecem às leis estatísticas; ondas, corpúsculos, fluxos e objetos parciais que já não são tributários dos grandes números, linhas de fuga infinitesimais em vez de perspectivas de grandes conjuntos. Sem dúvida, seria um erro opor estas duas dimensões como o coletivo e o individual. (DELEUZE;GUATTARI, 2011b, p. 370).

Voltando ao enunciado elaborado pelo sujeito surdo, autor da publicação, percebe-se que ele é perpassado pelos fluxos molar e molecular e não um ‘ou’ outro, mas sim um ‘e’ outro. Dessa forma, um fluxo pressupõe o outro e é assim que o movimento ocorre, nessa coexistência entre os fluxos presente no sujeito como acontecimentos que lhe ocorre,

(...) porque os sujeitos são cada um deles individualidades de acontecimentos, seres individuados por linhas acontecementais. Um acontecimento não se liga a um sujeito, mas a outros acontecimentos, formando linhas, e o ‘sujeito’ se constitui aí, entre as linhas, por acontecimentos. Um acontecimento pode ser coletivo ou particular, perceptível ou microscópico, mas é sempre impessoal, assubjetivo. (aspas dos autores) (TADEU, CORAZZA, ZORDAN, 2004, p.199).

No caso dos privilégios, o sujeito não mencionou quais seriam eles, todavia, o Brasil já vem caminhando neste sentido no que tange as políticas de inclusão mais fortemente desde a década de 90 (tudo bem que em passos lentos), entretanto, não se pode negar que as ações pensadas na aceitação de deficiências vêm sendo mais pertinentes dentre as *hashtags* espalhadas nas nuvens digitais e que levaram a menções da condição de surdez não mais vista focada pelo paradigma da patologia (desde o ano de 1999) a partir dos estudos de Carlos Skliar, o qual defende que a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida, ou seja, o surdo pode ser entendido como um sujeito diferente dos que ouvem, porém, não deficiente. Por esse viés, Skliar (2013) promove uma perspectiva em defesa da particularidade linguística do surdo e posiciona a surdez enquanto uma diferença étnico-linguística:

A diferença como significação política é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistência às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante (SKLIAR, 2013, p.06).

Antes de avançar, torna-se necessário ressaltar que a respeito de diferença a pesquisadora Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, no ensaio: *Os discursos da diferença no contexto das políticas de inclusão: a anormalidade no detalhe*, explica que “os discursos da diferença não são naturais, mas socialmente construídos num processo produzido pela linguagem, pela

forma como essa privilegia ou exclui determinados significados” (LUNARDI-LAZZARIN, 2010, p.143). A autora esclarece que a diferença enquanto produção discursiva não configura uma característica natural que define o sujeito surdo, uma vez que este pode revelar outras formas de interação com o mundo não apenas aquela que visa a surdez como essência.

Retomando o olhar para a parada cartográfica 2, e ainda tratando sobre a temática ‘privilégios’, segue a imagem de um vídeo aparelhado quanto a modalidade linguística: Vídeo gravado em Libras com legendas em LP, porém, este acrescentou na *escrita surda de si* não somente o recurso da legenda durante as cenas da videogravação, (tendo em vista que elas foram sintetizadas em apenas duas frases) mas como acréscimo num texto escrito (logo abaixo do vídeo) em que o surdo optou por se posicionar utilizando mais elementos da LP do que no vídeo em Língua de sinais, reforçando a mensagem:



**Figura 23:** Título – Duas faces da moeda. Fonte: Perfil público na plataforma instagram. Acesso em abril de 2022. Disponível em <https://www.instagram.com/p/CcrOPkNFdru/>



Enquanto o texto escrito como acréscimo à reflexão em Libras foi o seguinte:

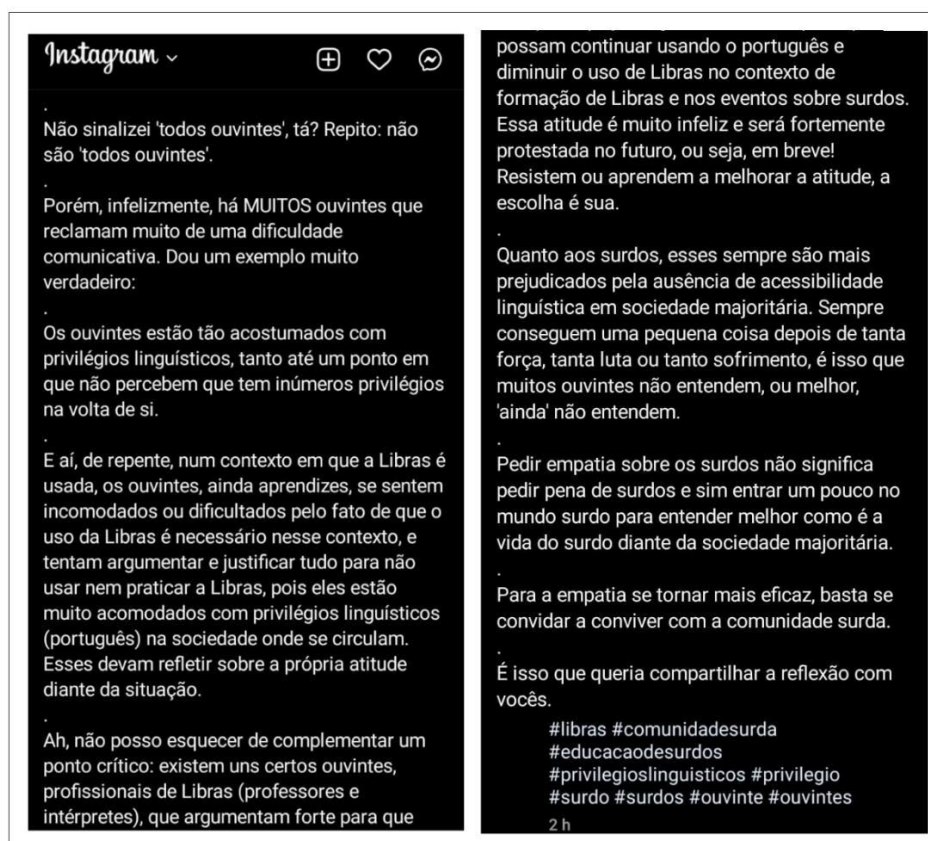
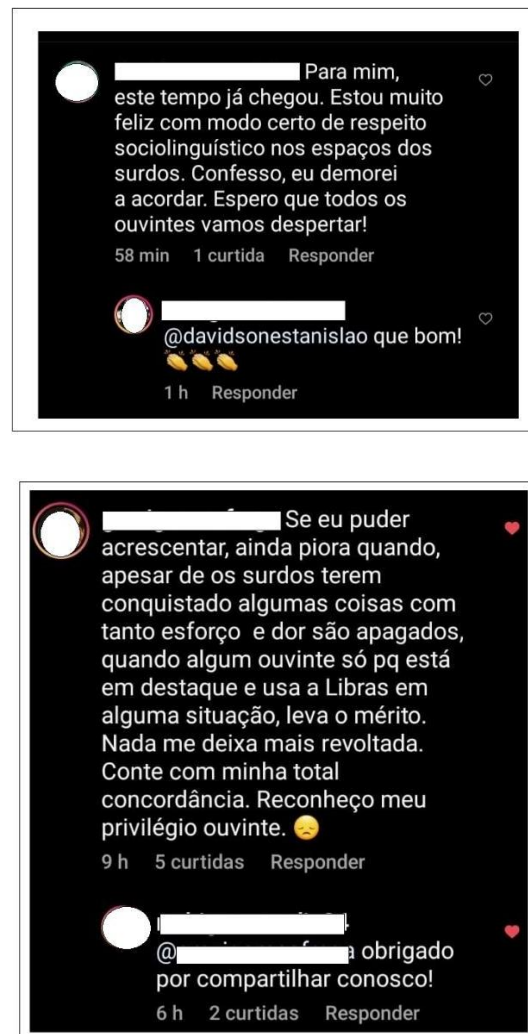


Figura 24: Texto vinculado ao vídeo da figura 23.

Muitos surdos reforçaram a ideia contida na mensagem, apoiando o posicionamento a respeito das dificuldades de comunicação com ouvintes e denunciando a falta de empatia, entre outros manifestos. Vemos na produção escrita algo acerca da parada cartográfica 2 que reforça a ideia de que há pautas 'comuns' que transversalizam hoje a comunidade surda e que são temáticas voltadas também entre pessoas ouvintes. A questão do 'privilégio ouvinte' é um tema atual a partir das discussões sociais acerca da crítica a meritocracia que assola os movimentos sociais desde a entrada da atual gestão presidencial bolsonarista de 2018. Há presente a discussão acerca do privilégio e da necessidade de políticas públicas que garantam a entrada e permanência de sujeitos à margem das políticas sociais pela via da regulamentação da prática inclusiva. Além disso, tais produções se associam com o tema acerca do 'lugar de fala' tão caro na atualidade.





**Figura 25:** Texto vinculado comentário do vídeo da Figura 23.

O autor do texto, provavelmente, teve a intenção de escrever a mensagem em LP (como acréscimo ao vídeo e às legendas) justamente para vir a atingir em maior número o público ouvinte, o que de fato ocorreu. Se houveram ouvintes comentando sobre a publicação, pode-se imaginar que para isso pensaram (ou refletiram) sobre o assunto antes de responder. O sujeito mediado pela *escrita de si* no mundo virtual se (sub)escreve tomando parte sobre o que expõe e do que está permitindo consentir, ou melhor, o conteúdo que publica contribui com uma certa quota para um determinado fim, ou seja, na internet não apenas se escreve por escrever, mas se compromete com o que foi escrito, uma vez que curtir um comentário, compartilhar uma manifestação, postar uma indignação ou discutir ideias no ciberespaço é uma realidade que incide sobre grupos ou pessoas, frequentadores de um espaço público, podendo reverberar em algo positivo ou negativo não apenas no ciberespaço, mas também fora dele, pois o mundo virtual também oferece um terreno fértil para intolerância ao que é publicado.

Lamentavelmente, existem alguns grupos que lutam para manter seus privilégios, em nome da moral, dos valores, dos costumes e da família tradicional e atuam na produção de discursos a marcar letalmente as diferenças e as minorias. Essa letalização, na contemporaneidade, não acontece apenas de modo presencial (corpo a corpo), mas pelo uso do ciberespaço por meio de recursos a outras linguagens para além do verbal, como fotografias, vídeos, (imagens de quadrinhos, charges, memes, etc.) que viralizam e contribuem para inscrever o que se passa como história, é outro dispositivo de produção de saberes presente nas redes sociais e que também podem ser usados para incitar ao fascismo que se dá nas redes.

Um ciberfascismo que deseja, antes de tudo a norma. Mas, não aquela norma moralistas condicionada às atitudes de conhecimento e cuidado de si advindas da antiguidade grega (a qual me referi anteriormente), mas a norma que seleciona e classifica vidas, produzindo um amplo acesso à cidadania para algumas vidas, como a vida de um homem branco, heterossexual, cristão... e restrições à cidadania para outras vidas marginalizadas pelo Estado: travesti, população de rua, negros, gordos, soropositivo, estrangeiro, mulheres, pobres, LGBTQI+, indígenas, pessoas com deficiência. esses corpos demuni<sup>21</sup> que por argumento de racismo de Estado, não se enquadraram às normas de gênero, sexualidade, raça, classe, entre outros marcadores tradicionalistas sociais e por isso devem ser letalizadas.

O desejo de encerrar a existência desses grupos minoritários por meio de comentários nocivos e contraproducentes segue na mesma direção daquele “racismo biológico e centralizado” (FOUCAULT, 2005, p. 96) que encorajou genocídios fortificados pelo nazismo, “um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre os seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social” (FOUCAULT, 2005, p. 73). A relação direta entre Estado racista e violência pode ser ampliada para outros contextos sociais, como no uso do registro em espaços virtuais, e pela *Escrita de si*, veiculando concepções–sujeitantes pelas redes sociais. Isso ocorre quando o registro enuncia saberes dos sujeitos e marcam posições constitutivas que denotam práticas e formas de vida.

---

<sup>21</sup> Sales e Estevinho (2021) traz um trecho, traduzido do espanhol, em que os filósofos Paul Espósito e Paul Preciado (2020) problematizam sobre a necrobiopolítica, diagnosticada durante a pandemia de Covid-19, em que trata da etimologia do conceito de imunidade ensinando que toda biopolítica é imunológica: supõe uma definição da comunidade e o estabelecimento de uma hierarquia entre aqueles corpos que estão isentos de tributos (os que são considerados imunes) e aqueles que a comunidade percebe como potencialmente perigosos (os demuni) e que serão excluídos em um ato de proteção imunológica. Esse é o paradoxo da biopolítica: todo ato de proteção implica uma definição imunitária da comunidade segundo a qual se dará a si mesma a autoridade de sacrificar outras vidas, em benefício de uma ideia de sua própria soberania. O estado de exceção é a normalização desse insuportável paradoxo.

Tais discursos moralistas relacionam-se às linhas que atuam como modo de constituição de sujeito ou grupos e que os atravessam por meridianos, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, DELEUZE; PARNET, 1998, DELEUZE, 2004; COSTA, 2109). São linhas que, conforme já fora comentado, compõem nossos movimentos (inclusive de enunciação) caracterizadas em três tipos: linhas duras, linhas flexíveis e linhas de fuga:

A linha dura é a linha dura das identidades, da identificação e do reconhecimento, (...) mas para que a vida possa se constituir, é preciso que os territórios mais endurecidos possam ser desmanchados, assim temos as linhas flexíveis que traçam pequenas modificações, fazem desvios, delineiam quedas ou impulsos. As linhas flexíveis produzem pequenas rachaduras nos territórios mais endurecidos, causando pequenas mutações no já estabelecido e as linhas de fuga que evocam o desejo, a criação, uma fuga decisiva. (...) Embora constituam movimentos diferentes, as três linhas não podem ser pensadas separadamente — elas hora coexistem, hora se alternam, hora se misturam, hora se excluem. Ninguém ou nenhum território é composto apenas por uma linha — por mais duro que seja, sempre haverá linhas flexíveis rompendo com a dureza e linhas de fuga forçando novas configurações. (COSTA, 2019, p. 927)

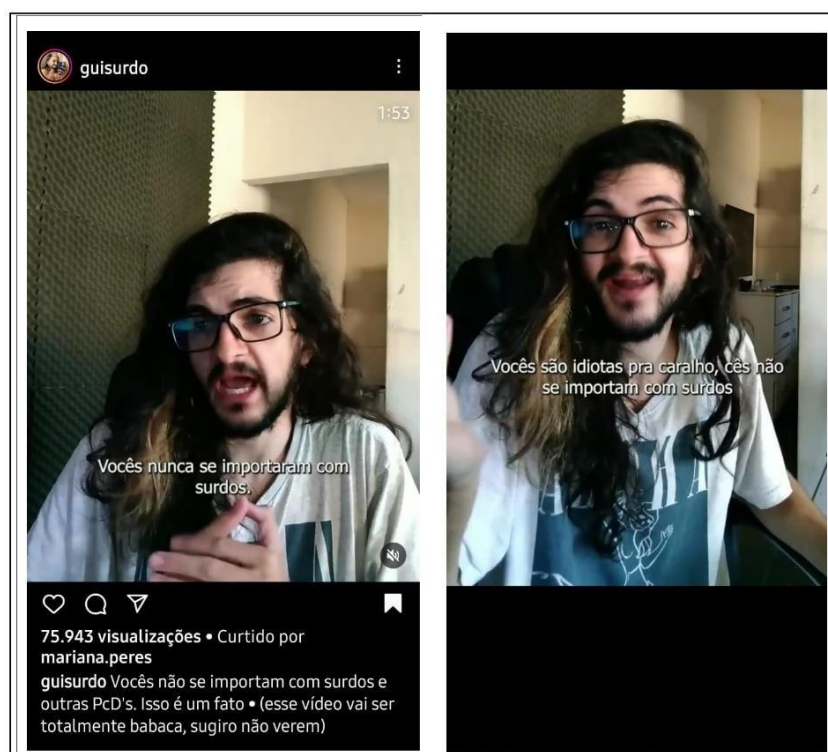
Quando aparece uma *escrita surda de si* em que a enunciação (oralizada, escrita ou visuogestual) é composta por segmentos rígidos, como valorização de hábitos tradicionalista, deveres e convenções engessados em um discurso moral fundamentado em opiniões cristalizadas em que não se admite intermediação ou fluxo entre os espaços, alimentada por tecnologias supostamente relacionais, mas que subjagam o outro, não o (re)conhecendo como sujeito de igual valor, são denominadas de linhas duras, as quais representam os modos mais seguros e violentos de existência.

Ao cartografar contextos microfascistas presentes em *escritas de si*, me veio a pergunta: que linha está operando nesse tipo de território cartografado? Ora, se nos manifestamos por linhas que se organizam em territórios, quando as linhas estão excessivamente fortes e duras, há o perigo da violência contra tudo o que é diferente, dando chances para pensar numa hostilidade em relação a tudo que é estrangeiro ao meu território. Podendo surgir, a partir disso, o perigo de supervalorizar o juízo moral que o sujeito possui em relação ao que é certo e errado e ser dominado pelo pensamento de que se o discurso “não estiver no meu critério de valor é visto como moralmente equivocado. Tudo o que não faz partedo meu território passa a ser desqualificado. Essa seria uma postura fascista”. (COSTA, 2019, p. 917).

Nesse contexto, vale lembrar da postagem em que a *Escrita surda de si*, materializada num vídeo de um *vlogger* surdo, que teve seu vídeo viralizado nos últimos dias de outubro de 2021 pelo instagram e também pelo seu canal no *Youtube*. O sujeito (com surdez profunda)

escolheu por oralizar em LP em seu posicionamento contra a neutralidade da Língua Portuguesa quanto ao uso de marcadores de gênero (ele/ela/elu/todEs/todxs, etc.), assunto que vem emergindo na mídia em geral como forma da representatividade de grupos LGBTQIA+ em relação à resistência às regras impostas pela língua portuguesa.

Essa postagem poderia tranquilamente ser enquadrada na parada cartográfica 3 por ela ter emergido decorrente de um tema atual polêmico a respeito da escrita neutra da língua portuguesa. No entanto, pelo fato de nela ser mais intensamente abordado sobre a força do discurso político militante da surdez ela está enquadrada na parada cartográfica 2, a qual trata sobre libras e surdez. Um aspecto que também me chamou atenção nessa publicação foi que apesar de também pertencer e lutar pelas pautas do seu grupo minoritário surdo em questão, reagiu contra outro grupo minoritário de uma forma que suscitou reações adversas entre os seguidores, conforme a imagem que revela um dos momentos da sua fala no vídeo:



**Figura 26:** Título: Neutralidade, ou não. Captura da imagem do vídeo publicado na página aberta na plataforma Instagram durante a coleta da pesquisa em abril de 2022. Fonte: <https://www.instagram.com/guisurdo/reels/>

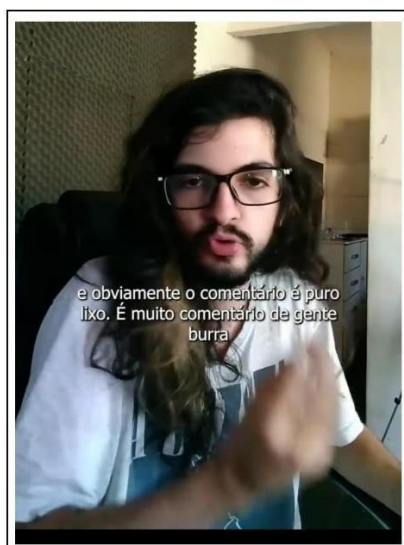
Vocês nunca se importaram com os surdos. Esse vídeo vai ser totalmente babaca, então eu sugiro você não assistir. Meus amigos, está surgindo mais notícias sobre a linguagem neutra é lei proibindo a linguagem neutra é a novela surgindo e essas coisas... e obviamente é muito comentário é puro lixo, é muito comentário de gente burra falando das pessoas com deficiência: “ai o surdo, e o cego” “isso vai adaptar pra Libras?” Cara, vocês são burros, cês são idiotas pra caralho, cês não se importam com surdos, cês nunca se importaram, vê aí por exemplo se tem interprete de Libras na Netflix, não tem! E os filmes que tem legenda descritiva que é o melhor pra surdos, eu consigo contar nos dedos tem menos de 10 filmes no catálogo com legenda descritiva Vocês tão cagando pra isso, mas agora só surgir a porra da linguagem neutra que aí vocês querem “fingir” que se importam com os surdos, né Ah, pelo amor de Deus, gente, eu estou doido pra ver O Auto da Compadecida Desdea minha infância que eu quero ver o Auto da Compadecida mas porque é o caralho deum filme nacional que não tem legenda porque o povo não se importa com os surdosentão nunca vi esse filme na minha vida. Mas aí, ah, vocês não se importam, né Vocês não se importam se um filme tem legenda ou não Vocês se importam se a linguagem neutra vai atrapalhar surdos Claro, até porque surdo vai conseguir entender “ele”, vai conseguir entender “ela” mas essa palavra aqui, [segura com as duas mãos um papel escrito: ELU] aí já não vai conseguir entender Nossa, o que será que está escrito aqui? Tá escrito casa? Tá escrito cachorra? Não sei, não faço a menor ideia do que está escrito aqui. Não consigo identificar, ah, pelo amor de Deus, gente, larga de ser burro, vocês são idiotas fingindo que se importam com surdos não é possível que vocês acham mesmo que as pessoas com deficiência são tão burras assim a ponto de não entender essa palavra, literalmente mudando só uma letra, AH PORRA. Quer fingir que se importa com surdo começa a lutar para Libras entrar na matéria escolar. Começa a lutar para que intérprete de Libras entre na Netflix, comece a lutar para que a legenda descritiva entre, mas não vem meter a gente na linguagem neutra não, fingir que a gente é burro não consegue entender uma palavrinha com uma letra diferente. Porra. Pelo amor de Deus.

**Excerto 7:** Neutralidade, ou não. Transcrição (produzida pela pesquisadora) do texto completo seguindo as legendas do vídeo e as marcações ortográficas conforme foram digitadas pelo autor (participante surdo).

Mais do que analisar o conteúdo de defesa na postagem acima, interessa-nos abordar a entrada de temas atuais e as disputas de posição dos surdos que, incluídos na racionalidade atual, consomem as produções e se subjetivam a partir de tais saberes. Quando o juízo moral se manifesta em exagero no que diz respeito ao que se acredita ser certo e errado, bom ou mau —

tudo o que não faz parte do meu território passa a ser desqualificado, tudo o que não está no meu critério de valor é visto como moralmente equivocado. Essa seria uma “postura fascista” (DELEUZE, 2004), algo muito recorrente nos atuais comentários que circulam nas redes sociais lamentavelmente passeando pelos *feeds* esperando ser consumidos por representatividades perigosas e carregadas por linhas endurecidas.

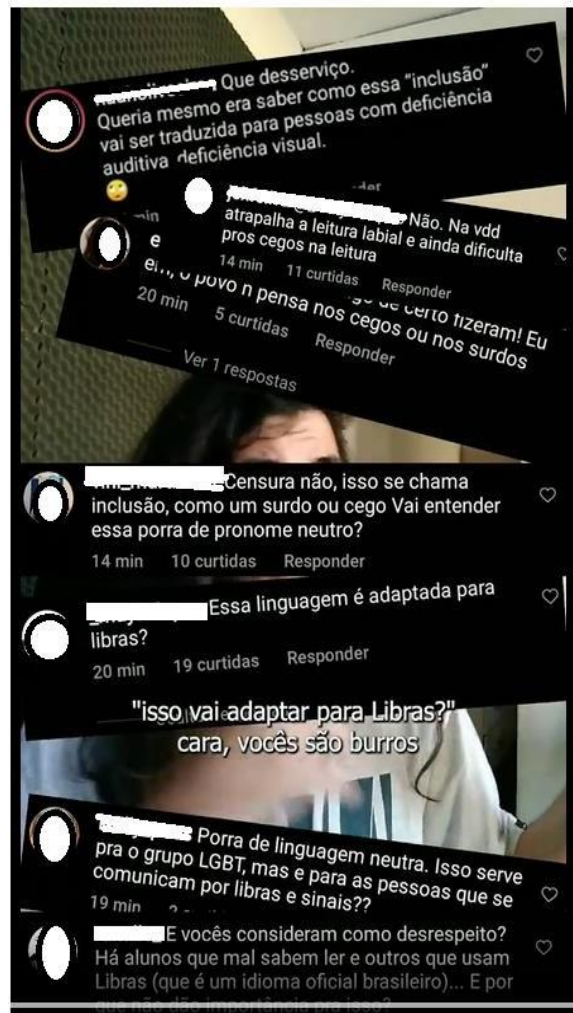
Quando somos lidos nas redes sociais – na concepção multimídia da palavra – podemos ser desviados da moral ao estarmos escondidos por trás das telas e a força do discurso é medida a partir dos argumentos do que os internautas validam ou não. No entanto, o que se deve considerar é “o princípio da intersubjetividade e da ação comunicativa, assim como os elementos ético, estéticos e expressivos da comunicação virtual a partir de regras sociais do discurso” (ANACLETO, 2018, p.314) estabelecendo condições de comunicação que tornem possível prevalecer o direito a um acesso universal ao discurso e chances iguais de participar dele sem julgamentos e palavras carregadas de ódio.



**Figura 27:** Captura da imagem do vídeo publicado por um *influencer* surdo ainda referente à figura 24. Acesso em abril de 2022.

De imediato, ao ler essa declaração fui tendenciada a pensar que se a pessoa externaliza-se firmemente sobre algum tema delicado, espera-se que ela também esteja ciente de que poderá ser refutada por ter exposto sua opinião na rede. Não dá para apostar qual foi a intenção do autor ao desabafar seu sentimento, ou melhor, ao expor suas concepções e formações subjetivas em seu perfil, mas foi possível perceber que outros sujeitos foram instigados a também refletirem sobre esse tema, provavelmente, por terem participado de uma vivência semelhante a esta e/ou por se identificarem com esse mesmo pensamento pelo fato desta

videogavação ter sido visualizada 75.365 vezes, e curtida por 6.520 pessoas, além daqueles que empenharam palavras de afinidade. Para tanto, o autor fez um recorte com comentários sobre o tema o qual abordava em seu vídeo corroborando com seu posicionamento contra a neutralidade linguística na LP:



**Figura 28:** Título: Neutralidade, ou não (3). Captura da imagem do vídeo publicado por um surdo (faixa etária de 20 anos) Fonte: Recorte da videogavação do surdo na plataforma Instagram. Acesso em abril de 2022.

Suponhamos que a videogavação contendo o pronunciamento desse sujeito surdo pode ter lhe causado algum impacto durante a elaboração de seu pensamento, elevando um ‘tijolo subjetivo’ na sua construção como sujeito, construção esta que pode resultar numa sombra no terreno da subjetivação do outro que lê a sua declaração, pois se o coletivo leu o que foi escrito, no mínimo foi porque houve um tempo dedicado a visualização desse conteúdo da rede, por ter sido um vídeo de poucos minutos, ou seja, essa postagem não foi vista pelos seus seguidores na velocidade de um deslizar de dedos pela tela. Ao contrário disso, estimulou a explosão de coletivos concordando e trazendo ao palco discussões desde questões sobre a legitimidade da

língua brasileira de sinais, o andamento das políticas de inclusão, quanto a aceitação de si e aceitação dos outros.

Ao aproximar tais registros de si como *escrita de si*, busca-se aproximar dizeres que subjetivam e que tencionam a auto-reflexão, seja ela numa linha mais dura ou mais flexível. Embora, haja grande potência desta técnica expressa por Michel Foucault para a refeção de nós mesmos e o repensar de nossas práticas subjetivadas por processos molares. Isso se expressa na citação a seguir quando Foucault (2009) apresenta algumas características da *escrita de si*.

Parece não haver dúvida que, entre todas as formas que tomou este adestramento (o que comportava tinência, memorizações, exames de consciência, meditações, silêncio e escuta do outro), a escrita – o fato de se escrever para si e para outrem – só tardiamente tenha começado a desempenhar um papel considerável. Em todo o caso, os textos da época imperial que se referem às práticas de si concedem uma grande parte à escrita. É preciso ler, dizia Sêneca, mas escrever também. É Epicteto, que, todavia não ministrou senão um ensino oral insiste repetidas vezes no papel da escrita como exercício pessoal: deve-se “meditar” (meletan), escrever (graphein), treinar; “possa a morte arrebatá-lo enquanto penso, escrevo, leio” (FOUCAULT: 2009, p. 133).

Em contrapartida, se essa *escrita surda de si* tivesse causado uma grande quantidade de discordâncias por parte dos leitores/seguidores, provavelmente o autor seria altamente criticado em sua página. Todos esses acontecimentos ocorrem muito rápido e as discussões sobre ataques escritos em perfis das redes sociais ainda são muito recentes, no entanto, como já existem ações jurídicas sobre esse assunto, é possível denunciar *posts* ofensivos nas próprias plataformas, além de buscar delegacias que cuidam de crimes digitais. Aproveito esse assunto para ressaltar sobre a relevância que postagens deste tipo conduzem aos micro-neofascismos virtuais, os quais estão ganhando modos refinados de disseminação e cada vez mais estão fortemente instaurados nas redes sociais ocasionando em constantes acusações reprimindo o sujeito, podendo comprometer ou conduzi-lo a quadros de depressão, ansiedade e, em alguns casos, até levar ao suicídio.

### **Parada Cartográfica 3: Temas da atualidade – cotidiano em pauta**

Retomando sobre as postagens ofensivas nas redes sociais, fui tocada pela declaração feita por vídeo por um sujeito surdo, a qual trago o recorte na imagem a seguir, em que o sujeito surdo inicia seu vídeo já se justificando e demonstrando insegurança em abordar um determinado assunto por medo de ser julgada pelos outros. Em outro momento ele posta outro



vídeo falando sobre depressão e o quanto esses ataques *online* prejudicam quem já sofre com a doença, conforme o recorte abaixo:



**Figura 29:** Título: Depressão. Captura de imagem do vídeo publicado por uma pessoa surda (faixa etária de 20 anos). Fonte: Recorte pela plataforma Instagram. Acesso em abril de 2022.

Discursos inflamados por moralismos além de sequelar o sujeito que aplica, pode atingir (entre outras coisas) na constituição dos sujeitos que as recebem, abrindo brechas para a predominância do medo. Pensando que o “medo é um dos elementos centrais que irá sustentar as necrobiopolíticas” (BENTO, 2018, p. 17), utilizar o med/pânico com o intuito da eliminação de ideologias (sujeitos, grupos, crenças, etc.) pode servir de potencializador de aparelhos repressivos do Estado. O medo, o pânico, a ansiedade, a depressão, entre outros transtornos causados pela intensa manifestação dos fascismos moleculares nas redes sociais já nos acompanham diariamente por um bom tempo.

Berenice Bento em *Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?* Citou autores que relacionaram a política ao medo, à origem da criação e da manutenção do Estado e ao fato de estarmos atentos para a produção do pânico como resultado de um objeto sem conteúdo. Sendo assim, o Estado irá se encarregar de preencher esse vazio reestruturando formas permanente do medo atender seus interesses. Quanto a esse assunto não seria nem necessário listar autores para garantir a confirmação da conexão Estado-medo. A população em geral se apoia na justificativa daqueles que justificam suas malvadas ações de excluir grupos minoritários porque não se consideram pertencentes a esses grupos e nem apoiam suas atitudes.

No entanto, essa afirmativa não torna permissiva para que os indivíduos se maltrateme se matem entre si. Mas o que seria não concordar com uma atitude? O fato é que não é apenas ‘uma atitude’, mas um corpo, um partido político, a cor de uma pele, uma religião, um time de futebol, uma nacionalidade, uma característica, uma deficiência, um gênero, sexualidade, enfim, uma diferença! Na publicação abaixo, o *influencer* surdo se posiciona sobre sua escolha

político partidária pelo fato de estar sendo ‘censurado’ por seguidores que não compartilham da sua mesma ideia/opinião. Ele utiliza de um vídeo em libras (com tradução em voz para a LP) para materializar seu desabafo de estar sofrendo perseguição dos opositores.



**Figura 30:** Título: Não vão me calar. Fonte: Recorte da imagem de uma publicação em vídeo da página de um *influencer* surdo na plataforma Instagram acessada durante a coleta da pesquisa em Novembro de 2022.

O sujeito em questão valida a rede social como um espaço que ele utiliza para desabafar, ao iniciar seu vídeo dizendo: “Bom, eu preciso falar aqui”. Em seguida, se posiciona em relação ao fato de receber críticas quanto a sua posição política partidária, conforme a sua fala no mesmo vídeo acima:

Se falam pra eu calar a boca, estão me censurando. Tirando a minha voz, tirando a minhas mãos. Eu não vou me calar. Eu vou erguer a minha cabeça. Eu escolho em quem vou votar. Eu sou livre. É um direito meu. Eu quero respeito ao meu voto, eu quero respeito a minha opinião, a minha voz, ao meu direito.

**Excerto 8:** Não vão me calar. Trecho da fala do surdo em vídeo na sua página aberta na plataforma instagram Acesso em outubro de 2022. Tradução minha. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cj3yE1pDPeC/>

Primeiramente, é importante reconhecer que as redes sociais tem servido, entre outras coisas, de difusor de repressões, de medos e também de trampolim político para a legitimização do nosso atual Estado (ultra)neoliberal para a produção de uma Necrobiopolítica (MBEMBE,

2016). Pensar em necrobiopolíticas é pensar em políticas conservadoras, neorracistas, que negligenciam e fazem morrer estes corpos/sujeitos desvalorizados que se encontram em maiores vulnerabilidades, pertencentes às minorias que movimentam a estrutura da árvore<sup>22</sup> perversa do Estado e enfrentam-na em resistências cotidianas, ou seja, resistir como sinônimo de sobrevivência, de mudar os territórios, de “escapar: criar novas formas de subjetividade.” (GALLO; ASPIS, 2011, p. 174).

Retomando para a publicação (imagem 20), ela promove a reflexão e traz o questionamento de como o sujeito pode usar a internet para escrever sobre si mesmo, (sobre seus pensamentos, compartilhar cotidianos, divulgar suas ideias e posicionamentos) tendo que resistir aos micro-neofascismos diários e as necro-bio-políticas encontradas nas redes sociais? Como se manter vivo das necrófilas políticas-virais de um Estado racista, divulgador de preconceitos “que tentam paralisar, sucumbir e esgotar os corpos que lutam para viver, (...) Rizomando em linhas de fuga?” (SALES; ESTEVINHO, 2021, p.289).

Talvez a busca de saídas para esse caos esteja em seguir tentando escapar (em nossas relações, nas políticas de subjetivação que somos constantemente submetidos), escrevendo, fazendo isso por rizoma para “aumentar seu território por desterritorialização, estendendo a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência em uma máquina trata” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 19) e assim, buscar escapar, não como covardia, mas como enfrentamento: fuga e criação de formas outras de re-existências,

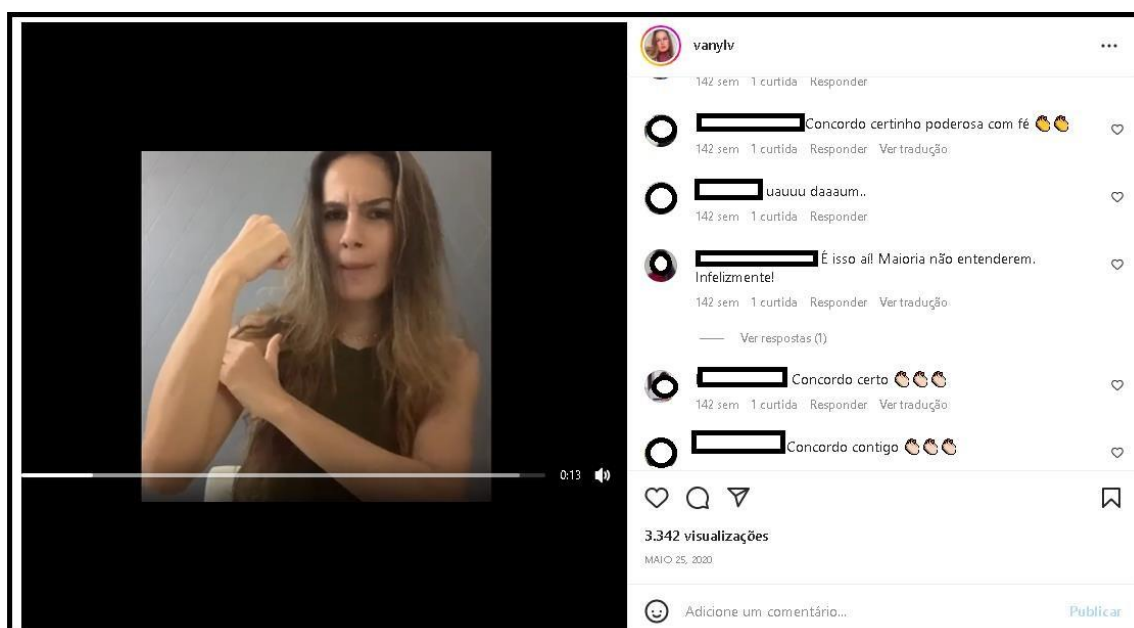
O fato é que as informações tem chegado para as pessoas surdas e eles tem se posicionado de forma argumentativa nas redes sociais quanto a vários assuntos, entre eles temas morais, jurídicos, sociais, econômicos, tecnológicos, culturais, científicos, religiosos, entre outros. Para exemplificar, nas postagens abaixo trago recortes de vídeos de influenciadoras digitais surda, materializando suas reflexões a respeito de temas atuais polemizados nas mídias, com presença cada vez mais constante em nosso cotidiano e que repercute diversos posicionamentos, dentre eles: estupro culposos, feminismo e machismo:

---

<sup>22</sup> Para Deleuze e Guattari (1995), árvore é um sistema hierárquico, o qual tenta alcançar a unidade e a ordem excluindo a diferença e a multiplicidade: “Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito” (Deleuze; Guattari, 1995, p. 23-24). E em oposição a estrutura paradoxal arbóreo-hierárquico-linear, tem-se o rizoma, o qual busca desterritorializar, criar conexões, buscar brechas e, quando não as encontrar, fazê-las.



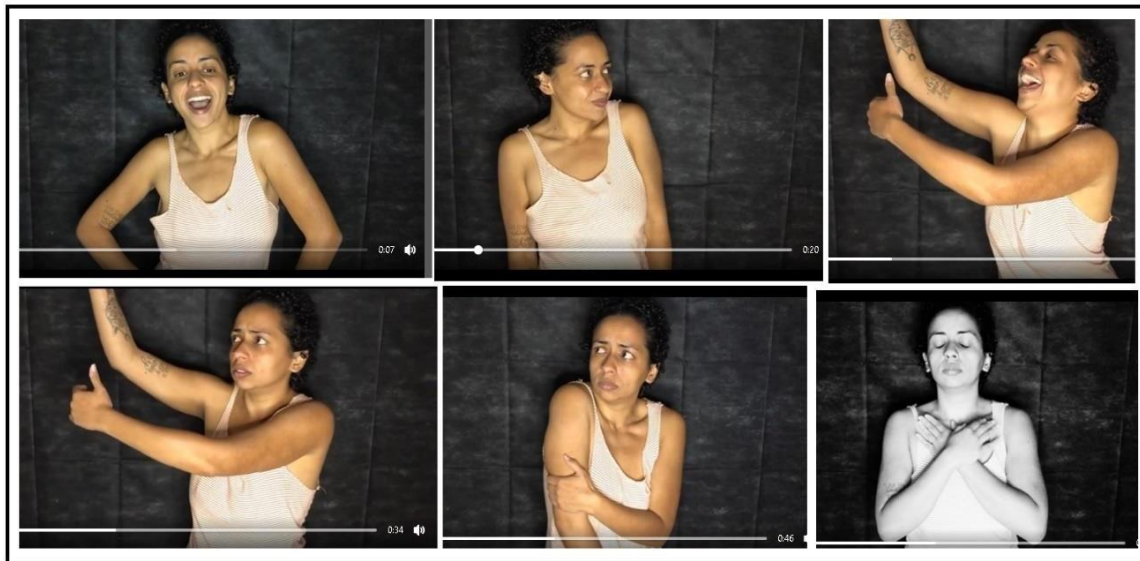
**Figura 31:** Estupro Culposo. Fonte: disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CHJetKkpXKP/> Acessada durante a coleta da pesquisa em Junho de 2021.



**Figura 32:** Feminismo em pauta. Fonte: disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CAoUVjyg2d9/> Acessada durante a coleta da pesquisa em Julho de 2022.

Sobre o movimento feminista, existem várias perspectivas de entendimento. Na realidade, o significado que interessa é que nós mulheres queremos respeito e sermos respeitadas. Buscamos a igualdade em todos os aspectos. Não aceitamos desigualdades em relação às atividades entre homens e mulheres. De ambos os lados existem as vontades, desejos, querer e tudo isso precisa ter valor igualitários. (...) Precisa haver respeito para todas as mulheres. (...) Sou feminista sim.

**Excerto 9:** Feminismo em pauta. Trecho de vídeo gravado em Libras pela influenciadora digital surda. Tradução minha.



**Figura 33:** Título – Machismo. Fonte: Recorte de vídeo em Libras gravado por *influencer* surda na plataforma Instagram e acessada durante a coleta da pesquisa em agosto de 2020.

Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CEVmDkYJwB2/>

Ela dona de si e da sedução  
 Encontros levaram a minha mão na sua.  
 Romance se entrega com paixão  
 Minha alma, você vê toda nua.

Alegria e doação em casamento.  
 Mas se recebo grosserias, palavrão.  
 Se namoro o medo e o Sofrimento.  
 Te digo: não, Machão!

Agora é hora. Ainda é momento.  
 Se espera me amar no caixão,  
 Ilude-se, pois não me verá morrer.  
 A fuga é minha amiga. Há tempo de correr.

**Excerto 10:** Machismo. Tradução minha do poema gravado em Libras pela influenciadora digital surda em sua página aberta no Instagram.

O movimento de se colocar sobre determinado assunto e remete ao que comentei nos tópicos anteriores deste trabalho, sobre o exercício dos gregos na antiguidade pontuado por Foucault (1992), ao se referir aos treinos meditativos e as técnicas como estratégias significativas para a produção do sujeito sobre si praticadas nos cadernos *hypomnemata*. Tendo



em vista que a *escrita de si* é um trabalho do qual o pensamento exerce sobre si mesmo uma força, operando um papel encarregado de transformar os discursos em verdades, em princípios, em valores de vida, pois “pensamos em coisas, pensamos em princípios, refletimos sobre eles, preparamo-nos pelo pensamento. *Gráphein* é escrevê-los (portanto, pensamos em algo e o escrevemos)”FOUCAULT, 1992, p.23), assim também, na postagem acima, a influenciadora surda faz uso da prática ascética da antiguidade pelo registro de pensamentos num exercício de busca e reflexão sobre si mesma, ativando a mente numa *auto-condução* de si através de um percurso *ético-estético*.

Da mesma forma, na publicação abaixo, o autor surdo abordando o contexto político em que ‘inscreve’ para si e para os outros a sua indignação a respeito da maneira que o presidente do Brasil tem de se comunicar com falas pautadas em expressões grosseiras, preconceituosas, muitas vezes carregadas de violência e por reconhecer que uma grande parte da população brasileira vem enaltecendo-o e intensificando a comparação dos discursos do atual presidente<sup>23</sup> aos discursos de Jesus Cristo.



**Figura 34:** Título: Comunicação Violenta. Captura da imagem do trecho do vídeo publicado por um sujeito surdo sobre a comparação do discurso do presidente Messias Bolsonaro ao Messias bíblico. Fonte: Recorte da página pessoal do *influencer* surdo na plataforma Instagram. Acesso em outubro de 2022.

Na enunciação acima o *influencer* surdo utiliza de um vídeo com legendas em LP para escrever seu pensamento crítico por meio das redes sociais durante a campanha eleitoral para

<sup>23</sup> Durante o mês das eleições (outubro de 2022), alguns perfis de *influencers* surdo veio a se posicionar para comentar a respeito do viés político no país, as propostas dos candidatos, notícias em geral (falsas/verdadeiras), no que diz respeito a polarização da população quanto a quem presenciará o país em 2023, inclusive sobre as formas de comunicação violenta que a campanha política do governo bolsonarista.

presidente do Brasil do ano de 2022. As rodas de conversa para debater opiniões entre amigos, familiares e colegas de sala de aula sobre diversas demandas migrou para os ambientes virtuais. As instituições escolares poderiam explorar e oportunizar mais esses espaços alcançados pela internet como um palco para que surdos entrem em cena através da materialização de sua escritura. Uma vez que independente do assunto/acontecimento, as *escritas surdas de si* posicionam os sujeitos surdos nas redes sociais e, por esse mecanismo, tentam dar conta de competências comunicativas impregnadas de significados que denunciam sentimentos, conflitos, entre outras questões sociais.

Do contrário, se sujeito surdo não pudesse escolher utilizar do espaço público *online* para posicionar-se quanto a algum tema ou situação, seria excluir com a possibilidade de constituição de subjetividade de quem escreve (assim como do coletivo que as lê), isto é, ao escrever sobre si mesmo o surdo está implicando a sua marca em seus percursos de concepções sobre os acontecimentos e imprimindo suporte para a configuração de seu *ethos*. No entanto, se esta formação ética se distancia da ideia de um *ethos* enquanto “morada do ser”, passa a configurar um contexto político, não no sentido partidário, mas na regência da relação com o outro e de querer compartilhar sobre seus modos de pensar certas questões, como visto na publicação a seguir, em que o *influencer* surdo, com mais de vinte e cinco mil seguidores, se posiciona através de vídeo em Libras a respeito de temas discutidos com ênfase no contexto eleitoral brasileiro de outubro de 2022:



**Figura 35:** Título: *Éthos* de Relação. Captura da imagem do trecho do vídeo publicado por *influencer* surdona plataforma instagram. O rosto foi apagado da imagem pelo fato dessas postagens terem sido posteriormente apagadas pelo autor. Porém, o registro foi feito enquanto estava vigente, isto é, durante o período de coleta para esta pesquisa: Outubro de 2022. Fonte: <https://www.instagram.com/leoviturinno/>.

A partir da troca de ideias, de leituras, reflexões e *escrita de si* sobre temas comuns para a sociedade leva o sujeito para um lugar de protagonismo e autonomia na mobilização dos recursos necessários à constituição de subjetividades. Essa aproximação ética política, situa a movimentos de experimentação, conhecimento e avaliação das forças que emergem da interação que é estabelecida com/no mundo (BARBOSA, 2019). A ampliação da participação surda, mais que efeito da legislação da Libras, se coloca como emergência de uma acessibilidade tecnológica que promove a inserção do modo visual e do registro videogravado, conseqüentemente, facilita a presença da Libras. Mais uma pauta para ser levada para as escolas e para o âmbito formativo. Ou seja, possibilitar que a tecnologia favorece a constituição de um sujeito crítico que se expressa pelo meio material que lhe é mais favorável.

Tais temas apresentados ao serem tratados, desloca o sujeito surdo a perceber além da composição de um ser moral para sociedade, leva a perceber a formação de alguém que se desdobra em ações éticas e políticas ao pensar no bem-estar do outro, o capacitando a resistir às manifestações que cada um de nós temos engendradas na modernidade capitalista atual, não se tratando apenas de “um trabalho sobre si mesmo (ética), trata-se também de um trabalho sobre o outro (política)” (GALLO, 2015, p. 366). Pensando nisso, se faz necessário acionar o alarme para se atentar ao cuidado de si e do outro de forma ética. Tal atitude convida-nos a experimentar movimentos de reflexão sobre si na forma de expandir as margens de liberdade na relação com as diferenças como ascense cotidiana da democracia.

Assim, ao aproximar a ética à política, as pessoas surdas - igualmente a tantos outros grupos no mundo que fazem uso do ciberespaço como plataforma de enunciação coletiva em que manifestações compartilhadas via rede social mostram ações do cotidiano nas situações do que está visível e dizível - também não estão livres dos micromovimentos fascistas, porém, somos todos convidados a mobilizar tessituras para reverter essas ações.

Dessa maneira, se caminha ao encontro do cuidado de si discutido por Foucault (1993; 2006) e Gallo (2015), assumindo-o como princípio ético de si por meio de um “modo de ser” mais tolerante capaz de transformar as nossas ações e vivencias cotidianas em práticas coletivas, em vidas que caminham na contramão do sistema já instaurado. Para isso, vale apostar na utilização da prática política como um intensificador do pensamento afim de “desindividualizar” pela multiplicação e aproveitar essa oportunidade para ampliar a coragem de dizer-praticar a resistência, como um princípio ético irreduzível, no intuito de favorecer ações que confrontam e combatem a intolerância a qual somos todos vítimas e agentes, pois “é urgente que se construa uma outra moral” (GALLO, 2015, p. 363).



## 5.2 Resistência midiática, fugas surdas e saberes para a educação

A partir da organização das postagens pela perspectiva das três paradas cartográficas, tem-se a percepção de discursos engendrados em formas de articulações de fatores que mobilizam os sujeitos a utilizarem uma *Escrita surda de si* como ferramenta para o processo de subjetivação. Pensando sobre esses processos de escrita sobre si mesmo, sobre esse “algo a mais” das produções discursivas a qual a genealogia se dedica, me veio a pergunta problema citada na introdução desse estudo e que foi norteadora desta pesquisa: De que modo podemos pensar a constituição de um *ethos* surdo ético e estético que, através de dispositivos de linguagens atuais, promovem a inscrição do sujeito surdo e sua criticidade contemporânea? Para responder esse questionamento precisei me voltar para as paradas cartográficas que fiz durante o percurso desta pesquisa e que puderam me mostrar que, em meio ao espaço midiático de tomadas elétricas e de relatividade da normatividade linguística, vê-se o sujeito surdo (sinalizador ou não) livre para efetivar o processo de comunicação, utilizando da linguagem escrita – isenta da vigilância da variante normativa da língua portuguesa –, mas também da utilização da língua de sinais materializada por meio de vídeos. De todo modo, nesse processo a linguagem delinea o discurso, ou seja, a linguagem funciona enquanto fator de comunicação na mediação das relações sendo estabelecida com o objetivo de se chegar à compreensão mútua.

Sendo assim, se a linguagem está além dos regimes linguísticos gramaticais que impõem funções ordenadoras, e acima dos pressupostos usos comunicadores de informação (DELEUZE; GUATTARI, 2011), o meu questionamento é respondido pelo entendimento de que a *escrita surda de si* está para além de um conceito de inscrição e mais para um dispositivo de produção de subjetividades surdas por meio de registros que mobilizam o espaço do pensar, tornando-o um espaço de criação de uma estética da existência que, na contemporaneidade, é também manifestada pelas redes sociais através de produções surdas e de aparição de formas de vida virtuais. Sim, a *Escrita de si* funciona para o sujeito surdo no mundo virtual, uma vez que este mundo cibernético permite um desprendimento aparente em que se ‘ganha’ liberdade para ser materializada pelo modo gráfico ou visual, abrindo fendas para montar enunciados que resistem as funções ordenadoras linguísticas que fogem de coordenadas semióticas engessadas pelas potências gramaticais e, com isso, se afasta do convencional desenho de ensino de surdo rabiscado pela escola vigente apoiado numa “triste imagem do pensamento que não para de imitar o múltiplo a partir de uma unidade superior, de centro ou de segmento” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 35).

Se para criar, “é preciso haver uma necessidade, [...] caso contrário não há nada” (DELEUZE, 2016, p. 333), por esse lado, postos num plano de criação, os processos da escrita surda de si no universo *online* se estabelece na contramão do seguir por um caminho já traçado, ou seja, dispensa a forma pronta e, por essa direção, pode ser vista pelo filtro de uma linguagem menor em que rompe com edificações rígidas da língua portuguesa e subindo à superfície, relacionando-se com o território singular de cada um. Deste modo, “desterritorializa o sistema da opinião que reunia as percepções e afecções dominantes num meio natural” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 232) e reterritorializa num plano em que rasga o costume de seguir o comum, territorializando-se em um novo contorno de procedimentos linguísticos que buscam na sua própria variação as maneiras de se dizer e de se expressar no mundo virtual.

A desterritorialização movimenta os fazeres; uma prática que tensiona as formas de conteúdo e expressão a ganharem novos contornos ou uma nova terra em que, através da *Escrita de si*, o sujeito surdo compartilhando situações cotidianas torna visíveis suas ideias, experiências, questões e posicionamentos sobre pessoas, instituições e situações. O sujeito surdo ao pôr em movimento o vazamento de suas experiências em matéria de pensamentos tem-se a composição de diferentes elementos que entram em relação, “colocando em jogo não somente regime de signos diferentes, mas também estatuto de estado de coisas” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22) e, a partir desse contexto, infere-se ao sujeito surdo inscrito numa ética discursiva permeada da multiplicidade de pessoas e de relações, inseridos numa malha flexível e vazada que compõem a rede social, podendo despertar chances para a tessitura de uma rede maior, com mais nós, capaz de gerar mais possibilidades de encontrar pares surdos, apresentar seus posicionamentos referente a quaisquer assuntos, compartilhar informações, desabafo do cotidiano, rotina pessoal, imagens que julgar interessantes, enfim e, assim, fortalecer o suporte afetivo melhorando a qualidade de vida desse sujeito.

O que de fato vem acontecendo atualmente no mundo virtual é que o sujeito surdo está se inscrevendo por meio das redes sociais, seja mobilizado por forças molares ou moleculares. Porém, no âmbito escolar esses aspectos também podem ser aproveitados? Como usar dessas fugas surdas no espaço educativo? As instituições escolares precisam se apropriar dessa verdade e trabalhar para potencializar o ensino de surdos a partir desse lugar onde eles já atuam e se sentem confortáveis para escrever seus textos, expor seus pensamentos, reflexões, críticas, etc. Por que o processo educativo não poderia também ocorrer através das redes sociais? Ou com tecnologias que valorizem o modo de vida surda na diferença? E mais, como fazer a escola validar o registro em Libras como texto que constitui potência reflexiva?

Não se pode ser idealista a ponto de achar que o espaço escolar (macro) é o único detentor de força possível de intervir no ensino de Língua Portuguesa para surdos quando já se possui na *escrita surda de si* manifestações (por meio do registro virtual) de relações complexas protagonizadas entre as experiências vividas pelos autores surdos e seus discursos. Sim, o sujeito surdo está utilizando de seus textos postados nas redes sociais como uma forma de reescritura de si mesmo, por meio de um tipo de escrita em que o sujeito se oferece ao texto enquanto o narra, em que o sujeito projeta no texto o seu próprio ser enquanto escreve e, durante o processo de produção escrita, ele se observa, se interpreta e se (re)constitui em sua interioridade.

Pensando nisso, o sistema educacional precisa considerar que os alunos surdos estão também inseridos num espaço tecnológico em que temos relações em rede predominando sobre as outras áreas. Para Prensky (2001), a geração atual de alunos são nativos digitais, os quais funcionam melhor quando estão em rede, são acostumados a fazerem diferentes coisas ao mesmo tempo, prosperam na gratificação instantânea e em recompensas frequentes, ou seja, aspectos que as redes sociais são especializadas. Sendo assim, é justificável que a escola utilize das redes sociais como ferramenta para acompanhar essa dinâmica contemporânea, visando gerar no público surdo o incentivo pela participação mais efetiva e interativa nos conteúdos educacionais, promovendo envolvimento no processo ensino-aprendizagem de Libras e de Língua Portuguesa.

## **Capítulo 6 – Considerações Finais: diálogos da tese para pensar uma escola em que a potência da criação e da *escrita de si surda* está presente.**

---

Aquele que pratica ações também é afetado por elas. Afetado por sentidos sociais, políticos, históricos e psicológicos intrínsecos às formas de comunicação. Ao se comunicar o sujeito estabelece sentidos que auxiliam a constituir-se num processo de formação subjetiva viabilizado pela relação com a língua, formadora da cultura compartilhada. Nesse sentido, as redes sociais tem proporcionado a interação entre as pessoas apresentando formas de utilizar elementos que intervêm na sintagmática interiorização do sujeito.

No caso de sujeitos surdos as plataformas virtuais de relacionamento social têm possibilitado novas conexões para a inscrição ética desse público. Elas estão sendo usadas (além de outras funcionalidades) como espaço de fuga, de resistência e de re-existência, ou seja, como um local para a liberdade comunicativa por oferecer um ambiente possível para os sujeitos surdos apresentarem suas posições usando a Língua de Sinais frente aos argumentos uns dos outros, isto é, a biopolítica está funcionando e a Libras faz parte desse processo de governamentalidade, porque por ela também se veiculam saberes molares. Sendo assim, da mesma forma que os ouvintes vão se apropriando dos espaços tecnológicos, também os sujeitos surdos vão espontaneamente escolhendo utilizar a rede social como espaço em que podem ser vistos e, com isso, vão limitando o aparecimento de algumas barreiras sociais que poderiam surgir fora do meio midiático, tendo em vista que no ciberespaço o ambiente tende a ser mais “permissivo” para se posicionar do que em espaços não virtuais. Para tanto, assim como qualquer usuário da rede, os surdos também escrevem, posicionam-se, postam imagens, enfim, agem institivamente na maneira que, em suas concepções, possam favorecer o seu poder pessoal no mundo.

No entanto, essas práticas poderiam ser oportunizadas pelas instituições escolares como estratégia pensada para a educação de surdos. Ora, como vimos num pequeno recorte apresentado aqui neste estudo, a materialidade da *escrita surda de si* é utilizada como tecnologia de linguagem contemporânea nos meios midiáticos e poderia ter seu funcionamento melhor aproveitado pelas escolas, pois além do fato da internet parecer ser um espaço mais democrático do saber, ela possibilita o maior trânsito do público surdo, além do fato deles já fazerem uso dessa modalidade de escrita nas redes sociais.

Sendo assim, a proposta aqui sugerida é de que a educação de surdos siga o fluxo das atualizações da contemporaneidade - não mais formulada no modelo predominantemente

pedagógico tecnicista - pensando num ensino dedicado em atender as demandas do estudante surdo do novo milênio, ofertando mecanismos textuais pautados numa escrita crítica, ou seja, que passa pela via do esclarecimento analítico de parar o olhar nos fatos (textos) cotidianos em que o sujeito se inscreve no/pelo discorrer de seus escritos, refletindo na escuta sobre si mesmo, num jogo de relação subjetiva tanto do aluno-escritor quanto de seu leitor, possibilitando que o aluno surdo, além da construção de subjetividades, seja levado também a experiências (limite) de dessubjetivação a qual, conforme Foucault (2010), tem a função de arrancar o sujeito de si, de fazer com que ele não seja mais ele mesmo, se sacudindo para se desprender de si próprio e impedir a sedimentação de seus conceitos, fazer do sujeito que narra, outra coisa, com novas (re)formulações.

Todavia, propor às escolas a aceitação da escrita surda como forma de registro linguístico (seja ele materializado em Libras ou em LP) como um meio democrático do saber para as emergências de inscrições surdas (como tem aparecido nas redes sociais), sugere um (re)desenhar do ensino de LP para os surdos que vem da ordem da contemporaneidade, como um convite a heterotopia, ou seja, a manifestar “uma ação no presente e no lugar, a produção da diferença no espaço do mesmo” (CARVALHO; GALLO, 2022, p.159) na tentativa de fazer do ensino da escrita um espaço de inscrição de si que leva além do atual ensino instrumentalizado da língua portuguesa no seu modo disciplinar e vigilante. É buscar tornar mais prazeroso o ensino, mais dentro da usualidade da língua, através da criticidade, estimulando sobre determinados assuntos, arrancando o sujeito de seu atual *status*, modificando-o, provocando-o a um pensamento analítico agenciado por potências criativas e, ao fazerem uso de uma escrita reflexiva como dispositivo (que tem mecanismos para direcionar vetores de forças), os alunos surdos questionarão ainda mais as práticas e formas de governo em que estão inseridos, produzirão ainda mais focos de resistência sobre as condições culturais e de atuais políticas engessadas, no âmbito de sua educação, como também para outros contextos discursivos.

Porém, o campo da educação vem por muito tempo submetendo seu alunado a contínuas atuações de maquinarias de poder formadas por relações humanas produtoras de verdades estruturalmente arcaicas. Nesse sentido, intervir no campo de verdade instaurado no sistema escolar por meio de discussões e argumentações, como as que proponho aqui neste trabalho, além de ser desafiador é antes de tudo uma forma de resistir às ações reguladas pelo sistema já instaurado pelo aparelho do Estado.

No caso da educação de surdos não é diferente, também se faz necessário romper com diversos discursos acolhidos como forma padrão de ensino, entre eles o discurso metodológico e sua dinâmica caduca de se apoiar no ensino de LP que não tem objetivado nas singularidades linguística deste público. Porém, o cenário pode ser outro. Mas, para que mudanças venham a acontecer no ambiente escolar entendo que é imprescindível:

a afetação do próprio campo de verdade, ou seja, um esforço para que se abra mão de todos os hábitos que são reproduzidos, de todos os mecanismos automáticos de distribuição de tarefas, de todos os engendramentos que distribuem os sujeitos em lugares demarcados, quer dizer, temos de afetar todo o campo de verdade do que vigora como prescrição inquestionável nas experiências com a educação e nas estruturas da Escola (CARVALHO; GALLO, 2022, p.45).

Essa iniciativa de propor mudanças no cenário educacional para surdos é uma estratégia complexa, no entanto é uma necessidade democrática capaz de agir na pluralidade, na busca molecular de produzir e reforçar produções de linhas de fugas advindas de agenciamentos de singularidades ligados à potencialização das diferenças dos sujeitos. Nesse cenário, as redes sociais surgem como canal acessível e descentralizado para a expressividade do sujeito através da *escrita surda de si* mesmo enquanto registro, o qual utiliza de tecnologias linguísticas contemporâneas para serem materializados e, como todo texto, é possuidor de habilidades comunicativas.

A *escrita surda de si*, a que aparece em registros virtuais, é um ato político que atua como um forte dispositivo de enfrentamento ao sistema educacional de surdos, pois proporciona uma potência de (des)construir caminhos das concepções educativas de uso funcional (LP/Libras), causando efeitos no que tange a compreensão do objeto da escrita: em si e no outro. Ou seja, na medida em que o sujeito surdo incita reflexões utilizando o ‘registro’ material como espaço ascético e de refacção de si, muda a si mesmo e ao outro.

Para tanto, se faz necessário criar mecanismos para a reestruturação de uma escola atualizada, aberta à transformações e que esteja “mais ocupada com os processos, com o caminhar, do que preocupada com os pontos de chegada, objetivos e metas estabelecidas e verificadas por avaliações de larga escala” (CARVALHO; GALLO, 2022, p.164) para que os alunos surdos possam ter na escola uma instituição verdadeiramente comprometida a trabalhar de maneira plural e, assim, nutrir uma comunidade escolar mais aberta a invenção e efetivamente cri(ativa).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, D. L. de; LACERDA, C. B. F. de. A escrita de sujeitos surdos: uma investigação sobre autoria. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 30, p. 1–25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8656726>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ALMEIDA, D.L. **Português como segunda língua para surdos**: a escrita construída em situações de interação mediadas pela Libras. 2016. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, 2016.

AMARAL, T. C. **Uma escola em crise. Um professor descentrado. Um caminho possível?**. Educere, Congresso Nacional de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Paraná [online]. 2013. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7251\\_6284.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7251_6284.pdf) . Acesso em: 20/03/2022.

ANECLETO, U. C. Tecnologias digitais, ação comunicativa e ética do discurso em redes sociais . **Texto livre**, Belo Horizonte-MG, v. 11, n. 2, p. 304–317, 2018. DOI: 10.17851/1983-3652.11.2.304-317. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16806>. Acesso em: 16 fev. 2022.

ARAÚJO, G. P. **Trato desfeito**: o revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira. 2011. (Dissertação) Mestrado Departamento de Teoria Literária e Literaturas -Universidade de Brasília, 2011.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas de subjetividade contemporânea. Tradução Paloma Vidal. Rio de Janeiro: UERJ, 2010. 370p.

ASSUNÇÃO, A. B. M.; JORGE, T. M. As mídias sociais como tecnologias de si. **Esferas**, n. 5, 17 mar. 2015. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5331>. Acesso em: 20 nov. 2021.

BARBEIRO, L. F.; PEREIRA, L. A. **O Ensino da escrita**: a dimensão textual. Lisboa: ME. DGIDC. PNEP, 2007.

BARBOSA, M. “Isso a imprensa não mostra”. In: BARBOSA, M. (org.). **Pós-verdade e fake news**: reflexões sobre a guerra de narrativas. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

BARBOSA, M. Viver conectado, subjetividade no mundo contemporâneo. **Ide**, [S. l.], v. 35, n. 55, p. 89-101, 2013.

BENTO, B. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 53, e185305, p. 1-18, 2018.

BUNZEN, C. A fabricação da disciplina escolar Português. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11, p. 885-911, 2011.

CABELLO, J. **Desenvolvimento de objetos de aprendizagem para alfabetização de crianças surdas: novas tecnologias e práticas pedagógicas**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, 2015.

CAMPBELL, C.; FARRELL, J. R. (2020). **More than meets the eye: The functional components underlying influencer marketing**. *Business Horizons*, 63(4), 469-479. <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2020.03.003>

CARVALHO, A. F.; GALLO, S. **Do sedentarismo ao nomadismo: intervenções do pensamento das diferenças para a educação**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

CARVALHO, A.F. **Histórias e subjetividades no pensamento de Michel Foucault**. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia) - Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2007.

CARVALHO, J. M. Macro/Micropolítica, cotidiano escolar e constituição de um corpo coletivo em devir. **ETD - Educ. Temat. Digit.** Campinas, v. 21, n. 1, p. 47-62, jan. 2019. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1676-25922019000100047&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-25922019000100047&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 19 out. 2022.

CASALÓ, L. V.; FLAVIÁN, C.; IBÁÑES-SÁNCHEZ, S. (2018). Influencers on Instagram: Antecedents and consequences of opinion leadership. **Journal of Business Research**, 117, 510-519. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2018.07.005>

CHRISTOFOLETTI, R. O caso do Brasil: valores, códigos de ética e novos regramentos para o jornalismo nas redes sociais. **Cuadernos de Información**, Pontifícia Universidade Católica do Chile, Santiago, n. 29, jul./dic. 2011.

CINTRA, A. *et al.* Cartografia nas pesquisas científicas: uma revisão integrativa. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 29, n. 1, p. 45-53, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/fractal/v29n1/1984-0292-fractal-29-01-00045.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2019.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de Língua Portuguesa. *In.*: SIGNORINI (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.135-166.

COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, maio/ago.2014. Disponível em: [https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf\\_1](https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/15111/pdf_1). Acesso em: 25 fev. 2022.

COSTA, L.B.; Amorim, A.S.L. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de pesquisa em educação**, Blumenau, v.14, n.3, p.912-933, set./dez. 2019. Disponível em:



<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8045/4450>. Acesso em: 06 mar. 2022.

COSTA, L. B.; A cartografia parece ser mais uma ética (e uma política) do que uma metodologia de pesquisa. **Revista Paralelo 31**, Pelotas – RS, n. 15, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/20997>. Acesso em 14, jun. 2021

DELEUZE, G. Prefácio: três problemas de grupo. *In*: GUATTARI, F. **Psicanálise e transversalidade**: ensaios de análise institucional. Aparecida: Ideias & Letras, 2004.  
\_\_\_\_\_. **Dois regimes de loucos**: texto e entrevista (1975-1995). Tradução: Guilherme Ivo. São Paulo: Editora 34, 2016.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011a.

\_\_\_\_\_. **O anti-Édipo**: capitalismo e Esquizofrenia. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Riode Janeiro: Editora 34, 2011b.

\_\_\_\_\_. **Que é a filosofia?** Tradução: Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998. 180 p.

D'ELIA, M. E. R. **O texto do professor no texto do aluno**: intenções e significados. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade de Campinas, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000416162>. Acesso em: 14 mar. 2022.

DUARTE, C. G.; TASCETTO, L. R. Ciência maior e ciência menor: ressonâncias da filosofia de deleuze e guattari na etnomatemática. **Alexandria**: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia. UFSC, Florianópolis, Santa Catarina, v. 6 n. 1, 2013.

EMARSYS. 'Top 5 Social Media Predictions for 2019'. **Emarsys**, [S. l.], n. 3, jun. 2019. Disponível em: <<https://emarsys.com/learn/blog/top-5-social-media-predictions-2019/>> Acesso em: 10 fev. 2020.

FIGUEIREDO, L. C.; GUARINELLO, A. C. Literatura infantil e a multimodalidade no contexto de surdez: uma proposta de atuação. **Revista Educação Especial**, [S. l.], n. 324

FIORIN. A multiplicação dos *ethe*: a questão da heteronímia. *In*: MOTTA, A. R. SALGADO (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008b, p.55-69.

FIORINDO, P. P. Ethos: Um percurso da retórica à análise do discurso. **Revista Pandora Brasil**, [S. l.], n. 47, out. 2012. O ethos nos estudos discursivos da ciência da linguagem.  
FOUCAULT, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. [S. l.], 1988.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres.** Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. *In:* FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3. ed. Tradução Antonio F. Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

\_\_\_\_\_. O Anti-édipo: uma introdução à vida não fascista. São Paulo, **Cadernos de Subjetividade** / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, v. 1, n. 1, 1993, p. 197-200.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. *In:* RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p.231-249.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal. 1996.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In:* DITOS & ESCRITOS V. **Ética, Sexualidade, Política.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento.** 2 ed. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_. **Ética, Sexualidade e Política:** Ditos e Escritos V. Trad. Roberto Machado. 3ªed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

\_\_\_\_\_. **Tecnologias de si.** 1982. Verve, n. 6. 2011. Disponível em: [file:///E:/Users/usuario/Downloads/5331-23673-1-PB%20\(1\).pdf](file:///E:/Users/usuario/Downloads/5331-23673-1-PB%20(1).pdf). Acessos em: 19 nov. 2021.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade.** Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Conversa com Michel Foucault.** *In:* Ditos e Escritos vol. 6: Repensar a Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a, p. 289 – 346.

\_\_\_\_\_. **A Coragem da verdade:** O governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984). 1. ed. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FONSECA, T. G.; KIRST, P. **Cartografias e devires:** a construção do presente. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**: A sociedade brasileira em transição. R J: Editora Paz e Terra, S.A., 1967/2000. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao\\_pratica\\_liberdade.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf). Acesso em: 6 abr. 2021.

FREITAS, A. S. O cuidado de si e os perigos de uma ontologia ainda sem cabimento: o legado ético-espiritual de Foucault. **Revista Pro-Posições**, [S. l.], v. 25, n. 2 (74), p. 121-138, maio/ago. 2014.

FUGAZZA, Q.; SALDANHA, S. Privacidade, ética e informação: uma reflexão filosófica sobre os dilemas no contexto das redes sociais. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [S. l.], v. 22, n. 50, p. 91–101, 2017. DOI: 10.5007/1518-2924.2017v22n50p91. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p91>. Acesso em: 16 fev. 2023.

GALLO, S. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. **Ethica**. Rio de Janeiro, v.13, n.1, p.17-35, 2006. Disponível em: <https://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wpcontent/uploads/2016/09/gallo-filosofia-eseu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>. Acesso em: 8 de out. 2020.

GALLO, S. Entre Édipos e o anti-Édipo: estratégias para uma vida não fascista. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GALLO, S.; ASPIS, R. L. Biopolítica-vírus e educação-governamentalidade e escapar e... **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba, v. 37, n. 2, p. 167-179, dez. 2011.

GESUELI, Z. M.; MOURA, L. de. Letramento e Surdez: a visualização das palavras. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.110-122, jun. 2006.

GALHARDI, C. P.; FREIRE, N. P.; MINAYO, M. C. S.; FAGUNDES, M. C. M. (2020). Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 25, 4201–4210. <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>

GOMES, A. C. (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, RJ. Editora FGV, 2004.

GONÇALVES, J. B. C. O conceito de ethos do enunciador na obra em busca do sentido: estudos discursivos, de J. L. Fiorin. Bakhtiniana. **Revista Estudo Discurso**, [S. l.], v. 10, n.3, sep./dec. 2015. Doi: [org/10.1590/2176-457322274](https://doi.org/10.1590/2176-457322274)

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

KARNOPP, L. B.; POKORSKI, J. de O. Representações na literatura surda sobre modos de ser surdo. **Educação e Filosofia**, [S. l.], v. 29, n. n.ESP, p. 355–373, 2016. DOI: 10.14393/REVEDFIL.issn.0102-6801.v29nEspeciala2015-p355a373. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/29988>. Acesso em: 17 fev. 2022.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do Cartógrafo. *In*: E. Passos, E. Kastrup, & L. Escóssia (org.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 32-51.

KARHAWI, I. A percepção do público sobre a profissionalização dos blogs de moda: um estudo exploratório. Intercom, 2016.

KAWASE, E. M. **Revisão sistemática sobre produção de vídeos na escola para alunos surdos**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de educação e ciências humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

KIM, D. Y.; KIM, H.-Y. (2021). **Trust me, trust me not: A nuanced view of influencer marketing on social media**. *Journal of Business Research*, 134, 223-232. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.05.024>

KIRST, P. G.; GIACOMEL, A. E.; RIBEIRO, C. J. S.; COSTA, L. A.; ANDREOLI, G. S. Conhecimento e Cartografia: tempestade de possíveis. *In*: T. M. G. Fonseca; P. G. Kirst(org.). **Cartografias e devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2003. p. 91-103.

KIST, K. **Narrativas de professores surdos do Ensino Superior sobre os processos de produção acadêmica**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Produção de Sujeitos, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2020.

LAHIRE, B. **La raison scolaire**: école e pratiques d'écriture, entre savoir et pouvoir. Rennes, FR: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LEBEDEFF, T. B. Experiência Visual e Surdez: discussões sobre a necessidade de uma de uma 'visualidade aplicada'. **Fórum**, Rio de Janeiro, v. 29-30, p. 13-25, 2014.

LEBEDEFF, T. B. O povo do olho: uma discussão sobre a experiência visual e surdez. *In*: LEBEDEFF, T. B. (org.). **Letramento visual e surdez**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2017, p. 226-251

LEBEDEFF, T. B.; GRUTZMANN, T. P. Visualidade na Educação: reflexões sobre sua importância e possibilidades de uso em sala de aula. **Educação matemática em Revista-RS**, v. 2, p. 160-167, 2021.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEMOS, A. **Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura**. Salvador: Facom, UFBA, 2005. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio.pdf>. Acesso em: out.2022.

LIMA, N. L.; SANTIAGO, A.L.B. O diário íntimo como produto da cultura moderna. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro. v. 62, n. 1, p. 22-34, abr. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180952672010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180952672010000100004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 nov. 2021.

LODI, A. C. B.; BORTOLOTTI, E. C.; CAVALMORETTI, M. J. Z. Letramentos de surdos: práticas sociais de linguagem entre duas línguas/culturas. **Bakhtiniana: revista de estudos do discurso**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. Port. 131–149 / Eng. 137, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/19304>. Acesso em: 17 fev. 2022.

LODI, A. C. B.; LACERDA, C. B. F. **Uma escola, duas línguas letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização**. 4. ed. [S.l.]: Editora Mediação, 2014.

LOPES, M. C; THOMA, A. S. Subjectivation, normalisation et constitution de l'éthos sourd: politiques publiques et paradoxes contemporains. **La nouvelle revue de l'adaptation et de la scolarisation**, [S.l.], v. 1, p. 105-116, 2013.

LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Os discursos da diferença no contexto das políticas de inclusão: a normalidade no detalhe. *In*: TREVISAN, A. L.; TOMAZETTI, E. M.; ROSSATO, N. D. (org.). **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. *In*: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. S. (org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MARCUSCHI, L. A. Exercícios de compreensão ou cópia nos manuais de ensino de língua? **Em Aberto**, [S.l.], v. 16, n. 69, p. 63-82, 2008.

MARTINS, C.F.V. Molar e molecular: uma cartografia. **Revista Mosaicum**, [S.l.], v. 16, n. 32, 2020. DOI: <https://doi.org/10.26893/rm.v16i32.462>.

MARTINS, V. R. O. (2021). O governo das diferenças e a potência da vida surda na escola. **Educação e filosofia**, [S.l.], v. 34, n. 70, p. 73-101, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v34n70a2020-51978>.

MARTINS, V. R. O.; NASCIMENTO, L. C. R. Práticas de leitura e escrita de adultos em contexto dialógico: produções em português mediadas pela libras. **Revista X**, [S.l.], 2017.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MENDES, L.; BONILHA, M. C.; ICHIKAWA, E. Y.; SACHUK, M. I. Tecnologias sociais, biopolíticas e biopoder: reflexões críticas. **Cadernos EBAPE.BR (FGV)**, [S.l.], v. 13, p. 687-700, 2015.

MORAES, M. V. M. **Genealogia - Michel Foucault**. In: Enciclopédia de Antropologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2018. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/genealogia-michel-foucault>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MORAIS, M. Z. de; LUNARDI-LAZZARIN, M. L. Pedagogia e Diferença: capturas e resistências nos discursos curriculares da educação de surdos. In: THOMA, A. S.; KLEIN, M. (org.). **Currículo & Avaliação**: a diferença surda na escola. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. p. 16-31.

MORICONI, I. Circuitos contemporâneos do literário (indicações de pesquisa). **Gragoatá**, [S.l.], v. 11, n. 20, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33244>. Acesso em: 2 ago. 2021.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NOGUEIRA, B. I.; VIANNA, C. R. **Enfim, posso falar!** Educação de Surdos, Linguagens e Experiências. Silva, R. A. S. e Hollosi, M. (org.). Uberlândia: Navegando Publicações, 2021. Disponível em: [https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/rosane-\\_2a\\_diagrama\\_o-\\_revisado-min](https://issuu.com/navegandopublicacoes/docs/rosane-_2a_diagrama_o-_revisado-min). Acesso em: 14 set. 2021.

NONATO, S. **Escrita, ensino de língua portuguesa e formação do professor**. Trab. linguist. apl. [online]. 2019, vol.58, n.3, pp.1282-1309. Epub Dec 09, 2019. ISSN 2175-764X. DOI: <https://doi.org/10.1590/010318135528715832019>.

NORONHA, J. M. G.; Autobiografia e memória. In: GONZÁLEZ, Elena Palmero; COSER, Stelamaris. **Em torno da memória**: conceitos e relações. Porto Alegre: Letra1, 2017, p. 55-64.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração universal dos direitos humanos**, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 12 dez. 2020.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. Pista 1: A cartografia como método de pesquisa intervenção. In: PASSOS, Eduardo. KASTRUP, Virgínia. ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. (vol. 1). Porto Alegre: Sulina, 2009.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum** (vol. 2). Porto Alegre: Sulina, 2014

PELUSO, L. Traducción entre español escrito y lengua de señas uruguaya videograbada: un nuevo desafío. **Cadernos Traduções**, Florianópolis, v.5, especial 2, jul - dez, p. 479-504, 2015.

\_\_\_\_\_. Considerações teóricas sobre a educação de surdos: especial, bilíngue, inclusiva. **Revista Educação Especial**, [S.l.], v. 32, n. 87, p. 1 – 22, 2019.

PERLIN, G. T. T. **Histórias de vida surda: identidades em questão**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

PERLIN, G. T.; MIRANDA, W. Tendências – surdos: o narrar e a política. Ponto de Vista: **Revista de Educação e Processos Inclusivos**, Florianópolis, n. 5, p. 217-226, 2003.

POKORSKI, J. O. **Narrativas surdas de percursos acadêmicos**. 2020. Tese (Doutorado em educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020.

PRADO FILHO, K. Ontologia e ética no pensamento de Michel Foucault. *In*: ZANELLA, AV., et al. (org.). **Psicologia e práticas sociais** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 57-66. ISBN: 978-85-99662-87-8. Available from SciELO Books.

PRENSKY, M. **Digital Natives, Digital Immigrants**. [S.l.n.], 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/>, texto publicado na sua primeira versão em 2001. Acesso em: 11 out. 2022.

RAGO, M. Introdução: balizas. *In*: \_\_\_\_\_. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Unicamp, 2013, p. 23-59.

RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. (org.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. (Coleção Estudos Foucaultianos).

RIBEIRO, C. E. Nietzsche, a genealogia, a história: Foucault, a genealogia, os corpos. **Cad. Nietzsche**, Guarulhos/Porto Seguro, v.39, n.2, p. 125-160, maio/agosto, 2018.

RIEMSDIJK, G.; SOUZA, A.; CRUZ, J. GONÇALVES, J; OLIVEIRA, R.; ESTEVES, M.; MAGALHÃES, J. **O fator fake news na atualidade, na mira da psicologia**. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, vol. 1, núm. 1, pp. 255-262, 2020

ROJO, R. Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: um retorno ao *trivium*? *In*: SIGNORINI, I. (org.). **Rediscutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 73-108.

SALES, T. A.; ESTEVINHO, L. de F. D. Cartografias de vida-e-morte em territórios pandêmicos: marcas-ferida, necro-bio-políticas e linhas de fuga. **Revista M. estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, [S.l.], v. 6, n. 11, p. 275–293, 2021. DOI: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2021.v6i11.275-293>

SILVA, P. C. G.; SOUSA, A. P. de. Língua e sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural. **Educação e Emancipação**, São Luís, v. 10, n. 3, set./dez. 2017.

SILVA, R. A. F. da; HOLLOSI, M. (org.). **Educação de surdos, linguagens e experiências**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

SILVA, M.V. O Impacto dos antecedentes e consequentes na liderança de opinião, considerando os tipos de influenciadores (nano, micro, macro e mega influenciador) como variável moderadora, no Instagram. Dissertação (Mestrado em Economia) Universidade do Porto, 2022.

SKLIAR, C. (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013.

SOARES, M. Português na escola: história de uma disciplina curricular. *In*: BAGNO, M. (org.). **Linguística da Norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 155-177.

SOLER, P. S. **Relações entre línguas e a experiência do aprender surdo**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Programa de Pós-graduação em Educação Especial-PPGEES, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

SOUZA, C. T. R. **A Expressão do sujeito surdo por meio da escrita em língua portuguesa**. 2019. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Programa de Pós Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

SOUZA, C. T. R.; LACERDA, C. B. F. O Uso de diários de aprendizagem como meio de ensino da linguagem escrita para surdos. *In*: SILVA, R. A. F. da; HOLLOSI, M. (Org.). **Educação de surdos, linguagens e experiências**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

TADEU, T.; CORAZZA, S.; ZORDAN, P. Pesquisar o acontecimento: estudos em XII Exemplos. *In*: \_\_\_\_\_ **Linhas de escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TEIXEIRA, L. C. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003.

VANDRESEN, D. S. A Ética como cuidado de si: pressupostos para a educação técnica de nível médio. **Revista Sul-Americana de filosofia e educação**, [S.l.], n. 26, p. 41-56, maio/out. 2016.

VEIGA-NETO, A. Pensar a escola como uma instituição que pelo menos garanta a manutenção das conquistas fundamentais da Modernidade. *In*: COSTA, M. V. **A Escola tem futuro?**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.



VEIGA-NETO, A.; TRAVESSINI, C. Apresentação da seção temática: por que governa mentalidade e educação?. **Educação & Realidade**, [S.l.], v. 34, n. 2, p. 13-19, 2009.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227054002>.